

UNQUIET



COLÔMBIA • INDONÉSIA • JAPÃO • SOCOTRA

MITSUBISHI MOTORS • G6 BANK | mastercard

EDIÇÃO 08 | UNQUIET

CUSTOM | A SUA AGÊNCIA DE CONTEÚDO

SOU *IN*QUIETO POR DES CO BER TAS

Atravessar os cinco continentes atrás de ondas perfeitas. Em cada destino, abraçar novas experiências e diferentes culturas. Viver uma rotina tão inquieta quanto as águas do mar.

É nesse ritmo que Everaldo Pato roda o mundo com sua família. Havaí, Indonésia, Austrália, África do Sul e Taiti são só alguns dos carimbos que eles carregam no passaporte. Ao lado da esposa, o big rider vê os filhos crescerem e se tornarem gigantes, como as ondas que encara. Faz o que ama ao lado de quem se ama.

E transforma o esporte em uma janela para descobrir novos lugares e pessoas.

Isso é ter Atitude Unquiet.

EVERALDO PATO

4you4 experience

JUNTOS SALVAMOS VIDAS.



**MITSUBISHI
MOTORS**

Drive your Ambition



Com o C6 Bank
você tem um
banco completo
no mundo inteiro

Conta**Global**

- Dólar e euro com só 1,1% de IOF
- Compra de moeda estrangeira 24h
- Tudo no mesmo app da sua conta no Brasil



Baixe o app
do C6 Bank

C6BANK

Sumário

- 016 **360°** – Destinos para colecionar grandes momentos de forma sustentável
- 032 **Check-in** – Lançamentos e produtos *eco-friendly* para você incluir na sua viagem
- 038 **Sustentabilidade** – A cestaria garante sustento e enaltece indígenas na Amazônia
- 042 **Biblioteca** – Grandes autoras e personagens femininas que inspiram lindas histórias
- 048 **Brasil** – Um cruzeiro fluvial entre igapós e igarapés na maior floresta tropical do mundo
- 058 **Cultura** – Experiências inesquecíveis nas ilhas de Bali e de Java, na Indonésia
- 072 **Arte** – Museus, novos artistas e as novas galerias em Buenos Aires
- 082 **Esporte** – Aventura e preservação em uma jornada de bike pela Rota do Cacau
- 092 **Bem-estar** – Os rituais seculares da arte japonesa de receber nos *ryokans*
- 100 **Proudly** – District 5, em Zurique, é reduto de celebração do orgulho LGBTQIAPN+
- 104 **Ensaio** – Cenas do cotidiano ao redor do mundo pelas lentes de Dani Tranchesi
- 112 **Gastronomia** – Sabores, aromas e texturas num giro gastronômico por Bogotá
- 124 **Aventura** – Socotra, um paraíso intocado entre o Oceano Índico e o Mar da Arábia
- 140 **Entrevista** – Tetê Etrusco, a grande anfitriã e benfeitora de Paraty
- 144 **Crônica** – Renata Ceribelli faz um alerta sobre o aquecimento global
- 146 **Inspiradores** – Jesse Koz e seu cão, Shurastey: uma dupla de viajantes “*unquiet*”

JORNADAS ✈️ UNQUIET



A PRIMEIRA JORNADA UNQUIET COM DESTINO QUÊNIA ESTÁ CHEGANDO!

Uma viagem inesquecível repleta de aventuras na companhia de **Corinna Sagesser**, publisher da revista, e **Marina Klink**, fotógrafa de natureza, para um grupo pequeno de viajantes com espírito UNQUIET, de 13 a 20 de novembro.

Venha fazer parte dessa viagem mais que especial

Saiba mais em revistaunquiet.com.br
ou pelo email jornadasunquiet@customeditora.com.br



@REVISTAUNQUIET

Stay alive. Be UNQUIET.

“Uma vez por ano, vá a algum lugar onde você nunca esteve antes.”

Dalai-Lama

PATROCINADORES



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva (*in memoriam*)

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO

Nathalia Hein

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: Arthur Veríssimo, Daniel Japiassu, Erik Sadao, Fernanda Diamant, Gabriela Figueiredo, Luísa Micheletti, Marjorie Luz, Renata Ceribelli, Victor Collor e Zeca Camargo

Fotos: Alamy, Claus Lehmann, Dani Tranchesí, Felipe Abreu, Istock, Getty Images, Tuca Reínés, Unsplash e Victor Collor

Ilustração: Antônio Tavares e Aline Bispo

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Victor Collor

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar - Jardim Paulista

São Paulo (SP) - CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

revistaunquiet.com.br

@revistaunquiet

/revistaunquiet

revista unquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Viajar pelo mundo me faz perceber como nosso planeta é grande e o quanto aprendo cada vez que conheço um lugar novo... Ou, quando viajo para lugares onde já estive, percebo que sempre vivo novas experiências e quanto há ainda para aprender. Uma das minhas primeiras viagens pós-pandemia foi para a Indonésia, onde vivi momentos únicos, como a bênção espiritual que recebi de um monge budista, que me fez sentir mais leve e repleta de energia. Outro momento marcante foi a visita ao monumental templo de Borobudur, que me encantou pela sua grandiosidade e espiritualidade.

Nesta edição, além da Indonésia, trazemos outros destinos incríveis, como a inexplorada Ilha de Socotra, com suas praias desertas e paisagens intocadas: uma verdadeira viagem de pura aventura.

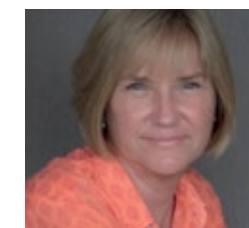
Também convidamos você a conhecer a arte, as galerias e os museus de Buenos Aires, resgatando a história da Argentina, e a embarcar em uma viagem pelos rituais milenares de bem-estar nos *ryokans* do Japão, que trazem a paz e a tranquilidade que tanto precisamos nesses novos tempos. Viajamos pela deliciosa gastronomia de Bogotá – para os amantes do melhor da cozinha mundial – à procura de novos sabores e aromas... Imperdível!

Participamos, ainda, do tradicional Montreux Jazz Festival, na Suíça, que teve a presença mais que especial da musa Diana Ross.

E, como nosso Brasil é encantador, fomos pedalar pela Rota do Cacao, no sul da Bahia, e conhecer mais da história desse fruto e as praias ainda intocadas pelo caminho. Fizemos também uma viagem de barco pelo Rio Negro, no Arquipélago de Anavilhanas, no coração da Floresta Amazônica, conhecendo projetos sociais nas comunidades ribeirinhas, com foco em sustentabilidade, um dos pilares da UNQUIET.

Assim percebo o quanto ainda tenho para conhecer mundo afora, sempre em busca de novos aprendizados e experiências. Que esses destinos inspirem você a viver...

Stay alive.
Be Unquiet.



CORINNA SAGESSE
PUBLISHER

Tuca Reínés

20 milhões de contas abertas em apenas 3 anos.

Com o C6 Bank, você tem um banco completo no Brasil e no exterior. Financiamento, pagamento, transferências e uma plataforma de investimento com a credibilidade do maior banco americano. **Tudo em um só app.**



Baixe o app
e abra sua conta

C6 BANK



Colaboradores



Antes de mais nada um contador de histórias, **Zeca Camargo** gosta de percorrer o mundo e viver grandes experiências, para depois compartilhá-las com seu enorme e diverso público – uma tarefa que faz com entusiasmo e maestria, seja na tela, seja por meio de relatos escritos. A convite da UNQUIET, ele realizou um tour gastronômico por Bogotá, na Colômbia, percorrendo os melhores restaurantes da cidade. Um roteiro de dar água na boca, e que você lê na seção Gastronomia.



Dani Tranchesi estudou comunicação na Escola Superior de Propaganda e Marketing e fotografia na Escola Panamericana de Arte, mas seu olhar apurado para o mundo é inato. Como fotógrafa, ela busca incessantemente entender o limite entre “ver” e “enxergar”. Seu projeto mais recente, o *3 É 5*, mostra o dia a dia das feiras públicas em São Paulo e rendeu um livro e uma exposição. Entre seus trabalhos estão ainda as exposições *Terra em Transe* e *Lindo Sonho Delirante*.



Um dos rostos mais conhecidos do jornalismo brasileiro, **Renata Ceribelli** visita a casa de milhões de brasileiros todos os domingos, há 24 anos, com suas reportagens para o *Fantástico*, da Rede Globo. Entre suas outras paixões estão viajar e escrever. Vencedora (duas vezes) do Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo, é coautora do livro *Trans*, e mantém no ar o podcast *Prazer, Renata*, sobre assuntos femininos. Ela assina a Crônica desta edição.



Aline Bispo é ilustradora e artista visual. Seus primeiros trabalhos começaram em 2008, grafitando as ruas de São Paulo, e desde 2012 vem produzindo pinturas e ilustrações. Sua arte transita pela diversidade da megalópole, entre o centro e a periferia, afinando seu talento criativo e sua estética. Em suas produções, ela investiga temáticas como miscigenação brasileira, gênero, sincretismos religiosos e etnia. É dela a ilustração na seção Crônica.



Curioso e permanentemente apaixonado pela arte de se perder pelo mundo, o fotógrafo alagoano **Victor Collor** é um contador e colecionador de histórias. Sua última série, intitulada *Primeiros Brasileiros*, veio como uma forma de se somar à luta indígena durante a pandemia. O lucro das vendas foi revertido para a proteção contra a covid-19 entre a etnia Kuikuro, no Xingu, Mato Grosso. Victor assina o texto e as fotos da matéria de capa, sobre sua viagem a Socotra, uma longínqua ilha do Iêmen.



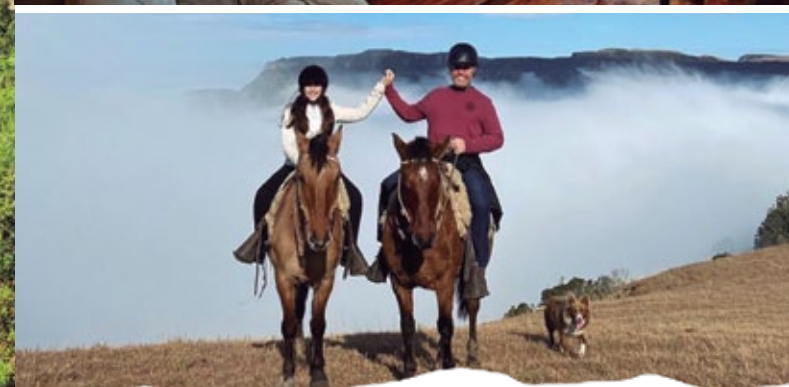
Sempre em busca do novo, **Luisa Micheletti** é incansável em sua carreira de atriz, apresentadora e escritora. Por 12 anos, ela esteve à frente de programas da MTV Brasil e do Multishow e atuou em mais de dez peças teatrais, além de novelas e séries. Como autora, publicou os livros *Nem Sofá, Nem Culpa* e *Dentro do Outro*, além da peça *Soror*. Ciclista nas (raras) horas vagas, percorreu de bike o sul da Bahia ao lado do marido, o fotógrafo Claus Lehmann.



Profissional “multimídia”, **Arthur Veríssimo** atua há mais de 40 anos nos mais importantes meios de comunicação do Brasil, incluindo revistas e grandes emissoras de rádio e TV. Além de jornalista, trabalha como roteirista, radialista, palestrante, apresentador, produtor e fotógrafo. De sua curiosidade, nasceu a necessidade de se aventurar mundo afora, em viagens que resultaram em um imenso acervo fotográfico e documental, que ele divide com a UNQUIET, na seção Cultura.



O universo de **Fernanda Diamant** é permeado pela paixão pela literatura. Leitora voraz, ela transformou seu entusiasmo pelo tema em mote de vida. É uma das criadoras da livraria Megafauna, instalada no Edifício Copan, no centro de São Paulo, e da editora Fósforo, que nasceu em 2021 e já publicou mais de 40 livros. Formada em filosofia pela Universidade de São Paulo, idealizou o podcast *Vinte Mil Léguas*, sobre ciências e livros, e fez a curadoria da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) de 2019.



DESAFIO ÍNGREME

Para chegar ao topo e ver o mar, você enfrentará, na segurança do seu Mitsubishi, as 284 curvas fechadas da SC-390 – uma das estradas mais incríveis do Brasil

A Serra do Rio do Rastro é famosa por abrigar uma das estradas mais belas e desafiadoras do mundo. Abundante em contornos pronunciados, é um desses destinos que incitam aventureiros e estabelecem uma sinergia perfeita com o projeto MIT Drivelines, cuja proposta é convidar proprietários de veículos Mitsubishi 4x4 a embarcarem em *roadtrips* por destinos brasileiros pouco explorados, no melhor estilo *easy rider*.

De tão peculiar, a Rodovia SC-390 chega a ser dramática. Desde o litoral até a serra catarinense, ela faz um zigzague pontuado por 284 curvas fechadas (algumas com 180 graus), desenhando uma pista em mão dupla, estreita e íngreme, que começa em Lauro Müller e sobe em direção a Bom Jardim da Serra, em um trajeto que leva, em média, uma hora. Para percorrer essa aventura, as palavras-chave são conforto, segurança e desempenho. E um 4x4 Mitsubishi traz aderência e estabilidade na medida certa para curtir a viagem tranquilamente.

Trata-se de um caminho pavimentado somente na década de 1980. São 12 quilômetros de concreto armado, em uma extensão de 35 quilômetros. A habilidade como motorista é essencial para driblar as descidas em rampas em áreas íngremes. Descer a serra, aliás, soa emocionante, rente a um imponente paredão, e tranquilo, com toda a segurança de um Mitsubishi. Mas é na subida que se percebe o tanto que essa estrada, curvilínea e com declive acentuado, exige, mais e mais. Pelo caminho, bocados verdejantes de Mata Atlântica encham os olhos, pontuados por cascatas, escarpas, desfiladeiros e oratórios antigos encravados na rocha.

Um mirante, a 1.421 metros de altitude, marca o fim da jornada, já em Bom Jardim da Serra. Por isso, a dica é calcular a subida para chegar ao topo antes do pôr do sol, ainda que o passeio não termine quando anoitece. À noite, a cena é também espetacular, com o traçado sinuoso da estrada iluminado. Toda

Acima, uma das cabanas do Il Refúgio, um Pajero Sport, que garante aderência e estabilidade para os desafios da serra, e o passeio a cavalo pela região, proposta do Rio do Rastro Eco Resort. Na página ao lado, as curvas pronunciadas da Serra do Rio do Rastro

essa contemplação, obviamente, só é possível quando o tempo permite. O melhor a fazer é escolher um dia de céu limpo, porém essa escolha não garante cem por cento o panorama. Independentemente da época do ano, a neblina vai e vem durante o dia – e, se a temperatura é muito baixa, é comum a formação de lâminas de gelo sobre a pista. Quando isso acontece ou se chove demais, a estrada é interditada para garantir a segurança.

Além de percorrer essa rodovia, que já foi considerada a mais perigosa do Brasil, há trilhas locais interessantes a explorar. Em Bom Jardim da Serra estão os três desfiladeiros mais conhecidos de Santa Catarina: as trilhas para os cânions das Laranjeiras e do Funil podem ser acessadas de carro. Já o Cânion da Ronda pode ser visitado a pé. A partir do Mirante, chega-se ao acesso em 15 minutos. E contratar guias é bastante recomendável.

QUANDO IR

No verão, as temperaturas podem ser mais agradáveis, mas é praticamente certa a chuva no fim da

tarde. Já durante o inverno, as tempestades desaparecem, mas nem todo mundo suporta o frio, que chega a temperaturas abaixo de zero – estamos na região mais fria do país, é bom lembrar. A melhor dica é acompanhar as condições de visibilidade pelo portal serradoriodorastroaovivo.com.br, com imagens da região em tempo real.

ONDE FICAR

Em Urubici, o Il Refúgio tem apenas três cabanas, para casais, e uma vista espetacular para a cadeia de montanhas e o nascer do sol, além de confortos como redário e fogo de chão. Na mesma região, o Refúgio Green Valley também é uma bela opção: com três bangalôs, a pousada é acolhedora e está em um dos lugares mais belos da região. Já o Rio do Rastro Eco Resort fica no início da descida da serra, em frente ao mirante e bem perto do Cânion da Ronda, e tem excelente estrutura. Para relaxar, sauna, lounge, serviços de massagem e chalés quentinhos e muito confortáveis. Para agitar, atividades como canoagem, equitação e trilhas a pé. 📍

360º

No azul do Pacífico, no coração da savana africana, no silêncio do Deserto do Saara e em tantos outros refúgios para você colecionar experiências inesquecíveis

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



AZALAI DESERT LODGE

O conceito de oásis foi atualizado desde a recente inauguração do Azalai Desert Lodge. Às portas do Saara, no Vale do Draa, o *lodge* se ergue como uma verdadeira miragem em meio ao maior palmeiral do mundo, na região de Zagora, ao sul do Marrocos. Pequeno e intimista, o lugar acomoda seus hóspedes em oito apartamentos, cujo grande charme consiste na decoração, inspirada por grandes viajantes do século XX, como Antoine de Saint-Exupéry, Lawrence da Arábia e Henri Matisse, numa mistura de estilos, com móveis coloniais franceses e marroquinos e muitas referências ao universo de viagens. Exercendo fascínio especialmente sobre os aficionados pelo deserto, com seus silêncios e seus tons, o Azalai propõe um cotidiano de relaxamento, seja na piscina, seja nas redes à sombra da tamareira. Ele também convida os hóspedes à interação com o entorno. Entre os programas necessários para entender a vida na região, vale visitar os *kasbahs* (cidadelas muradas) do Vale do Draa, conhecer a famosa cerâmica verde de Zagora, percorrer os *souks* e aprender a fazer receitas locais, como leite de amêndoas e tanjia, um prato à base de carne com especiarias.

azalailifeexperience.com





SUGANI LODGE E KULANDILA CAMP

Há algo na África capaz de tocar profundamente algumas pessoas. Para a família Davy, essa conexão deu origem ao desejo de recuperar uma área abandonada do Parque Nacional South Luangwa, na Zâmbia. O projeto, que teve início em 2019, foi muito além da conservação, com a criação do Sungani Lodge e do Kulandila Camp, verdadeiros refúgios na selva. Erguidos com os sonhos comuns da família e da comunidade local, envolvida no projeto, os dois *camp*s exaltam a cultura africana mais arraigada. Com foco no turismo de conservação, os *lodges* recebem seus hóspedes para além do entretenimento: a ideia é proteger o solo sagrado e seus animais por meio da educação e, claro, de experiências que vão emocionar os visitantes. As sete tendas no Sungani, cuja construção foi feita em decks elevados, e as quatro habitações do Kulandila, que fica às margens do Rio Luangwa, receberam itens de conforto e elegância, como banheira com vista para a savana e alta gastronomia (baseada em ingredientes sazonais locais). A rotina de hospedagem inclui safáris em 4x4, pelo rio, a pé ou fotográfico, sempre feitos na companhia de *rangers* capacitados para proporcionar as melhores experiências de observação e interação.

sungani.com



GALERIA

ItaúPrivateBank

O nosso marketing é o boca a boca dos clientes.

“O Private do Itaú tem presença global e a manha de investir em inflação que gringo não tem.”

- _ Visão consolidada dos portfólios on e offshore
- _ Curadorias local e internacional
- _ Assessoria para o seu planejamento patrimonial

Itaú



VILLA MANDI

A proposta de se manter genuíno ao estilo rústico de Jericoacoara é o conceito central do Villa Mandi, que acaba de abrir as portas no refúgio cearense. Instalado num terreno elevado sobre a Praia da Malhada, o hotel tem como trunfo a localização privilegiada – isolado o suficiente para que os hóspedes acordem com o barulho das ondas do mar, mas ainda assim próximo do centrinho de Jeri, a apenas cinco minutos de caminhada. O mais novo integrante do Mandi Collection, que mantém outros hotéis no destino, conta com apenas sete suítes, todas decoradas com esmero e exaltando a cultura regional, com móveis e objetos de decoração de artistas e designers das imediações. Espere muita madeira, palha, cerâmicas, rendas e tons neutros. Além de exaltar a cultura caiçara e prestigiar a contratação de trabalhadores que vivem no entorno, o pequeno refúgio foi pensado para causar o mínimo abalo no terreno, com uma construção que teve o projeto inspirado pela incidência de sol e de ventos, o que minimiza o uso de luz e de aparelhos de ar condicionado. Sempre brindado pela brisa constante, quem se hospeda no Villa Mandi encontra o merecido aconchego. Para os dias de sol, uma piscina de pedra hijau voltada para o mar, um lounge com serviço de praia e bons drinques rendem grandes momentos. O hotel conta ainda com um restaurante de cozinha *fusion*, ancorada pela gastronomia nordestina original.

villamandi.com.br

UNQUIET APRESENTA

Regent
SEVEN SEAS CRUISES

Nova joia

Novidade da Regent Seven Seas Cruises, o navio Grandeur será uma referência de espaço e exclusividade entre os cruzeiros de luxo a partir do final de 2023

Toda a frota da Regent Seven Seas Cruises é uma evidência da arte da indústria naval, aliada ao melhor da hotelaria e da gastronomia. Não por acaso, o novo membro da família será uma evolução de tudo o que a companhia desenvolveu em mais de 30 anos de atuação. Trata-se do Seven Seas Grandeur, que irá ganhar os mares no último trimestre do ano que vem.

Em construção no estaleiro da Fincantieri, em Ancona, Itália, o Grandeur será um colosso de mais de 55 mil toneladas. A partir do conceito da empresa de oferecer “Espaço Incomparável no Mar”, a embarcação foi projetada para 750 hóspedes, com uma das maiores proporções de área e staff para cada visitante do mercado. Será, portanto, um dos navios mais luxuosos e modernos do mundo, mas também um dos mais exclusivos. Prova disso são as 15 categorias de suítes

disponíveis. A maior delas é a Suíte Regent, com 412 metros quadrados. Quem se hospedar nela terá a impressão de estar em uma residência de alto padrão, só que em alto-mar, e ainda com um spa privativo.

Na gastronomia, o Grandeur terá opções como o Prime 7, o Chartreuse e o Compass Rose. Esse último será considerado o maior restaurante “al mare”, com experiências personalizadas e incrível variedade em todas as noites.

As viagens inaugurais do Seven Seas Grandeur estão previstas para novembro de 2023. Serão 17 roteiros no Caribe e no Mediterrâneo, incluindo duas travessias transatlânticas. Os cruzeiros terão entre 7 e 16 noites. As reservas já estão abertas, inclusive para os novos itinerários em 2024 e 2025. 📍

pt.rssc.com

Abaixo, um dos navios da frota da Regent Seven Seas singra o oceano. No detalhe, a sala de uma das cabines do futuro Seven Seas Grandeur





FOTOS DIVULGAÇÃO E GETTY



PENDRY PARK CITY

Um dos maiores desafios de um resort de esqui é atender às quatro estações do ano com o mesmo *savoir-faire*. Aberto na última temporada de esqui nos Estados Unidos, o Pendry Park City, localizado na base das Montanhas Rochosas, em Canions Village, Utah, tem como premissa ser um hotel de inverno, com acesso *ski in* e *ski out*. No entanto, ele tem potencial para encantar em qualquer época do ano. Isso porque, além da localização cênica, que mesmo sem neve costuma encher os olhos pelo visual arrebatador, os hóspedes são envolvidos em uma atmosfera de acolhimento, em que a madeira quente, a pedra desgastada, o metal envelhecido e os aromas da montanha se tornam as maiores referências para os cinco sen-

tidos. Um toque contemporâneo se soma ao estilo “chalé na montanha” do hotel, que oferece desde apartamentos simples até residências com quatro quartos. Outro diferencial é que, em total sinergia com o conceito de sustentabilidade de Park City há mais de uma década, o Pendry adotou práticas sustentáveis tanto na construção como em sua eficiência hídrica, energética e de uso de materiais e recursos naturais. Se no inverno o Park City é dos esportes de neve com pistas, descidas de diferentes níveis e *après-ski*, no restante do ano ele é perfeito para esportes como mountain bike e trekking. Quatro restaurantes, bares, kids club e um spa compõem a estrutura do resort.
pendry.com



Viagens transformam experiências culturais.



EMERALD FAARUFUSHI RESORT & SPA

A rara possibilidade de passar os dias com os pés descalços tendo o mar das Maldivas como companhia constante é a proposta, um tanto tentadora, do novo Emerald Faarufushi Resort & Spa. Com abertura prevista para outubro de 2022, o hotel pretende cativar hóspedes dispostos a desenvolver uma profunda conexão com o lugar e a natureza no entorno. Instalado ao norte do arquipélago, no Atol de Raa, o resort ocupa uma ilha particular circundada pela *lagoon* de águas translúcidas, morada de um dos mais bem preservados recifes de corais da região. O minimalismo impera na arquitetura e na decoração, já que a grande estrela deve ser mesmo a beleza avassaladora da pequena ilha. As 80 vilas, na praia ou em bangalôs sobre o mar, estão divididas em seis categorias e podem ou não ter suítes. Os hóspedes são servidos por cinco restaurantes, incluindo um mediterrâneo (elevado sobre palafitas), um steakhouse e um asiático. Embora seja essencialmente romântico, o Emerald também recebe famílias – amplas vilas servem como verdadeiros refúgios de férias, com um kids club e estrutura de lazer com esportes aquáticos e náuticos, mergulho e, claro, um spa.

emerald-faarufushi.com



Viagens inspiram descobertas.

Stay alive. Be **UNQUIET**



Festival Afetivo

Num dos mais belos cenários europeus, às margens do Lac Léman, a edição 2022 do Montreux Jazz Festival levou o público ao estado de efervescência coletiva com nomes como Björk, Maneskin e Anitta e um show épico da diva Diana Ross

POR ERIK SADAQ

Em uma das plataformas da Gare de Lausanne, num desmoderado verão europeu, com temperaturas aos pés dos Alpes acima dos 25° C, um público animado e diverso aguarda o trem que corta as cidades da Riviera Suíça, circulando o Lac Léman. A indumentária geral mescla bermudas e shorts com camisas floridas e camisetas, estampando o rosto de artistas como Björk e Radiohead, e não deixa dúvida de que o destino de todos é o Montreux Jazz Festival, um dos mais renomados do planeta.

São apenas duas estações, pontualmente percorridas, entre a cosmopolita Lausanne e a diminuta Montreux, onde a grande maioria desembarca rumo ao bulevar marcado pela famosa estátua de Freddie Mercury. O passeio, completamente tomado por

tendas de comidas do mundo todo e *lounges* com vista para um dos lagos mais conhecidos da Europa, faz parte do cenário criado para o evento.

Anualmente, por duas semanas, no auge do verão, a pacata cidade se transforma no epicentro da boa música, recebendo atrações de peso, em shows concorridíssimos de jazz, world music e pop.

São muitos os momentos históricos do Montreux Jazz Festival. Os artistas que tocam aqui mantêm uma relação afetiva com o evento. A maioria menciona o prazer de poder caminhar à beira do lago após as apresentações, misturando-se à multidão, que viaja de todos os cantos do planeta para aproveitar dias de boa música e sol à beira do cristalino Lac Léman.

Basta conferir os registros das históricas apresen-



Acima, a precisão na organização e na estrutura do evento, e um dos *lounges* do festival, às margens do Lac Léman. Na página ao lado, show em um dos palcos ao entardecer

tações de nomes como Miles Davis, Nina Simone, Caetano, Gil e Ney Matogrosso, para mencionar alguns, e constatar que algo especial acontece nesses palcos. No ano passado, quando estive aqui pela primeira vez, fiquei encantado com as histórias contadas pelos garçons do Jazz Café, instalado no Fairmont Le Montreux Palace, sobre apresentações surpresa feitas ali mesmo, no bar do hotel. E, ao tomar um brunch no mesmo café, me vi batendo papo com o Woodkid, o artista francês responsável pelo show mais comentado daquele ano.

Assim que pisei em Montreux, me lembrei por que o festival é tão amado. O *lineup* conciso não deixava nada a desejar em relação aos grandalhões, com nomes como Björk, Nick Cave, The Smile (a hypada nova banda do Thom Yorke e do Johnny Greenwood, do Radiohead), Maneskin, Anitta, The Blaze e muitos outros, em apresentações propositalmente intercaladas para curtir os *lounges* do evento.

O Montreux Jazz sempre tem um nome uber-concorrido e este ano não havia dúvida: todo mundo estava ali para conferir a apresentação da veterana Diana Ross, em um showzaço que deve entrar direto para o rol de apresentações históricas do festival.



A diva Diana Ross entoa grandes sucessos no show mais esperado do festival

Entre um drinque e outro, no idílico lounge The Lake, espaço montado pela relojoaria Piaget, conversei com Kevin Donnet, um dos organizadores do MJF. Brindamos ao privilégio de assistir a uma verdadeira diva do soul e da disco, nos transportando aos tempos da lendária Motown com incontáveis hits das Supremes, um dos primeiros supergrupos da música e inspiração para três de cada três grupos e cantoras de R'n'B do mundo. Segundo ele, dos grandes nomes em atividade, Diana Ross era uma das únicas artistas que ainda não haviam se apresentado no Montreux Jazz.

A cultura de pontualidade pode até ser um emblema suíço, mas ninguém pareceu se importar com os quase 20 minutos de atraso de Mrs. Ross, dignos de uma diva clássica, em um sábado quente em Montreux. A plateia, composta de avós, pais e filhos, cantou junto o hino oitentista "I'm Coming Out" e não

parou de dançar e fazer coro por mais de duas horas.

Assim como eu, muitos ali estavam ticando um item de suas *bucket lists*. A minha lista de desejos foi completamente atendida com "Baby Love", "Stop! In The Name of Love" – com direito à inconfundível coreografia dos grupos da Motown, reproduzida pela orquestra e por um exército de *backing vocals* – e "You Can't Hurry Love", das Supremes, logo na primeira parte do show. "Upside Down", "What You Gave Me", "Rescue Me" e mais uma penca de hits disco na sequência. Para completar, um *interlude* para as baladas, com "Missing You", me levou aos tempos em que gravava K7 dos discos dos meus primos mais velhos.

Embarquei rumo ao Montreux Jazz Festival para ver artistas que perdi em turnê e pela preguiça de enfrentar os festivais maiores. Em especial, o show da islandesa Björk com a filarmônica de Lausanne;



Os shows de Björk, Anitta, The Smile e Nick Cave, do Bad Seeds, levantaram o público

FOTOS DIVULGAÇÃO E ALAMY

do Nick Cave, em um ambiente mais intimista, onde era possível sentir ainda mais a força de seu carisma e a genialidade dos Bad Seeds; e, finalmente, The Smile, o projeto de Thom Yorke e Johnny Greenwood, que, para mim, deixa claro o provável fim não anunciado do Radiohead. Todos eram obrigatórios e foram incríveis.

Os suíços são conhecidos pela precisão e pela alta qualidade de seus produtos e o Montreux Jazz é a quintessência de um festival bem produzido. Ao menos entre os festivais de cidade que já conferi, em nenhum lugar se come e se bebe tão bem em cenários tão incríveis. Estamos ali, sim, pela música. Mas, ao presenciar apresentações antológicas, como a de Diana Ross, e passar bons momentos curtindo a estrutura produzida sob medida para agradar o mais exigente dos públicos, fica claro que se viveu algo especial.

Cada vez mais, recomendo a experiência para os viajantes de espírito inquieto e amantes da boa música que comecem o condicionamento de atleta para correr de um palco a outro em meio a multidões. 📍

NOVO BMW iX3, O ELÉTRICO PARA TODAS AS AVENTURAS.

FAÇA UM TEST DRIVE
USANDO APENAS A VOZ.

Fale para a sua Alexa:
"Abrir test drive BMW".



iX3



ESCANEE PARA
ACESSAR A SKILL OU

peça
para



Juntos salvamos vidas.

Na terra, no ar, no mar..

Lançamentos para viajantes que priorizam materiais reciclados e produtos com pegada sustentável

POR DANIEL JAPIASSU



RELÓGIO COM MARCA D'ÁGUA

Fundada em Florença, em 1860, a Panerai abasteceu, durante décadas, a marinha italiana e seus oficiais de mergulho com instrumentos de alta precisão. Recente lançamento da grife, o Submersible QuarantaQuattro eSteel representa uma grande novidade para a marca: pela primeira vez, o eSteel, material de origem sustentável da Panerai, foi usado na linha Submersível. A caixa (com 44 milímetros de diâmetro) é feita de aço reciclado; e a pulseira (com tratamento especial anti desgaste), de borracha também reciclada. Como manda a tradição, o relógio é à prova d'água e resiste a até 300 metros de profundidade. panerai.com.br

EM MOVIMENTO, MAS COM BAIXA PEGADA DE CARBONO

A missão fundamental da californiana North Face permanece inalterada desde 1966: fornecer o melhor equipamento para atletas e exploradores, apoiar a realização de atividades *outdoor* e inspirar o movimento global de contato com a natureza e respeito ao meio ambiente. A mais recente prova de que a marca leva a sério esses conceitos é a sua nova tecnologia Vectiv, que pode ser conferida em uma linha exclusiva de calçados – feitos com materiais reciclados, lã de Kevlar e saindo de fábrica com um solado de borracha macia, com mais de 40% de conteúdo de base biológica. thenorthface.com.br



VANTAGENS GLOBAIS

Ser um cidadão do mundo está ao alcance dos clientes do C6 Bank com a Conta Global. Essa conta internacional, com cartão de débito Mastercard® em dólar e euro, facilita as compras no exterior, seja online, seja ao vivo. Além de poder utilizar um só banco no Brasil e no mundo, o cliente tem vantagens como tarifas mais baixas que as do cartão de crédito internacional, remessas 24 horas por dia e possibilidade de saques em caixas eletrônicos no exterior (ATMs das redes Chase ou Cirrus). Além disso, a cotação é feita levando em conta o valor comercial da moeda, o que é mais vantajoso que a cotação turismo. Tudo isso de forma simples e segura pelo app do C6 Bank. Ideal para viagens internacionais, compras em sites estrangeiros, intercâmbios, transferências e recebimento de dólar. c6bank.com.br



RECALCULANDO A ROTA? NUNCA MAIS!

O novo Montana 700 é o GPS top de linha da norte-americana Garmin, a marca mais premiada de produtos de geolocalização. O que ele tem de incrível? Foi feito para ser usado pelas tropas de elite dos EUA, o que significa que aguenta grandes desafios em qualquer terreno: frio intenso, calor escaldante, umidade. Não importa o desafio, ele está sempre pronto. Além disso, a tela touchscreen, de 5 polegadas, é à prova de choques, a bateria dura até 18 horas e ele vem com sensores ABC, que incluem altímetro, barômetro e bússola eletrônica de três eixos. Ou seja, você não se perde nem se quiser. garminstore.com.br



ECOLÓGICA E PRA VIDA TODA

A grife de San Diego (EUA) é uma das que mais investem em materiais reciclados em seus produtos – que vão de kits de viagem a bolsas, passando por mochilas e totes. Esta da foto é a mala de bordo Carry-On, resultado da reciclagem de pedaços de policarbonato ultrarresistente e levíssimo. Ela pesa menos de 3 kg, tem sistema de rodízio que gira em 360° e vem com bolsa de expansão (acionada por zíper externo), para aumentar o espaço interno, e alça telescópica com diversos níveis de altura. Para os aventureiros de plantão, um detalhe a mais: a Carry-On é 100% impermeável. roamluggage.com





SUPOORTE DE BICICLETA

Um dos maiores desafios para os ciclistas é a dificuldade de transportar as bicicletas quando querem viajar ou participar de uma prova ou uma aventura que exijam o deslocamento de carro. Este suporte para a montagem de bicicleta é um enorme facilitador, já que tem fixação rápida e livre de ferramentas para a instalação. Além disso, mantém a bike segura e protegida contra quedas e as rodas estáveis e firmemente fixadas. Uma observação importante: é necessário o rack de caçamba para a instalação. O acessório está disponível nas concessionárias Mitsubishi. mitsubishimotors.com.br

MOCHILÃO ECO-FRIENDLY

A marca nasceu na Califórnia, em 1974, mas hoje tem como sede o gélido estado do Colorado. Faz sentido, pois as mochilas da Osprey são feitas sob medida para enfrentar as intempéries em locais de difícil acesso. Seu costado conta com um painel de tecido 3D Mesh, que facilita a evaporação do suor. O sistema de suspensão, chamado LightWire, tem duas barras longitudinais de alumínio rígido, que transferem a carga dos ombros para a cintura, garantindo mais conforto. Seu sistema ErgoPull permite o perfeito fechamento na frente e a sustentação da carga. Além disso, os modelos são feitos com material reciclado, principalmente garrafas PET retiradas dos oceanos. osprey.com



PRONTA PRA TUDO E AJUDANDO O PLANETA

A norueguesa Helly Hansen é daquelas empresas que atravessam gerações e evoluem com o tempo. Fabricando o que há de melhor em equipamento para aventuras – principalmente náuticas – desde 1877, tornou-se uma referência em qualidade e, desde os anos 1990, sustentabilidade. A jaqueta da foto, da série Odin 9 Worlds, é 100% impermeável e feita com materiais reciclados, incluindo o plástico super-resistente dos zíperes e o tecido dos forros internos. Por fora, ela é toda de poliamida, um composto que mantém a temperatura do corpo estável em qualquer situação. hellyhansen.com



**VOCÊ VAI MUDAR DE ENDEREÇO?
NÃO ESQUEÇA DE NOS AVISAR!**

Mantenha seus dados atualizados pelo nosso e-mail revistaunquiet@customeditora.com.br e receba a revista na sua casa!



BB DTVM agora é

BB Asset |

Busque mais para
os seus investimentos.

Se você busca experiência,
são 35 anos de liderança.

Se você busca segurança,
gerenciamos R\$ 1,44 tri em fundos.

Se você busca assessoria,
nós temos os melhores especialistas
do mercado.

Mudamos o nome,
mas a excelência é a mesma.

Busque quem busca o melhor para você.

bb.com.br/bbasset

SUSTENTABILIDADE

TESOURO ORIGINAL

Trabalho de cestaria e de biojoias exalta a cultura indígena e garante renda extra a artesãos da Amazônia, além de valorização cultural

FOTOS FELIPE ABREU



Manter vivas as tradições dos povos originais é uma necessidade urgente para a cultura brasileira. E, mais do que isso, é um meio de sobrevivência e de valorização das diversas comunidades indígenas, entre elas a Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (Assai), cujo trabalho revisita um dos conhecimentos centrais de sua sobrevivência: a cestaria.

A prática de trançar cestos, assim como outras peças do artesanato produzido em São Gabriel,

no Amazonas, possui uma profunda ligação com a vida indígena, já que são artefatos presentes no cotidiano das comunidades, como na pesca, na caça, na agricultura, nos rituais e nas danças. O aturá, por exemplo, uma cesta muito comercializada por causa de seu trançado, é utilizado nas roças para a colheita da mandioca, a alimentação básica dessa população.

A Assai integra 30 famílias, de diferentes etnias, que produzem e comercializam seu artesanato, e que, além da venda dos produtos, mantêm a difu-



O trabalho de cestaria dos artesãos do Assai é um meio de sobrevivência para os indígenas de São Gabriel da Cachoeira. Na página lado, peças produzidas com diferentes trançados e formas

são da cultura indígena do Alto Rio Negro. Trata-se de uma região no extremo noroeste da Amazônia, na fronteira com a Colômbia e a Venezuela, também conhecida como Cabeça de Cachorro, onde está concentrado o maior povoado indígena do Brasil. O município, de 45 mil habitantes, tem 90% de nativos e agrega 23 etnias, com 19 línguas originais. São Gabriel da Cachoeira é a primeira e única cidade brasileira a ter outros idiomas reconhecidos como oficiais, além do português – entre elas o tucano, o baniwa e o nheengatu.

O processo de produção das cestas e de outros objetos, como biojoias e porta-joias (samburás) elaborados com sementes da região, é feito exclusivamente por homens e mulheres da comunidade, que imprimem seus conhecimentos ancestrais no manejo e no tingimento das peças. A principal matéria-prima utilizada é a fibra vegetal das palmeiras de arumã e tucum, sempre retiradas da mata de forma sustentável, já que, por se encontrar dentro de uma demarcação de terra indígena, os povos possuem licença para sua extração. “A aproximação entre design e artesanato ajudou os artesãos da Assai a se reconectar com suas próprias tradições”, explica Josiane Masson, diretora executiva da Artesol, uma ONG que apoia iniciativas de artesanato brasileiro e respalda a Assai. “O mix de produtos do grupo inclui peças contemporâneas criadas com saberes ancestrais e a valorização das matérias-primas da Floresta Amazônica, com refinamento estético e uma proposta de uso totalmente conectada com o mercado”, finaliza ela. 📍

artesosol.org.br

UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA DE **VOAR.**



FRETAMENTO EXECUTIVO
TRANSPORTE AEROMÉDICO
VENDAS DE AERONAVES
FBO E HANGARAGEM

MANUTENÇÃO DE AERONAVES
PEÇAS AERONÁUTICAS
AVIONICS E UPGRADE DE PAINÉIS
PINTURA E INTERIORES

CONGONHAS - SP | BRASÍLIA - DF | BELO HORIZONTE - MG | GOIÂNIA - GO
RIO DE JANEIRO - RJ | SOROCABA - SP | UBERLÂNDIA - MG



VOAR

Central de Reservas: 4000-2222

www.voar.aero



BIBLIOTECA

EXPLORADORAS, FLÂNEUSES, VIAJANTES

Para a mulher, viajar também é uma forma de resistência e de existência, como nos livros que você conhece a seguir

POR FERNANDA DIAMANT

A

lguns anos atrás, depois de uma hora e meia vagando no escuro dos labirintos de Veneza, na tentativa de voltar para o apartamento alugado – os celulares sem bateria coroavam um longo dia de Biennale –, pensei na sorte de não estar sozinha. Não era exatamente medo, só o alívio de ter companhia para aquele perrengue e rir junto, lembrando do filme *Inverno de Sangue em Veneza* (1973), esse sim apavorante. Naquela noite, me dei conta de que nunca viajara completamente sozinha, salvo em situações de trabalho. E pensei nas mulheres incríveis que fizeram isso em outras épocas: Isabelle Eberhardt, Elizabeth Bishop, Gertrude Bell e Nellie Bly. Não canso de admirá-las.

Aos 14 anos, me aventurei pelo interior de Minas Gerais acompanhada apenas de duas amigas de 16 anos. Dissemos em casa que uma das mães estaria nos acompanhando. Tudo correu bem, apesar de termos sido atraídas por um suposto encantador de borboletas de São Tomé das Letras, que nos levou a uma cachoeira e se revelou, para a nossa sorte, apenas um lunático inofensivo. Isso numa época em que nem celular havia. Sem GPS, sem rede social, sem Google, ligávamos para nossas mães de orelhões a cada dois dias.

Aos 16, fui para o sul da Bahia com uma turma e, em pouco tempo, liguei para avisar que voltaria em um mês, e não na semana seguinte, como combinado. Eu quase não tinha noção do tipo de perigo que corria. Hoje, aos 42 anos e com duas filhas, me arrepio só de imaginar que uma hora vai chegar uma proposta semelhante, ainda que agora haja todo um aparato tecnológico.

Não deixamos de viajar por causa disso – ou de andar de madrugada pelas ruas de São Paulo –, mas a experiência das mulheres sozinhas em viagem tem passagens corriqueiras assim: recusar de maneira enfática uma proposta de casamento em troca de uma dúzia de camelos, em Jerusalém (eu mesma viajei uma vez com uma aliança falsa para evitar esse tipo de proposta, em Istambul), e se esconder por algumas horas, só de biquíni, no meio de uma trilha (em Ilha Grande, Rio de Janeiro). Não era à toa que Isabelle Eberhardt usava roupas masculinas. Uma mulher sozinha nunca passa despercebida.

Muitos livros tratam da experiência de ser mulher e se deslocar pelo mundo. *Comer, Rezar, Amar*, da Elizabeth Gilbert, e *Livre*, da Cheryl Strayed, que viraram filmes, estão entre os mais conhecidos. Eu escolhi aqui alguns dos meus favoritos, menos populares. São diários de viajantes do século XIX, uma reportagem, uma ficção inspirada em acontecimentos autobiográficos e um livro de ensaios recém-lançado, que combina crítica literária e vivências pessoais. Algumas autoras decidiram conhecer o mundo, e outras foram obrigadas a se deslocar por razões familiares ou geopolíticas. Outras ainda se aventuraram em territórios muito próximos de casa, e que lhes eram proibidos.

O mundo, afinal, foi feito sob medida para os homens. Hoje em dia, pode ser menos óbvio, com menos restrições legais ou práticas, especialmente em países não autoritários e para pessoas com boas condições materiais. Mas essencialmente ainda vivemos nesse mesmo mundo. Eu leio essas histórias e fico admirada com a coragem dessas mulheres, como se fossem minhas contemporâneas. Algumas são.

Em sentido horário, as autoras Isabelle Eberhardt, Nellie Bly, Gertrude Bell e Karen Blixen



FLÂNEUSE – MULHERES QUE CAMINHAM PELA CIDADE EM PARIS, NOVA YORK, TÓQUIO, VENEZA E LONDRES

Lauren Elkin

O *flâneur* é uma das figuras centrais do modernismo, nomeado por Walter Benjamin, e personagem da literatura do século XIX. É sempre um sujeito errante, observador e anônimo. Um viajante das grandes cidades. Ele foi incontavelmente estudado e imitado na vida real. No livro, Lauren Elkin se pergunta onde está a *flâneuse* e o que seria a versão feminina desse personagem. Para se apagar nas ruas é preciso ser homem, explica a pesquisadora Bianca Tavolari: “A ocupação do espaço público é atravessada pelas diferenças de gênero. Abrir lugar para a *flâneuse* não é fazer caber múltiplas experiências em um molde masculino, como uma variação”. O molde é outro. Elkin nos mostra que, apesar do ambiente hostil, a *flâneuse* estava (e está) lá. Ao relatar suas próprias experiências em cidades fervilhantes, ela convoca escritoras de outras épocas que também ocuparam esses espaços, entre elas Joan Didion, Jean Rhys, Virginia Woolf e Sophie Calle. Uma ode à exploração e ocupação das cidades pelas mulheres.



DEZ DIAS NUM HOSPÍCIO

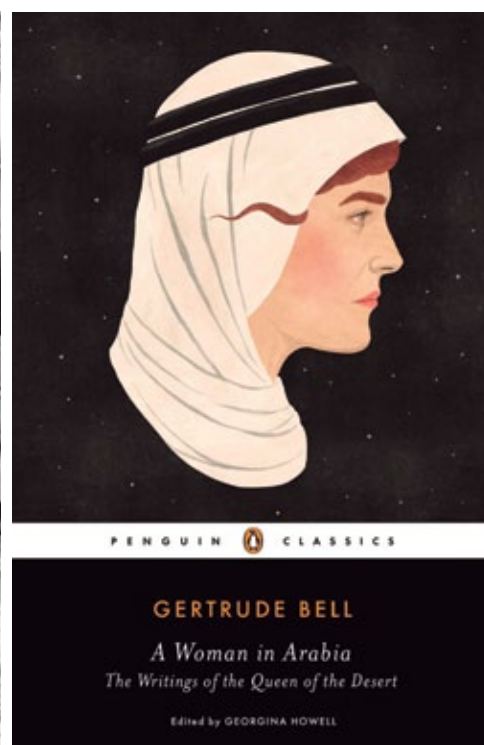
Nellie Bly

Escritora, inventora, empresária e jornalista, Elizabeth Cochran Seaman, mais conhecida como Nellie Bly, nasceu em 1864 nos Estados Unidos. Bly é considerada uma das pioneiras do jornalismo investigativo. Aqui ela conta a experiência de ter se internado, disfarçada e voluntariamente, em uma instituição psiquiátrica de Nova York para denunciar as condições precárias e os maus-tratos sofridos pelas mulheres que ali entravam. Também escreveu *Volta ao Mundo em 72 Dias* (1890), em que relata sua viagem sozinha e como quebrou o recorde fictício de Júlio Verne.

FAZENDA AFRICANA

Karen Blixen

Neste livro, a escritora dinamarquesa Karen Blixen (que por muito tempo foi conhecida por seu pseudônimo, Isak Dinesen) conta sua vida em uma fazenda de café no Quênia. Ela se mudou para a África em 1914, quando tinha quase 30 anos. A obra, de 1937, foi transformada no filme *Entre Dois Amores*, em 1985, com Meryl Streep e Robert Redford.



A WOMAN IN ARABIA: THE WRITINGS OF THE QUEEN OF THE DESERT

Gertrude Bell

Ela é chamada de “Lawrence da Arábia feminino”, mas nasceu antes do famoso militar e arqueólogo britânico, e foi uma das mais incríveis exploradoras de que se tem notícia. Estudou em Oxford em plena Inglaterra vitoriana, mudou para o Oriente Médio e passou boa parte de sua vida explorando e mapeando a região. Foi também escritora, tradutora, arqueóloga, espã e ainda fez carreira política em Bagdá, Iraque. Como bem define o subtítulo, são os escritos da Rainha do Deserto.



DIREITO À VAGABUNDAGEM: AS VIAGENS DE ISABELLE EBERHARDT

Isabelle Eberhardt

A jovem Isabelle Eberhardt, nascida em Genebra, Suíça, em 1877, de pais russos, mudou para a Argélia quando adulta e viajou sozinha pela África até sua morte, provocada por uma inundaçã, aos 27 anos. Vestia-se com roupas masculinas, converteu-se ao islã e, além de diários, escreveu um romance, que ficou inacabado. Essa coletânea de textos vem acompanhada de um ensaio da organizadora, Paula Carvalho, que faz um mergulho na mente de Eberhardt, uma mulher que desafiou os limites impostos por sua nacionalidade e seu gênero. Aqui a vagabundagem tem o sentido de experimentaçã da liberdade. 📍



PRIVATE JET EXPEDITION AROUND THE WORLD 2023

25 de outubro a 19 de novembro de 2023



Volta ao mundo em avião privativo *by* Latitudes Viagens de Conhecimento

. 26 dias . 5 continentes . 8 países . O melhor que existe no mundo em hotelaria, gastronomia e serviços de logística . Boeing 757-200 privativo com 50 lugares *flat bed* (180°) . Saída e retorno: São Paulo.



Para saber mais,
acesse o QR Code ao lado
ou fale com nossa equipe:
11 3045 7740
privatejet@latitudes.com.br



Latitudes
VIAGENS DE CONHECIMENTO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

apresentam

ANTÁRTICA 2024

07 a 17 de fevereiro de 2024

Uma viagem inédita: um cruzeiro privativo em um dos mais modernos navios de expedições polares. Em uma curadoria conjunta da **Latitudes** e do **Fronteiras do Pensamento**, vamos descobrir toda a beleza da Península Antártica na companhia de renomados pensadores.

ESPECIALISTAS A BORDO



Marcelo Gleiser
Físico e astrônomo



Maria Homem
Psicanalista



Nilton Bonder
Rabino e escritor



Ema Kuhn
Bióloga



Viagem com realização de
Latitudes Viagens de Conhecimento
e **Fronteiras do Pensamento**.
Parceria: **Quark Expeditions**.

Para saber mais,
acesse o QR Code ao lado
ou fale com nossa equipe:
11 3045 7740
latitudes@latitudes.com.br



BRASIL

PELAS ÁGUAS DO RIO NEGRO

Entre os parques nacionais de Anavilhanas e Jaú, a Expedição Katterre revela segredos da maior floresta tropical do mundo ao navegar em meio a igapós e igarapés

POR MARJORIE LUZ





Casal de araras-canindé, um dos símbolos da fauna amazônica. Na página ao lado, vista sobre a floresta

São 21h30 e já estou pronta para dormir, muito cedo para os meus hábitos. O cenário é dos mais improváveis. Estou nas margens do Rio Negro, em plena selva amazônica, numa hospedagem para lá de autêntica: um bangalô de madeira, ou redário, cuja única proteção é um teto de madeira. Cantos de grilo, pios de coruja e demais sons da natureza atravessam a conversa do grupo, que trocou cama e lençóis confortáveis pelo pernoite na mata. Acomodei-me na rede com a certeza de uma noite em claro. Mas, como mágica, a floresta me fez adormecer rapidamente.

Uma sinfonia de pássaros, com o canto pronunciado de tucanos, é a trilha sonora enquanto observamos, de um mirante, a noite se dissolver entre nuvens, nos tons alaranjados dos primeiros raios de sol. A cena ganha contornos de pintura refletida nas águas do rio. Essa é uma das muitas vivências de uma expedição de barco durante cinco dias pela Amazônia.

A viagem é organizada pela Expedição Katterre, uma empresa de ecoturismo situada no município de Novo Airão, a 200 km de carro de Manaus, no Amazonas. É lá que começam os roteiros de três a sete noites pelo baixo e médio Rio Negro, alcançando lugares inóspitos e preservados da selva.

A partida é em terra firme, com a hospedagem no *lodge* Mirante do Gavião, instalado em frente ao Parque Nacional de Anavilhanas, que abriga o segundo maior arquipélago fluvial do mundo. São apenas 12 bangalôs de madeira de lei, em formato de barcos invertidos e integrados à paisagem, que criam uma atmosfera de relaxamento para os dias que virão.

A base para os nossos passeios é o *Jacaré-açu*, o último barco construído pela indústria náutica de Novo Airão, em 2010, para a Katterre. Trata-se de uma embarcação regional de madeira, com detalhes tipicamente amazônicos. Em três andares estão distribuídas oito cabines-suítes, com ar-condicionado, cozinha, sala para refeições, sala de estar climatizada com videoprojetor e um deque aberto, equipado com solário, redes e espreguiçadeiras.



As acomodações são confortáveis, porém pequenas. O barco possui um sistema de captação de água. Do chuveiro cai a agradável água do Rio Negro, com a temperatura natural entre 28 e 29° C. O maior luxo do *Jacaré-açu*? Não há sinal de internet. A única conexão é com a floresta e, acredite, é só o que você vai precisar.

Come-se muito bem a bordo. A culinária é caseira, preparada com ingredientes da época, com direito a um festival de pescados: aruanã, matrinxã, tucunaré, pirarucu (o bacalhau da Amazônia) e tambaqui, um dos peixes mais apreciados na culinária local. Igualmente variado é o café da manhã, com frutas, pães de batata, leite, milho, bolos e tapioca. Na volta dos passeios, ainda somos recepcionados com chips de banana assada, mandioca frita e bolinho de piranha. Tudo fresquinho, feito diariamente com muito capricho por Keli Lima, a cozinheira-chef.

Quem nos acompanha nessa expedição é Josué Basílio, guia de turismo e de sobrevivência na selva. Descendente da etnia indígena Tukano e criado em Manaus, ele é detentor de um conhecimento profundo da Floresta Amazônica e traz consigo conhecimentos ancestrais que não estão nos livros.

NO REINO DAS ÁGUAS AMAZÔNICAS

Enquanto o barco desliza tranquilamente, a amplitude de uma margem à outra impressiona. Porém logo Josué nos lembra: estamos navegando por entre as 450 ilhas que formam o Arquipélago de Anavilhanas. Ou seja, o que vemos é um ínfimo da real grandiosidade do Rio Negro, o sétimo maior do planeta.

Viajamos durante a estação da cheia, que ocorre de março a julho. Nessa época, as matas na margem dos rios ficam inundadas – são as chamadas matas de igapó. A navegação acontece pelas copas das árvores, cujas raízes estão submersas cerca de 14 m. O período é marcado também pelo maior volume de chuvas na região, que por vezes altera a programação do roteiro.

Acopladas ao *Jacaré-açu* estão duas voadeiras (canoas de metal motorizadas). A bordo delas, saímos para excursões diárias pelos igapós. Passamos por caminhos labirínticos, que nos envolvem em frondosas árvores, muitas delas centenárias, como o arabá, utilizado pelos indígenas como uma forma de comunicação. Com um remo, Josué demonstra como o tronco, quando atingindo, produz um som pesado, propagado a quilômetros de distância.

O silêncio do motor das canoas abre espaço para a fauna se exibir. Araras-canindé, papagaios e tuca-



nos cortam os céus com seus cantos. Graciosamente, martins-pescadores aparecem em voos rasantes. Camufladas entre as árvores, nos observam ciganas, ou jacu-ciganas (aves raras, de porte grande, cauda longa e canto grave). Já os botos-cinza e botos-corde-rosa acompanham o barco furtivamente ao longo do passeio.

O único dia de céu azul pede um banho de rio. Com o barco ancorado, viajantes mais ousados pulam do terceiro deque. Dispenso a emoção e desço tranquilamente pela escada trajada com um colete salva-vidas, pois minhas habilidades para o nado são limitadas. Sentir a correnteza do Rio Negro e sua energia faz deste um momento literal de imersão na Amazônia.

Na transição para o Parque Nacional do Jaú, o maior parque florestal de água doce do mundo, há uma perceptível mudança de paisagem. As margens do Rio Jaú, um dos afluentes do Negro, a vegetação é mais baixa. A floresta que até então nos encobria se abre para um amplo horizonte. No decorrer, vemos árvores secas – resultado de um incêndio criminoso ocorrido seis anos atrás. Apesar da cena desoladora, Josué nos garante que as árvores vão se regenerar. Eis uma das lições: a floresta se recupera, sempre.

Um novo encontro com a vida animal nos espera

As experiências diárias pelos igapós são guiadas por especialistas que dominam a floresta

Acima, interação com uma comunidade ribeirinha promovida pela expedição. Na página ao lado, a navegação acontece pelas águas do Rio Negro durante a estação da cheia



no cair da noite. A bordo das canoas, com lanternas a postos, Josué e Quarenta, um dos marinheiros, procuram jacarés, que inspiraram o nome dos barcos da Expedição Katterre. Naquela região vivem as espécies jacaré-açu, caiman e jacaretinga. Durante a focagem, Josué pega dois jacarés na mão, enquanto explica seus hábitos e comportamento. Ver os animais de perto causa uma mistura de fascínio e tensão.

Igarapés são canais dentro da mata que se formam durante as cheias. Navegamos pelo Igarapé Preto, um curso cheio de obstáculos. Além de nos esquivarmos constantemente de galhos, Josué e Dedê cortam troncos derrubados pela própria natureza. Chegamos, enfim, a uma cachoeira baixa, com espumas brancas e correnteza forte, reflexo da chuva que caíra na noite anterior. Logo encontramos uma “jacuzzi natural”. Aproveito para contemplar e agradecer por, mais uma vez, estar em comunhão com a força das águas.

Numa última incursão, trocamos as barulhentas voadoras por canoas de madeira dos pescadores da comunidade de Cachoeira. A atividade faz parte do turismo de base comunitária desenvolvido pela Katterre, que envolve os ribeirinhos. São os próprios pescadores que nos conduzem em trilhas aquáticas

de ilhas fluviais, para o avistamento de macacos e preguiças. O dia, infelizmente, não está propício – a chuva vigorosa da madrugada parece ter afugentado os bichos. Mas a expedição não deixa de ser menos interessante, já que os barqueiros nos mostram a flora da região, em cursos que somem no período da seca.

TERRA FIRME

Enquanto somos transportados de canoa para a margem uma pedra com formato de sanduíche, belamente refletida nas águas negras num dia ensolarado, nos dá um indício do que veremos adiante. Estamos na Reserva do Madadá, um trecho de floresta primária no Arquipélago de Anavilhanas. Com olhos atentos ao solo encharcado pela chuva e com cuidado para não tocar nos troncos de árvore para evitar surpresas, caminhamos mata adentro, enquanto aprendemos técnicas de sobrevivência na selva.

Vai sair à caça? Josué nos mostra um formigueiro da espécie tapiba, que, quando espremida na pele, disfarça seu cheiro para não atrair predadores. Mais à frente, o guia atíça tucandeiras, formigas com 2,5 cm, capazes de paralisar uma pessoa por até 15 horas. O antídoto é a medicina indígena. Ao parar na árvore da espécie pau-rosa, cujo tronco quando ras-

pado exala um aroma cítrico, ele revela que esse é um dos componentes do famoso perfume Chanel N° 5. Em outra demonstração, Josué sobe rapidamente o tronco fino de uma palmeira para colher o açaí. “Para nós, indígenas, a selva é tudo. Os indígenas chamam a floresta de avô do universo, porque tudo o que você precisa está aqui”, reflete.

Após algum tempo de caminhada, chegamos às Grutas do Madadá, formadas há cerca de 10 milhões de anos pela erosão das águas. São rochas espetaculares, entre cipós e raízes. No entorno, nos deparamos com pegadas de uma onça que passou por ali cerca de uma semana antes. Para a nossa sorte, ela não tem interesse em humanos – e na companhia de Josué nos sentimos protegidos de qualquer ameaça.

A rainha das árvores amazônicas atende pelo nome de samaúma, ou samaumeira. Embora não seja a mais alta (ela atinge 50 m), ela é maior em termos de circunferência, chegando a até 3 m. Estamos diante de um exemplar de 300 anos. Sua beleza vai das raízes esparramadas até a copa, quase inalcançável pelos olhos dentro da mata fechada.

Novo Airão, fundada em 1955, atualmente conta com 20 mil habitantes e é a base para o turismo na região. Sua história está ligada a uma das últimas paradas de nossa expedição. De volta a Anavilha-

Os indígenas chamam a floresta de “avô do universo”, porque tudo o que se precisa está nela

Acima, a proa do barco Jacaré-açu. Na página ao lado, uma canoa cruza o Rio Negro sob o crepúsculo da floresta

nas, visitamos Airão Velho, uma cidade abandonada que viu seu apogeu durante o ciclo da borracha, em meados do século XIX. Do período áureo, restam apenas as ruínas do supermercado de escambo e de uma capela, ambos dominados pela floresta.

Nas noites seguintes, após o término da viagem, meus sonhos são inundados pela selva. Prova de que a Amazônia guarda segredos além da nossa compreensão – e que adentrar suas matas, escutar seus sons, navegar por suas águas e absorver um pouco do conhecimento ancestral dos povos nativos nos faz perceber a real importância de preservá-la.

Abaixo, a Banda de Tambaquí, prato do menu do Caxiri. Na página ao lado, uma das vilas do Mirante do Gavião



CAXIRI

Mesmo que a passagem por Manaus seja breve, é indispensável a ida ao Caxiri. Instalado em um casarão histórico ao lado do Teatro Amazonas, esse restaurante atmosférico é um sonho – e realidade – da chef paulista Débora Shornik, uma pesquisadora de ingredientes amazônicos. Das comunidades da floresta, ela garimpa os produtos para criar a sua cozinha autoral, com inspirações da culinária indígena. À mesa do Caxiri chegam inúmeras delícias, como um caldinho de cogumelo ianomami e o xibé, com farinha de uarini, abacaxi regional, camarões, peito de jambu e tucupi agridoce. O tucupi-negro do povo Wapichana aparece como a calda de um sorvete que leva ainda compota de cubiu e castanha caramelizada. Débora atua igualmente como consultora dos restaurantes Flor do Luar e do Camu-Camu, no Mirante do Gavião Lodge, ambos em Novo Airão.

As comunidades da floresta e os ingredientes amazônicos inspiram a chef Débora Shornik



MIRANTE DO GAVIÃO AMAZON LODGE

O Mirante do Gavião exibe um dos projetos sustentáveis mais incríveis do Brasil. Sua arquitetura se tornou um cartão-postal de Novo Airão: o lodge possui apenas 12 bangalôs de madeira de lei, em formato de barcos invertidos e pisos elevados, para não impactar o solo. Em meio ao belo jardim, ergue-se um mirante, proporcionando vistas privilegiadas sobre o Arquipélago de Anavilhanas. As passarelas que conectam os bangalôs levam até a bela piscina e ao restaurante Camu-Camu, com criações originais da Débora Shornik. Além da sua estrutura notável, o que torna o lugar tão especial é a recepção acolhedora da equipe e a valorização da cultura regional. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



CULTURA

BALI

A ILHA DOS DEUSES E A MAGIA DE BOROBUDUR

De Ubud a Java, uma viagem sem precedentes, marcada pelo sincretismo, por experiências espirituais e por desafios e rendições do corpo e da alma na Indonésia

POR ARTHUR VERÍSSIMO



Um dos muitos terraços de arrozais em Ubud. Na página ao lado, detalhe do templo de Mendut, em Java

A

imensidão do Oceano Índico, com os raios de sol refletindo em suas águas, do alto da falésia em Uluwatu, na paradisíaca Ilha de Bali, é exuberante ao final da tarde. O espetáculo é impactante, com cerca de 50 homens, sem camisa e com sarongue xadrez preto e branco, entoando num grande círculo um mantra magnético: “Cakcak-cakcak”. Como por encanto, um grupo de bailarinas encenava a mais famosa história épica hinduísta, o *Ramayana*. A cena é extrassensorial, a imensa plateia entrava em êxtase coletivo diante do espetáculo, com dançarinos sedutores e envolventes. Os protagonistas da epopeia são Rama (a sétima reencarnação do deus Vishnu), sua esposa, Sita, e o demônio Ravana.

As personagens deslizavam no cenário com coreografias que relatam as intrigas, o exílio, o amor e o drama. O espetáculo narra a saga do sequestro de Sita pelo raptor Ravana, as forças do bem contra o mal, até surgir Hanuman (o deus Macaco), o general dos generais – a manifestação de Shiva. No grand finale, Hanuman, prestes a ser lançado à fogueira, subjuga e destrói Ravana com sua força sobrenatural e liberta Sita, que volta aos braços do amado, Rama.

O espetáculo de dança foi produzido na década de 1930, mesclando conhecimento do dançarino balinês Wayan Limbak e do genial artista alemão Walter Spies. No entanto, a história do *Ramayana* se tornou vital para a vida espiritual e cultural de Bali, desde que as práticas e os ensinamentos do hinduísmo chegaram à ilha, por volta de 100 a.C.

Uluwatu está na Península de Bukit, localizada entre as ilhas de Java e Lombok. O arquipélago indonésio possui 17 mil ilhas, sendo que

apenas 6 mil delas são habitadas, por cerca de 250 milhões de pessoas, a maior população muçulmana no planeta. Bali possui 4 milhões de habitantes, milhares de expatriados, e recebe 2 milhões de turistas anualmente. O sincretismo hindu balinês e os elementos de diversas culturas e tradições transformaram a ilha num paraíso para turistas, românticos, surfistas, montanhistas, antropólogos, bailarinos, arquitetos e todos que estão à procura de experiências sensoriais, físicas e espirituais, ou simplesmente interessados em desfrutar de suas maravilhas.

COMER, MEDITAR E PEDALAR

A cidade de Ubud é o músculo cardíaco de Bali. Situada entre paisagens verdejantes, terraços de arrozais e uma imensidão de templos, ela encanta com sua energia mágica e convida qualquer criatura a passeios de bicicletas, caminhadas, aulas de ioga, dança e culinária, meditação e massagens. Há muitas lojinhas com o suprassumo do artesanato e da arte balineses. Uma infinidade de hotéis se espalha por toda a ilha, entretanto é em Ubud que se concentram os espaços para todos os gostos e orçamentos.

Corinna Sagesser (publisher da UNQUIET) e sua filha, Carolina, ficaram hospedadas no paradisíaco

Amandari Resort. O complexo, com arquitetura belíssima, obras de arte, culinária deliciosa, design e serviços ao estilo balinês, está em completa sintonia com a natureza e fica ao lado do Rio Ayung.

Pela manhã, andar de bicicleta e aproveitar a brisa é um prazer e as opções de passeios são inúmeras – entre elas descobrir com a bike arrozais, os mais conhecidos são o Tegalang Rice Terrain e o Jatiluwith Rice Fields. O Tegalang fica nas cercanias do vilarejo e, após uma boa pedalada, apreciando a vegetação verdejante, surgem os campos de arroz. O visual é um deleite para os olhos e para a alma. Corinna comenta que, ao longo do passeio, balinesas trabalhavam nos campos e trocavam olhares e sorrisos em completa sintonia. Os terraços de arroz são uniformemente organizados de acordo com um sistema de irrigação tradicional, conhecido como subak. Um pouco mais distante fica o impressionante Jatiluwith, que por tamanha beleza foi definido pela Unesco como Patrimônio Cultural Mundial e tem seu arroz como um dos mais apreciados em Bali. Após o passeio, nada melhor do que voltar para Ubud e almoçar em um dos deliciosos restaurantes e *warungs* (pequenos comércios familiares), que brotam por todos os cantos.

O Lotus Café, instalado no Ubud Water Palace, é



Vista sobre a impressionante Mandala de Borobudur

esplêndido. A culinária local seduz com seus temperos apimentados, em pratos tradicionais (são diversos), desde o clássico Nasi Goreng (arroz frito, vegetais e camarões) até o Gado Gado (vegetais variados, acompanhados de um apetitoso molho de amendoim). O local é um oásis de tranquilidade, com esculturas, obras de arte e um lago repleto de flores de lótus dedicado à deusa hindu Saraswati. A meia hora do Lotus Cafe encontra-se o fascinante Tirta Empul, também conhecido como o Templo das Águas Sagradas.

O complexo possui diversas piscinas e fontes, em que turistas e locais se banham e participam de rituais de cura usando os tradicionais sarongues. As águas sagradas purificam todos democraticamente, independente de crenças. Já no hotel, nada melhor do que aliviar o corpo recebendo uma massagem ou experimentando os inúmeros tratamentos holísticos em spas ou aulas de ioga. Carolina pesquisou e conheceu o Yoga Barn, que oferece um cardápio com várias opções de técnicas. Corinna teve o privilégio de fazer uma consulta com um sacerdote-curandeiro, que lhe fez previsões sobre a vida e, como num passe de mágica, eliminou uma profunda dor nas costas.

NO TOPO DO VULCÃO, COM AS BÊNÇÃOS DOS DEUSES

Um dos passeios mais cobiçados pelos aventureiros e turistas é a escalada do Monte Batur. O vulcão está localizado a 1.717 m de altitude, na região montanhosa do Kintamani, ao norte da ilha. A Indonésia está dentro do conhecido “círculo de fogo”, sendo uma gigantesca área de atividade sísmica e vulcânica, com 129 vulcões ativos e 65 deles classificados como “*very danger*”. O Krakatoa, entre Sumatra e Java, é o mais conhecido.

Subir o Monte Batur está ao alcance de todos e é uma peregrinação fundamental para os balineses. Quanto mais alto, mais perto dos deuses você chegará. A pedida é acordar bem cedo para fazer a caminhada. Corinna e Carolina aproveitaram a estadia e fizeram essa fascinante aventura. “Começamos às 4h30 da manhã, subindo a montanha, e ficamos em êxtase quando alcançamos o topo e visualizamos o imenso Vulcão Agung, soltando anéis de fumaça.”

Ela contou que o ritmo no início é suave, mas que a subida, em uma trilha estreita entre rochas vulcânicas, vai ficando mais complicada. “Todos carregam uma lanterna para iluminar o trajeto, e aos poucos o dia timidamente começa a clarear. O visual é impactante, com a luz dos vilarejos, as montanhas e os vulcões brotando diante de nossos olhos. O melhor é chegar ao cume do Monte Batur, onde, com o nascer do sol e o mar de nuvens, é possível degustar um panorama alucinante da natureza. O Lago Batur, o gigantesco Monte Agung (de 3.142 m), o Monte Abang (de 2.100 m) e a imensidão do Oceano Índico inundam os espíritos, bastando sentar e apreciar o cenário no trono dos deuses. Restauradas e plenas de vigor, a descida mais parece um conto de fadas.”

Em Ubud, há outros locais imperdíveis para conhecer, e o Ubud Palace é um deles. Residência oficial da família real, é onde ocorrem apresentações e performances de hipnóticas danças balinesas, orquestras de gamelão, como o Barong (uma comédia sobre um ser mitológico que afasta os maus espíritos e as forças malignas) e o Legong, com o gestual das jovens bailarinas e seus figurinos e adereços, e o fascinante teatro de sombras de marionetes (o *wayang kulit*). Os espetáculos acontecem todas as noites em um teatro aberto. A arqui-

Considerado o mais belo templo hindu fora da Índia, o complexo de Prambanan foi construído entre os séculos XVIII e XIX





O amanhecer tinge o céu sobre Borobudur. Na página ao lado, a entrada do mesmo templo

tetura, as pinturas e os detalhes do palácio são um primor de refinamento e beleza arquitetônicas das tradições balinesas.

Vale a pena ainda conhecer a produção e as manifestações artísticas dos locais: lojas de tecelagens, oficinas de pinturas e esculturas de madeira

A religião está em todos os cantos de Bali: nos templos, nas vilas, no altar das casas, nos quintais, nas estradas, nos restaurantes, nas esquinas e nas plantações. Há mais templos do que casas na ilha. O hinduísmo balinês é único, mesclando elementos do budismo, tradições do hinduísmo (com seus deuses ancestrais) e o animismo local.

BOROBUDUR, O OCEANO DE MANDALAS

Para consagrar sua estadia na Indonésia, é vital visitar e explorar os mistérios e enigmas do interior de Java, a ilha mais densamente povoada do planeta. Durante séculos, Java recebeu a visita de mercadores, religiosos, peregrinos e viajantes de todos os cantos da Terra. Sua história é repleta de vulcões, danças, sultanatos, transformistas, hinduísmo, budismo, islamismo, guerras, registros do “Homem de Java” e o misticismo em torno da

Mandala de Borobudur. Seu povo é uma mescla de raças e etnias: portugueses, chineses, holandeses e hindus, que misturaram suas culturas e fertilizaram o povo javanês, tornando-o cativante. Na região central da ilha está a cidade de Yogyakarta (a cidade dos iogues), distante 40 km da espetacular mandala.

Os sons e ruídos da tradicional orquestra javanesa penetram, como um néctar divino, no espírito e no corpo físico de quem se deixa levar. Composta de xilofones, flautas, gongos e metalofones, a música é hipnótica e sobrenatural – uma completa conexão tectônica “imersa no fluxo”.

O Sítio Arqueológico de Borobudur também está perto de Yogyakarta, no Vale de Kedu. Nossas aventuras Corinna e Carolina ficaram hospedadas no incrível Amanjiwo, ao lado de Borobudur. “Lembro profundamente da potente sensação de descer pela rampa de entrada do hotel, o Amanjiwo, que dava acesso ao salão principal, e meu guia, Lindarso, nos mostrar a vista alinhada ao topo do Templo de Borobudur. Naquele momento, eu sabia pouco sobre a região, mas já sentia sua energia”, lembra Carolina. “Eu nunca tinha ouvido falar em Borobudur.

Visto de cima, o templo Borobudur forma o desenho de uma mandala. Visto à distância, é uma estupa

Fomos visitar e fiquei completamente magnetizada pelo ambiente e pela quantidade de painéis nas plataformas. Tudo extremamente bem preservado e com pouquíssimos viajantes, apenas alguns turistas indonésios interagindo conosco”, diz. “Uma viagem em que vivenciamos experiências únicas e inesquecíveis, que ficarão para sempre em nossas vidas.”

ENCONTRO CÓSMICO

O cenário estonteante e a presença do Vulcão Merapi, expelindo sua fumacinha branca continuamente, arremessa nossos espíritos ao encontro cósmico. A beleza e a complexidade da mandala piramidal deixam qualquer criatura em estado de graça. Uma brisa divina envolve o ambiente. Não há como ficar indiferente. Borobudur é extrassensorial. É o maior templo budista do mundo, além de ser reconhecido como um dos maiores monumentos da religião de Buda. No entanto, ninguém sabe quem o construiu. Não há datas e inscrições que deem pistas. Acredita-se que ele foi realizado por muitas gerações e reinos. Borobudur possui a forma de uma gigantesca mandala, a yantra. Os visitantes e peregrinos devem caminhar no sentido horário pelas plataformas até chegarem ao cume. O lugar consiste de nove plataformas, seis terraços quadrados e três circulares, com muitas passarelas e escadas.

Segundo historiadores e arqueólogos, o templo foi construído 235 m acima do nível do mar, entre 760 e 840 da era cristã, mas há relatos



Um campo de arroz em Bali e o banho sagrado no templo Tirta Empul



FOTOS CORINNA SAGESSRER E GETTY



Mulheres colhem arroz com vestimentas típicas e uma oferenda aos deuses, prática comum na Indonésia



controversos de que o templo já existia em 400 d.C. Segundo a lenda, ele foi projetado como uma mandala gigantesca pelo arquiteto divino Gunadharma. Os sutras sagrados descrevem que o plano arquitetônico é uma obra dos deuses. Já os arqueólogos afirmam que o projeto foi realizado por diversas dinastias. Trata-se de um grande enigma.

Borobudur é uma espécie de “máquina de meditação”, e essa característica descreve os preceitos do budismo mahayana e vajrayana. A escritora e psicóloga Bel Cezar conheceu Borobudur em 1990 e voltou muitas vezes, acompanhando o mestre Gang Chen Rinpoche e seu filho, lama Michel Rinpoche. “Visitei Borobudur com lama Gangchen Rinpoche. Éramos poucas pessoas. Rinpoche nos introduziu à Mandala de Borobudur como um lugar sagrado, onde poderíamos meditar e refletir com mais facilidade. Certa tarde, sentados na grama diante da estupa, Rinpoche disse: ‘Não olhem para a estupa como um monumento de pedra. Olhem como um lugar vivo, onde as divindades estão trabalhando sem parar, como num atendimento de uma ala de primeiros-socorros. Elas estão indo para cá e para lá, cuidando de todos que precisam de ajuda.’ A

partir de então, entendi que estávamos com uma oportunidade preciosa para nos dedicarmos ao processo de autocura pessoal e coletiva.”

A descoberta da mandala ocorreu entre 1814 e 1817 pelo inglês T. S. Raffles e pelo engenheiro militar holandês H. C. Cornelius. Borobudur ficou soterrada durante séculos sob as cinzas vulcânicas e a densa vegetação. Sua restauração passou por diversas fases e assim conseguiu-se recuperar a construção, de 34,5 m de altura. Cerca de 55 mil m³ de rocha retirada da região foram usados para construir os blocos e esculpir o templo. Os blocos não foram unidos por argamassa ou cimento, mas projetados para se encaixar uns nos outros.

Borobudur possui 2.670 painéis em baixo-relevo, dos quais 1.460 possuem uma função narrativa e 1.212 são decorativos, em uma área de 2,5 mil m². A jornada do visitante se inicia na base do santuário e segue em sentido horário e ascendente. Monge Daniel, que esteve inúmeras vezes em Borobudur, comentou: “Borobudur é o Oceano de Mandalas. Ele ensina e mostra através da arquitetura e da simbologia sagrada o caminho completo da transformação do ser humano até a iluminação. Borobudur me

proporcionou a deliciosa sensação de liberdade e de espaço mental, emocional e físico”.

NO CAMINHO DE BUDA

Caminhando por suas plataformas e escadarias, um universo divino e a vida de Buda explodem pelas paredes. A subida é repleta de ensinamentos para o caminho da iluminação. A história do budismo se desvenda diante de nossos sentidos, em milhares de painéis, distribuídos pelas galerias, onde podemos desfrutar de 504 estátuas de Buda milimetricamente restauradas. A cúpula central é cercada de 72 estátuas de Buda em postura de lótus e com as mãos em seis diferentes mudras (gestos utilizados no budismo), e todas elas sentadas dentro de estupas perfuradas por uma tela de pedra.

Finalmente, em 1983, Borobudur foi aberta para a visitação pública pelo governo indonésio (muculmano) e autorizado para receber cerimônias e oferendas nas datas do calendário budista. De acordo com Bel Cezar, de 1990 a 2019, lama Gangchen Rinpoche visitou anualmente a estupa para meditar e praticar a Autocura Tântrica, com seus amigos e discípulos. Bel nos diz: “Por vezes, chegamos a for-

mar grupos de 200 pessoas. Em todas as madrugadas, iniciamos a caminhada em torno da estupa, recitando os mantras e levando um incenso nas mãos. Posteriormente íamos subindo as plataformas de acordo com a prática de Autocura Tântrica”.

Lama Michel Rinpoche nos explica que o budismo tem várias maneiras de abençoar – “Um ser que abençoa um lugar, um lugar que abençoa um ser ou um ser que abençoa outro ser”. A Mandala de Borobudur foi abençoada por muitos seres sagrados e grandes praticantes e, por isso, tem a característica de abençoar todos que a visitam. O lama nos disse ainda que, sempre que sentimos que algo nos falta, é porque temos pouco contato com a energia espiritual. Por isso peregrinamos por lugares sagrados, como Borobudur.

É impossível descrever as sensações na visita-peregrinação à monumental mandala: não há como sair ileso diante de tanta beleza e energia.

Distante 40 km de Borobudur está localizado o maravilhoso complexo de Loro Jong Grand, conhecido também como Prambanan. Segundo historiadores, o templo foi construído entre os séculos XVIII

da Índia. O complexo é composto de três templos, dedicados aos três deuses principais do panteão hinduísta e decorados com belíssimos relevos, que ilustram a epopeia do clássico Ramayana. O templo central é dedicado ao deus Shiva, com a altura de 47 m, e os dois laterais aos deuses Vishnu e Brahma, com 33 m – eles formam a tríade hindu. Borobudur e Prambanam demonstram que o budismo e o hinduísmo foram fundidos e os templos hindus foram construídos no mesmo período que a Mandala de Borobudur.

Tendo oportunidade, não deixe de conhecer Borobudur e lembre-se do conselho do lama Gangchen Rinpoche: “Ao visitar lugares sagrados externos, podemos compreender e ter a experiência direta dos lugares sagrados internos de nosso corpo e mente sutil, relaxando em níveis profundos de autocura, à medida que nossas aflições emocionais se dissolvem espontaneamente”.

O mítico Monte Batur, vulcão ativo cuja subida é um dos maiores desafios na ilha de Bali



AMANDARI

Com vistas para os terraços de arroz e para Rio Ayung, o hotel foi inspirado em uma tradicional aldeia balinesa. A poucos quilômetros de Ubud, tem como proposta criar uma experiência autêntica, aproximando os hóspedes da vivência genuína local, com visitas a artistas da região e passeios por florestas tropicais e templos. Seguindo a filosofia do grupo Aman, boa parte do *staff* é originária do vilarejo. Além disso, as crianças das escolas das imediações fazem visitas periódicas ao Amandari, onde aprendem sobre ações ecológicas, como a compostagem, o cultivo de uma horta orgânica e reciclagem.

AMANJIWO:

“Alma pacífica” é a tradução do nome desse hotel, que reflete a atmosfera zen e a tranquilidade de seus vizinhos históricos na Ilha de Java. O impressionante Borobudur é o elã do design e de todo conceito da propriedade, já que a forma arredondada do hotel faz alusão ao templo. Entre as propostas de experiências, a meditação noturna com monges e a visita aos arrozais são destaque. Duas vezes por mês, uma oficina de *batik* (arte têxtil local) acontece para os hóspedes com a participação de crianças do orfanato Yayasan Badan Wakaf, iniciativa que abriga 100 crianças e tem o Amanjiwo como um dos principais apoiadores. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ARTE

Vivências artísticas em

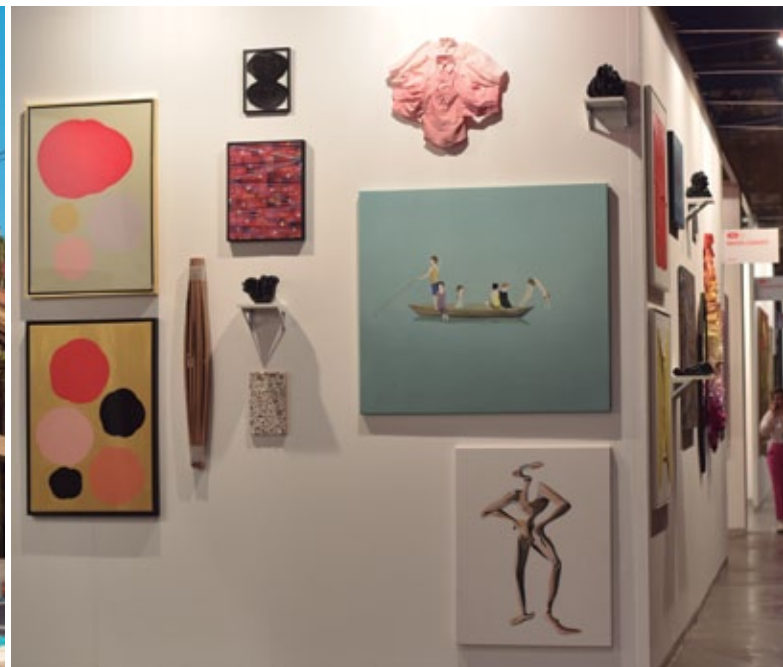
Buenos Aires

Além do circuito de grandes e consagrados museus, a capital argentina é palco de novas manifestações, galerias e artistas que convidam a rever formas, conceitos e discursos por meio de suas obras

POR PAULO MIYADA



A obra *Mente Humana*, instalação no Museo de Arte Moderno, uma das exposições da Fundação Arteba e o edifício que abriga o Moderno, no bairro de San Telmo. Na página ao lado, toda a imponência da livraria El Ateneo



idade que fervilha no âmbito cultural, Buenos Aires dá sempre a impressão de estar povoada de arte, seja por referências populares, como o tango, que se ouve a todo momento, seja por fortes expressões de consagrados e novos artistas em cena nos muitos museus, nas galerias de arte, que surgem a todo momento, e nos vários monumentos espalhados por ela. Não é preciso acessar o legado histórico de grandes nomes para confirmar essa vocação, uma vez que basta andar pelos bairros para perceber que a oferta cultural é uma das vertentes mais latentes da metrópole.

Afinal, não é qualquer cidade que tem uma livraria entre seus cartões-postais, como a El Ateneo, instalada no antigo Teatro Grand Splendid, na Avenida Santa Fe. O espaço, construído em 1919 para envolver um público de 500 pessoas, se tornou um dos mais monumentais e luxuosos edifícios dedicados à palavra escrita em todo o planeta. Também não é qualquer cidade que abriga um museu como o Malba, com sua inescapável coleção de arte latino-americana – que apresenta a seus visitantes, entre outras preciosidades, *O Abapuru*, de Tarsila do Amaral –, além de uma programação de exposições temporárias, que oferecem entradas em múltiplos momentos da história da arte moderna e contemporânea.

Em minha última visita a Buenos Aires, as condições me permitiram conhecer outra camada da vida cultural. Trabalhando como cura-

dor adjunto da instituição francesa Centro Georges Pompidou desde o ano passado, tive, ao longo de cinco intensos dias, em companhia de Beatriz Yunes Guarita e Alexandra de Royere (integrantes do círculo de amigos latino-americanos do museu), a oportunidade de explorar ateliês de artistas, instituições de portes variados e espaços independentes.

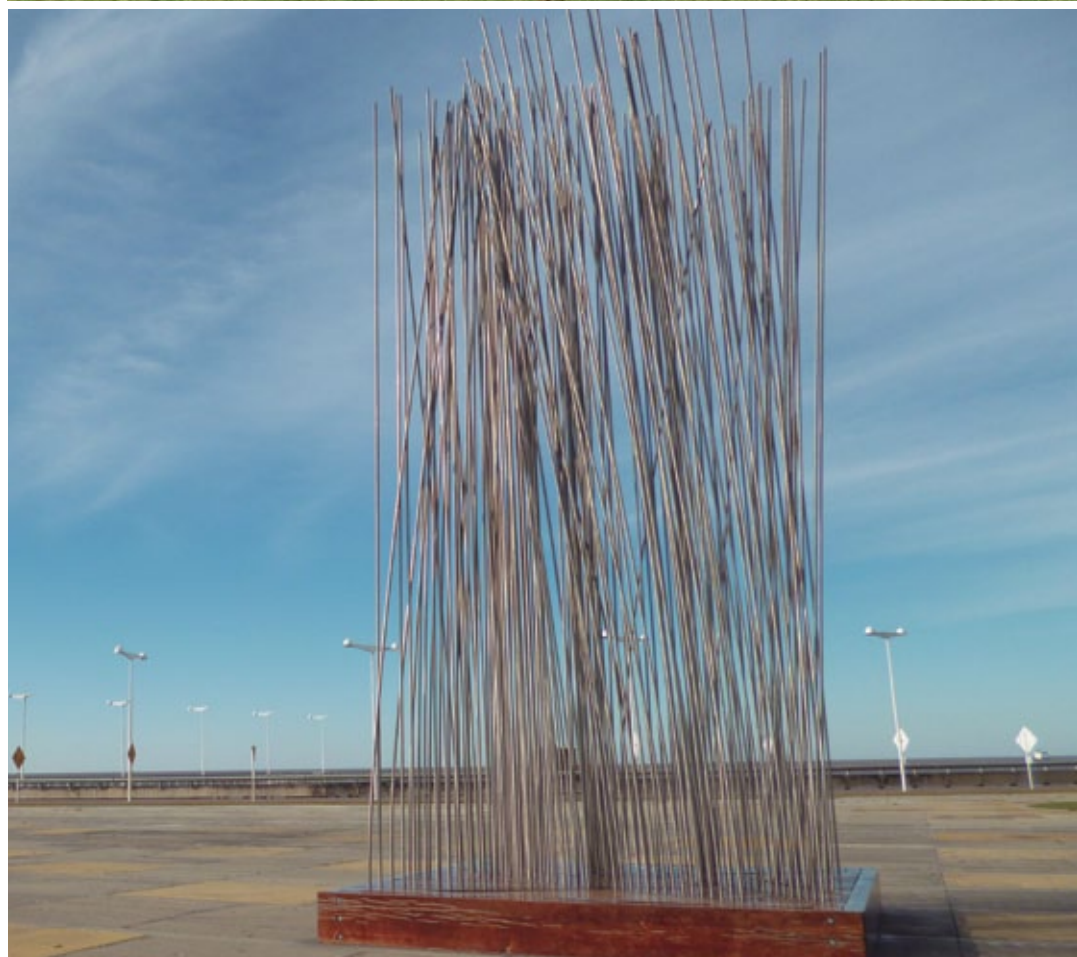
Para essa incursão, cheia de belas surpresas, contei com um roteiro criado pela Fundação Arteba, responsável por diversas iniciativas, incluindo a feira de arte anual que leva seu nome. Os ateliês, distribuídos em múltiplos bairros e paisagens, abrigam artistas rigorosos, com atuação intensa dentro e fora de seu país, como Magdalena Jitrik, Diego Bianchi, Mariela Scafati e a monumental Marta Minujin, além de espaços que estão hoje co-

laborando para repensar o que é, o que foi e o que pode ser a arte argentina.

MODERNO

O Museo de Arte Moderno de Buenos Aires ou, simplesmente, o Moderno, no bairro de San Telmo desde 1956, sempre esteve associado à produção experimental e vanguardista. E o espaço tem, nos últimos dez anos, intensificado sua ambição e seu impacto na cidade. O edifício foi renovado, as exposições foram reorganizadas e ele recebe mostras de artistas jovens, ao mesmo tempo que mantém um acervo consistente (um grande trabalho de revitalização sob a direção de Victoria Noorthoon).

Para além das exposições, a experiência no Moderno começa logo na entrada, no espaço iluminado



Acima, a obra *30.000*, de Nicolás Guagnini, e as varas de aço da instalação de Leon Ferrari, na entrada do Parque de la Memoria. Na página ao lado, a peça da artista Marie Orensanz convida à reflexão no mesmo parque



Caminhar entre as esculturas e instalações do Parque de la Memoria provoca grande emoção

e convidativo de seu piso térreo, onde é possível se informar sobre o que está em cartaz e planejar a visita. A produção, moderna e contemporânea, pode parecer desafiadora para quem está acostumado a um modelo estático de museu, com espaços de contemplação por meio de salões decorados com obras de arte posicionadas segundo uma cronologia consensual da história. No Moderno, as oportunidades são outras e, por vezes, estão em exposição obras intangíveis, ou, ao contrário, performáticas. Em outras vezes, produções feitas décadas atrás estão em contato com algo produzido há poucos meses.

O estranhamento da primeira impressão é rapidamente superado pela ótima ambientação e pela disposição das obras, tudo muito explicativo e, ao mesmo tempo, subjetivo ao olhar de cada visitante. Há ainda uma série de catálogos e publicações que podem servir de consulta para quem quiser se aprofundar nos temas. Ao sair dali, é impossível não se sentir inebriado pela profusão de informações e belezas e, nesse caso, uma boa dica é se sentar em um dos charmosos cafés de San Telmo, ou, quem sabe, em um dos muitos bares do bairro, para um copo de vinho com sabor de arte.

PARQUE DE LA MEMORIA

Antes de mais nada, o museu tem a função de guardar memórias, sejam elas odes a um passado glorioso de alegria ou um memorial ao sofrimento. Esse último é o caso da dolorosa, mas muito nobre, tarefa do Parque de la Memoria, criado em 1998 na mar-

gem do Rio da Prata. Trata-se de um vasto e belo parque onde sopra o vento e por onde caminhamos entre esculturas, instalações, espaços expositivos, bancos e até mesmo uma base de dados de consulta pública. Tudo ali foi pensado em torno da missão de criar um “monumento às vítimas do terrorismo de estado”, deixadas pela mais recente ditadura militar do país.

Os números de mortos e desaparecidos entre 1976 e 1983 são estarrecedores, e incompreensíveis. O desafio enfrentado pelas gerações responsáveis por reconstruir a paz e a democracia foi criar lugares de testemunho e reflexão, para que a abstração dos números nunca fizesse que as vidas perdidas e a violência perpetrada pudessem ser relativizadas ou esquecidas. Dentre inúmeras iniciativas com a participação ativa da sociedade civil argentina, o Parque de la Memoria é um exemplo para todos os países que também atravessaram, ou atravessam, ciclos de violação dos direitos humanos fundamentais.

À chegada ao parque, somos recebidos por esculturas que se equilibram entre o que pode ser ou não comunicado por palavras. As varas de aço da peça de Leon Ferrari oscilam com o vento ou com o toque dos visitantes, produzindo uma sonoridade de acasos. Adiante, dois espessos e altos blocos de aço corten, trabalhados por Marie Orensanz, trazem cortadas as letras da frase “pensar é um ato revolucionário”. Há outras obras e, após uma caminhada de alguns minutos, alcançamos o epicentro do parque, com suas quatro longas paredes, revestidas de

30 mil placas de rocha patagônica, gravadas com o nome dos cidadãos vitimados pelo estado argentino entre 1969 e 1983.

A visita provoca uma emoção à flor da pele, sensação que é amplificada quando avistamos, no meio do Rio da Prata, a escultura de Claudia Fontes – o retrato de um menino desaparecido aos 14 anos, feito de aço inoxidável reflexivo, de modo que sua pele reflita sempre as águas em que foram lançadas muitas das pessoas assassinadas e nunca mais encontradas.

PULPERÍA MUTUALICA

Foi no bairro de Villa Ortúzar, distante do centro da cidade, que encontrei um dos espaços mais interessantes de promoção de ações artísticas e também de serviços comunitários. Criado em 2021, o Pulpería Mutualica é obra do artista Osias Yanov, cujo trabalho experimenta formas, materiais e movimentos, além de maneiras de viver e criar colaborativamente. De aparência bastante singela e prosaica, ele se abre diretamente para a calçada com sua vitrine envidraçada, semelhante à de um salão de cabeleireiro. O lugar convida moradores da comunidade e visitantes a entrar, conhecer e conversar sobre projetos como os que Osias fez no museu Moderno e na

Inspirados por um único cenário cultural, artistas históricos e de vanguarda convivem em harmonia

Abaixo, a emblemática escultura *Floraris Generica*, destaque na Plaza de las Naciones Unidas. Na página ao lado, uma das salas do Departamento de Arte da Universidade Torcuato di Tella e performance artística no mesmo espaço



Bienal de Berlim, em encontros diversos e alheios à lógica do consumo. Lugares assim fazem de Buenos Aires um lugar tão propício como qualquer outro para pensar pela primeira vez em formas de cuidado e sensibilização de si e das outras pessoas.

ESPACIO TACUARI E DEPARTAMENTO DE ARTE DA UNIVERSIDADE TORCUATO DI TELLA

Com dias intensos de visitas e conversas na cidade, ficou muito por ver. Um deles é o Espacio Tacuari, criado pelos colecionadores Juan e Patricia Vergez para abrigar sua coleção de arte, com especial destaque para obras imersivas, muitas de grande escala e dependentes de condições especiais para serem montadas e experienciadas. Com artistas argentinos como Tomás Saraceno, Mariela Scafati e Leandro Erlich, a coleção inclui também nomes internacionais, como Monika Sosnowska, Ernesto Neto, Elmgreen & Dragset e Olafur Eliasson. Isso quer dizer que cores, luzes, equilíbrios e tensões são todos convocados para experiências sinestésicas em um espaço único – construído dentro de uma antiga fábrica de tintas no bairro de San Telmo.

O Departamento de Arte da Universidade Torcuato Di Tella é outro espaço que merece a atenção dos interessados em arte de passagem pela cidade. Desde 2008, esse departamento traz para o presen-



te o legado do Centro de Artes Visuales do Instituto Torcuato Di Tella, que nos anos 1960 e 70 transformou a arte argentina com seus inovadores programas educativos, simpósios, exposições e projetos. Nesse espaço, artistas jovens com agudas linhas de investigação são selecionados para participar de disciplinas de aprofundamento que duram um ano e meio, tempo em que são estimulados a indagar suas práticas artísticas e abrir novas frentes de experimentação. Quem quiser acompanhar os resultados encontra na ampla sala de exposições do Departamento a produção dos alunos e de artistas argentinos e estrangeiros convidados.

“Paulo e eu partimos com o objetivo de conhecer a cena artística da Argentina para o programa de aquisições de obras para o Centro Georges Pompidou e, ao final, voltamos surpresos ao ver como artistas históricos e artistas super de vanguarda convivem em harmonia, sendo que o que os inspira é um único cenário cultural, rico em história, fatos políticos marcantes, muita filosofia e psicologia. Há coleções particulares muito consistentes e instituições de arte ativas”, conclui Beatriz Yunes Guarita.

A fachada das casas coloridas do tradicional bairro de La Boca



PALÁCIO PORTENHO

Depois de um dia regado a arte em Buenos Aires, encontrar no hotel o aconchego de um palácio, que guarda em seus aposentos o requinte da Belle Époque, pode ser uma ótima opção. No coração da Recoleta, o bairro mais sofisticado da capital portenha, o Palácio Duhau - Park Hyatt tem a seu favor, além das instalações elegantes, a localização central, a poucos passos de bons restaurantes, do bairro de Puerto Madero e do Museu Malba.

O estilo rebuscado da propriedade, um edifício dos anos 1930, faz um contraponto perfeito à oferta contemporânea do hotel no que diz respeito às instalações, ao serviço, à decoração e à gastronomia, a exemplo do restaurante Duhau, entre os melhores da cidade, além de um prestigiado spa. Vale saber, ainda, que o Park Hyatt conta com uma galeria de arte, cujo acervo particular prestigia obras de artistas argentinos e latino-americanos. 📍





ESPORTE

ONDE A BAHIA É MAIS DOCE

*Ilhéus, Itacaré e Serra Grande formam a santíssima trindade da Rota do Cacau.
Percorrida sobre duas rodas, a viagem une aventura, sustentabilidade
e a fascinante história do “fruto de ouro”*

POR LUISA MICHELETTI FOTOS CLAUS LEHMANN

N

em todo mundo mantém as amizades da época do colégio, mas eu acabei sendo uma dessas pessoas. O grupo do WhatsApp dos colegas vive divulgando novidades, embora 20 anos tenham se passado desde a formatura. Eis que recebo o seguinte convite: pedalar pelo sul da Bahia.

“A viagem é a sua cara. A maioria são mulheres: aventureiras, mas que não gostam de passar por dificuldades; ativas, mas não exatamente atletas. A paisagem é deslumbrante”. Palavras do Juliano Mendonça, amigo desde os anos 1990, e fundador da Elo Bike Trips (www.elobiketrips.com.br), uma empresa que organiza viagens ativas de bicicleta ao longo da chamada Rota do Cacau. Os grupos, de até 14 pessoas, vivem uma gama diversa de atividades além da bike: desde trilhas, cachoeiras e canoa havaiana até experiências gastronômicas em fazendas centenárias que cultivam o cacau de maneira sustentável.

São cinco dias de atividades previamente programadas, e outros dois de traslado e viagem, na ida e na volta. A aventura começa em Ilhéus, no dia seguinte à chegada do grupo, formado por pessoas de várias partes do Brasil e de idades variadas. A viagem alterna pedaladas de 20 a 40 km por dia, iniciando às 8 horas e terminando por volta das 16 horas. Um carro de apoio fica sempre pronto para acolher eventuais necessidades.

Nesse contexto de pós-pandemia, muitas pessoas têm sentido urgência em atender a própria necessidade de retomar atividades físicas e de socialização. Foi o que revelaram algumas conversas do grupo no dia da chegada, durante um passeio cultural programado pelo centro de Ilhéus. Viagens ativas, especialmente de bicicleta, podem ser uma ótima pedida para retomar a prática de fazer novos contatos e, quem sabe, futuras amizades. Aguçam os sentidos do viajante. A vulnerabilidade do ciclista abre o olhar para novas emoções e integra a presença do turista à cultura local. Estando sujeito aos tempos, aos aromas, aos sons, às chuvas e aos sotaques, é justamente a sensibilidade aos detalhes que torna a experiência tão mágica. Com isso em mente, nosso guia pediu para que escrevêssemos, numa frase, a nossa meta interior. Algo mais subjetivo, que seria compartilhado pelo grupo no último dia.

PEDAL ENTRE A AREIA E A MATA ATLÂNTICA

Composto de 12 pessoas, todos do grupo partiram equipados com capacete, bermudas de ciclismo acolchoadas, camisetas UV, tênis e, claro, ótimas bicicletas. A própria Elo Bike Trips fornece as bikes. Estão disponíveis os modelos Cannondale (linha Trail), aro 29, a Oggi, a Caloi e a Merida, aro 26. A bike ideal é definida previamente, de acordo com a altura e o peso de cada viajante. Todas contam com freio a disco hidráulico e suspensão dianteira e garantem uma pilotagem confortável e segurança para a vivência.

Pedalar pela areia foi um dos pontos altos da jornada. São 35 km de praia, saindo de Ilhéus e indo em direção a Serra Grande, um vilarejo que faz parte do município de Uruçuca, onde nos hospedaremos pelas três noites seguintes. O nível de dificuldade nesse trecho depende bastante da natureza. Para nossa sorte, o vento estava a favor e deu um impulso muito bem-vindo à experiência, que é um verdadeiro deleite sensorial. Por aproximadamen-



Durante o trajeto entre Ilhéus e Serra Grande é preciso vencer desafios, como atravessar pequenos rios carregando a bike

te três horas, não se vê início nem fim: só areia, mar e duas rodas. A temperatura em abril é perfeita para esse tipo de atividade, a ponto de um tempo nublado e uma garoa leve serem celebrados. O calor sempre está lá, vale lembrar. Os meses de sol a pino não são recomendados para a prática. Os únicos momentos em que descemos da bike no trajeto, além de uma rápida parada para um lanche de frutas, foram para atravessar pequenos riachos, pelos quais passávamos a pé, cada um carregando sua bicicleta por alguns metros. A água salgada pode danificar o alumínio e a corrente, por isso cada um fica responsável pela sua própria bike.

O segundo dia de aventura começou desafiador: uma subida acentuada pelo asfalto, a poucos metros da pousada Canto Leela, em Serra Grande, de onde partimos pedalando. O grupo já foi logo acionando as marchas mais leves para dar conta da rampa e manter a constância no ritmo de pedaladas. O acostamento é estreito e permite no máximo duas bicicletas emparelhadas. O ideal mesmo é manter a fila indiana nos trechos de asfalto. Os ciclistas

mais experientes ajudam com conselhos técnicos, como, por exemplo, manter uma cadência baixa, porém contínua, e evitar rompantes que gerem estafa. Tentei seguir as dicas com resiliência, mas acabei precisando empurrar a bike no terceiro terço do trajeto. Fui a última a chegar ao mirante de Serra Grande, 80 m acima do nível do mar, onde todos aguardavam com água, frutas e fotos.

Outro trajeto memorável é o caminho de Itacaré a Jeribucaçu, uma praia superpreservada que dá acesso, pelas pedras, à Praia da Arruda, também deserta. Metade do caminho é feita sobre duas rodas, por asfalto e estradas de terra. Saímos da vila de Itacaré e terminamos num sítio, onde deixamos as bikes estacionadas. Ali começa uma caminhada por uma trilha morro abaixo, conhecida por seu nível de dificuldade médio, mas que, devido à chuva, acabou se tornando mais difícil do que imaginávamos. A combinação entre barro molhado e inclinação acentuada só foi possível de ser superada graças a cordas que funcionam como corrimão nas

laterais do caminho. Alguns tombos depois, chegamos à Praia de Jeribucaçu, junto com o fim da chuva. A praia seria intocada, não fosse uma pequena barraca, que serve um almoço simples, mas bastante saboroso. O grupo escolheu peixe vermelho com arroz e batatas fritas e seguiu caminhando até a Praia da Arruda, ainda mais desconhecida e virgem. Na volta, morro acima, o chão mais seco facilitou o trajeto e a digestão. De volta ao pedal, o asfalto que conduz novamente a Itacaré conta com uma excelente ciclovia, com vista para o mar.

HORA DE RELAXAR

As atividades terminavam por volta do meio da tarde. Nada como o pôr do sol para curtir a praia e as acomodações da pousada Canto Leela, deliciosa não só pelo excelente café da manhã artesanal, de frente

para a Praia Pé de Serra, mas também pela privacidade: são apenas seis bangalôs, espalhados pela mata. Uma ampla sala de ioga, com paredes de vidro e piso de madeira, cercada pelo verde, instiga até os mais extrovertidos a agendar aulas de tai-chi e massagens. Vale citar a piscina ecológica, originalmente um lago, em que vegetação, algas e peixes foram preservados ao redor. A água entra e sai da piscina de maneira cíclica e nunca está gelada – e a química é quase zero.

Na mesma região, em Serra Grande, a Toca da Tapioca é uma excelente opção para comer bem. Localizada no centro do vilarejo, quem experimenta o suco de cacau com gengibre e hortelã, servido numa charmosa caneca de metal, não imagina a saga vivida pela chef Deia Lopes. Baiana de Ubaitaba, ela viveu 16 anos em São Paulo para tentar uma vida melhor ao lado da mãe, uma vendedora de amendoim.

De lá para cá, trabalhou em muitas cozinhas, hotéis e restaurantes, sempre estudando, mas foi a volta à Bahia que transformou o sucesso de sua pequena tapiocaria em um dos restaurantes mais comentados. Mesmo atravessando a crise da pandemia, Deia segue assinando um menu brasileiro, criativo e sofisticado, que oferece aos turistas pratos como bobó de camarão com arroz de coco queimado, farofa de cebola, vatapá e chips de banana-da-terra.

UMA VIAGEM AO CICLO DO CACAU

A Estrada do Chocolate (Rodovia BA-262) conecta Ilhéus, a Capital do Cacau, com o município de Uruçuca, onde se localiza Serra Grande. O lugar remonta ao ciclo do cacau, que, entre o final do século XIX e meados do século XX, fez da região umas das mais prósperas do Brasil e onde surgiram várias fa-

zendas produtoras, cujas construções permanecem sendo estandartes dessa época. O declínio da região coincide com a proliferação de uma praga conhecida como vassoura-de-bruxa, que dizimou a produção cacauera e levou muitos dos fazendeiros a encerrar as atividades.

Mas há ainda um perfume de passado ao longo desse caminho, onde é possível visitar fazendas centenárias (hoje voltadas para o turismo) tanto para almoçar quanto para se hospedar. A Fazenda Provisão recebe até 14 pessoas e é mantida há cinco gerações. Piso original, camas com estrutura de madeira, armários, louça e prataria do começo do século XX nos remetem imediatamente à famosa época dos coronéis, representada nos romances eternos de Jorge Amado. *Gabriela, Cravo e Canela, Cacau e Terras do Sem-Fim*. O quarto principal



mantém um grande baú, que costumava ser usado como mala e traz uma inscrição de 1790. Roberto Novaes, tataraneto do primeiro prefeito de Ilhéus, o coronel Domingos Adami, em cuja gestão foi construído o conhecido Palácio Paranaguá, é quem cuida da fazenda hoje. Ele diz que a ideia é criar uma experiência de época e de contato sensorial com a produção do cacau para grupos e famílias que queiram praticar caiaque, pesca e caminhada pelos 45 hectares preservados de Mata Atlântica virgem. O casarão tem quatro quartos, dois anexos, quatro banheiros e uma grande varanda, onde apreciamos uma saborosa comida de fazenda.

Uma das coisas mais interessantes de aprender é que, embora o chocolate seja o derivado mais conhecido do cacau, ele não é o único. O fruto é capaz de render diversos itens, como licor, mel, geleia, nibs (caramelizado ou puro), castanha e até um delicioso e surpreendente chá, feito com a casca da semente após a secagem. Isso sem falar no fruto em si, cuja polpa é deliciosa e levemente ácida. Algumas fazendas proporcionam a experiência comple-

ta: conhecer a produção desde a árvore até a barra de chocolate, ou, como os produtores locais costumam chamar, “tree to bar”. É o caso da Fazenda Capela Velha, que oferece uma visita guiada, que começa na plantação e termina na degustação dos produtos, inclusive, claro, o chocolate.

SUSTENTABILIDADE NO CULTIVO

A forma de cultivar o cacau num sistema de agrofloresta é típica do sul da Bahia. O termo agrofloresta tem sido cada vez mais usado quando se fala em plantio sustentável. Ele é o oposto da monocultura, que cultiva apenas uma espécie e, por isso, desmata grandes áreas. A agrofloresta mantém e se utiliza da própria floresta para cultivar uma diversidade de plantas que colaboram entre si. Ali também chamada de cabruca (uma expressão indígena, do verbo cabruçar, ou “abrir espaço na mata para plantar o pé de cacau”), a ideia é preservar a mata para que a própria mata ajude a plantação. O pé de cacau cresce muito bem na sombra de árvores maiores. As árvores nativas da mata garantem e dão confort-



Um fruto de cacau aberto, com sua polpa espessa, e a parada para refrescar o corpo na Cachoeira de Juerana. Na página ao lado, entardecer no Rio de Contas, em Itacaré

to térmico ao pé e ao fruto. Por isso ele prospera dentro da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica. A fauna também se integra como parte de agroflorestas no mundo todo e, no caso do cacau, observou-se, séculos atrás, que o macaco jupará comia e espalhava as sementes. As folhas secas, que caem de todo tipo de vegetação dentro da agrofloresta, também servem de cobertura térmica para o solo, a chamada serrapilheira, que se decompõe e volta para o ciclo natural na forma de adubo orgânico.

O cacau é uma espécie das Américas, mas foi levado no século XVI para a Espanha pelos navegadores. São mais de 3 mil tipos, mas na região ainda predominam as três grandes famílias: o crioulo, o forasteiro e o trinitário (o cruzamento natural entre as duas variedades anteriores).

Uma boa oportunidade de provar a fruta é ao longo da trilha que parte da Fazenda Juerana Milagrosa para a grande Cachoeira da Juerana. Pedalamos logo cedo em direção à fazenda, onde almoçaríamos, mas não antes de conhecermos a grande piscina natural que a mata esconde. Por cerca de 40 minutos trilha adentro, compartilhamos um fruto de cacau colhido pelo nosso guia, que o passou de mão em mão para que cada um pudesse saborear quantas sementes quisesse. Os pés crescem abundantemente nessa região, assim como o dendezeiro. Na



volta, com todos banhados e renovados pela força das águas doces, subimos a trilha, ansiosos pelo almoço preparado na própria fazenda: moqueca de palmito. A Fazenda Juerana Milagrosa, além de refeições, também oferece hospedagem.

EXPERIÊNCIAS PARA LEVAR NA MEMÓRIA

A vantagem de estar em grupo numa viagem de aventura é o estímulo mútuo. A pedagoga Denise Toledo Martins, 56 anos, uma das mais agregadoras da turma, me estimulava o tempo todo a permanecer sobre as duas rodas e a não apelar para o carro de apoio, por mais que os ísquios insistissem em doer. “Nunca fui ciclista, mas sempre adorei pedalar. A bicicleta é um meio de transporte. É objeto para exercício, mas também objeto de sonho: flutuar, brincar, deslizar, ir longe. Ultimamente comecei a pedalar mais e fiquei com vontade de experimentar uma viagem ativa. Escolhi a Bahia por ter sido o primeiro lugar para onde viajei sozinha, na juventude, sem meus pais. Agora, com os filhos criados, voltar para cá e viajar sem eles, pedalando, fez muito sentido. Eu buscava estar com meu marido, passear, namorar. Foi tudo ótimo.

Gostei muito das fazendas visitadas, dos encontros com as pessoas que vivem nelas. É uma junção de campo com praia. Conhecer o modo de vida delas, e também entender os processos do cacau, foi muito rico.”

A noite é sempre animada em Itacaré. Quanto mais perto do fim de semana, mais as ruas ficam tomadas por bares, pequenos shows e forró, especialmente a Rua Pituba. Escolhemos jantar no Mirante Itacaré para celebrar o término da aventura. Com vista para o mar, o pôr do sol que se vê das mesas ao ar livre é ainda mais encantador quando acompanhado por um drinque. O arroz de polvo é o carro-chefe da casa. Parecia o cenário perfeito para trocarmos nossas impressões sobre a imersão em duas rodas. O consultor ambiental Edson Peters, 59 anos, resumiu o que todos pareciam querer expressar. “A bicicleta virou um símbolo de liberdade. Aproveitei para renovar meus pensamentos, meus sentimentos. Conciliar lazer, atividade física e natureza faz muito bem e me tira das situações de estresse. Concilio minha alma com meu espírito. Foi uma aventura calculada, mas bem aproveitada, com boa comida e boas companhias.”



RESORT DO BEM

Um enclave de bom gosto e estilo na Estrada Parque BA-001, rodovia que liga Ilhéus a Itacaré, o Txai Resort concentra todos os melhores conceitos que definem o luxo contemporâneo. Isso porque foi um dos primeiros hotéis no Brasil a levantar a bandeira da sustentabilidade, há mais de 20 anos, e levá-la adiante como um de seus pilares. Além da localização privilegiada, em frente à Praia de Itacarezinho, e da construção elegante, com bangalôs pensados para causar o mínimo impacto à natureza abundante do entorno, o resort encabeça uma lista de ações em prol do meio ambiente e da comunidade local. Entre os projetos, o Instituto Companheiros do Txai faz um trabalho de conscientização sobre a conservação da biodiversidade e capacita trabalhadores para a prática agrícola sustentável. O programa Txaitaruga cuida da reprodução de tartarugas marinhas e já atendeu, até hoje, mais de 60 mil filhotes. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

Acima, vista sobre os bangalôs do Txai Resort, na Praia de Itacarezinho. Na página ao lado, pedal na praia no trajeto do grupo





BEM-ESTAR

Ryokans e os Rituais Seculares da Arte Japonesa do Bem-Estar

Com etiquetas e rotinas próprias, estabelecimentos seculares recebem seus hóspedes de forma tradicional no Japão, com simplicidade, elegância e experiências que incluem banhos termais, momentos de autocuidado e vivências gastronômicas

POR GABRIELA FIGUEIREDO



O canal que corta o idílico vilarejo de Kurashiki. Na página ao lado, o bairro histórico da mesma cidade e as tradicionais gueixas, no Parque Korakuen, em Okayama



“A que horas será o seu banho?” Foi com essa inesperada pergunta, feita no check-in do Asadaya, em Kanazawa, que entendi que os *ryokans* eram mesmo hospedagens diferentes daquelas com as quais eu estava acostumada. Eles são estabelecimentos em geral familiares e administrados pelo mesmo clã por diversas gerações, que têm a tradição japonesa mais arraigada como base fundamental.

O conceito de hospedagem, cujo primeiro registro remonta a mais de 1,3 mil anos, foi disseminado no Japão durante o período Edo (entre 1603 e 1868), quando o país atravessou uma era de paz, após uma guerra civil que havia durado séculos. Foi quando viajar pelo território japonês se tornou seguro e começaram a surgir os primeiros *ryokans*, com a finalidade de receber os viajantes da forma mais tradicional e despretensiosa possível, como numa autêntica residência nipônica. Isso incluía, e perdura até hoje, hospedar-se em acomodações com piso de tatame, dormir sobre futons e participar de diversos rituais propostos no lugar, como o uso de quimonos e a prática das refeições típicas. Muitos *ryokans* são seculares e diversos estão instalados em estações termais, chamadas de *onsen*, confirmando a vocação de refúgios de bem-estar para o corpo e para o espírito.

Tendo isso em mente, não foi preciso mais do que alguns instantes para perceber que a minha primeira incursão teria todas as praxes do conceito de *ryokan*. A recepcionista vestia um deslumbrante quimono de seda, chinelos de madeira com meias repartidas no dedão e um coque impecável. Entendia muito pouco (ou quase nada) do que eu falava em inglês. Ia e voltava por uma portinha secreta, com um texto ensaiado e uma ficha na mão. A estadia seria de apenas uma noite, mas o formulário trazia muitas perguntas. Algumas para as quais eu ainda não tinha a resposta: “*Western breakfast?*”, “*light futon?*”, “*breakfast time?*”. E a mais importante: o horário do banho.

Na recepção, uma antessala com um jardim zen no centro, eu tentava decifrar o que aconteceria na sequência, enquanto bebericava chá verde. Depois de mais uns tropeços na comunicação, fui levada a um quarto absolutamente vazio, o chão inteiramente revestido de tatame, que me dava poucas dicas.

O Asadaya segue o padrão mais habitual de *ryokan*: pequeno e refinado, com serviço discreto, delicado e devoto. São apenas quatro quartos, e quase 400 anos de história. Uma funcionária com funções de “mordomo” fica responsável pelo cuidado com os hóspedes desde o momento do check-in até a saída. A minha era Yumi. Como tampouco falava inglês, ela

me apontou o armário do quarto. Dentro dele havia uma *yukata*, o quimono informal feito de algodão, que me ajudou a vestir da maneira correta. Depois, ela me conduziu para o já mais que esperado banho, um capítulo à parte.

Onsen é o nome usado também para os espaços onde se tomam os banhos termais nos *ryokans*. Usualmente divididos por gênero, quando coletivos, eles podem ser salas completamente reservadas para um hóspede por vez, caso do Asadaya. É quase uma cerimônia, cheia de protocolos e com uma sequência higiênica: totalmente nu, o frequentador deve se lavar por completo, usando o auxílio de uma pequena toalhinha, antes de entrar na banheira relaxante. A toalhinha vai enrolada na cabeça e os cabelos jamais devem tocar a água.

E lá fui eu, seguindo o passo a passo e aproveitando tudo. O xampu maravilhoso (usado antes ou depois da imersão, e nunca durante!), a água quente, o momento de silêncio total. Trata-se de uma oportunidade de entregar o corpo ao relaxamento completo e esvaziar a mente. A temperatura do banho e a tranquilidade do ambiente vão aos poucos criando o relaxamento necessário depois de um dia de viagem ou passeio. É um momento real de autocuidado, sem preocupações e interrupções.

Depois do banho mais especial da minha vida,



vesti minha *yukata* e voltei para o meu quarto. Uma mesa de jantar muito baixa, bem próxima do chão, ocupava o centro do tatame. Começava outro ritual: o fabuloso jantar *kaiseki* – refeições que remetem aos banquetes da corte em Quioto, entre dez e 12 pratos, de diferentes preparações e sabores. A apresentação é sofisticadíssima, tudo lindo. Porcelanas locais (às vezes antigas, com mais de 200 anos, como no Asadaya), sprays borrifados sobre as folhas para representar o orvalho, folhas de ouro e os mais frescos peixes, os mais perfeitos legumes, as mais



redondas ovas, os mais rosados camarões. Uma experiência multissensorial, que acaba com um convite para uma xícara de chá na antessala do quarto, enquanto Yumi prepara nossos futons.

Voltei com as camas à japonesa preparadas. Deliciosos futons de pena de ganso e um relógio-despertador ao lado do travesseiro. O relógio marcava 20h30. E eu estava pronta para dormir, feliz.

Era a minha primeira viagem ao Japão e o Asadaya foi o meu primeiro *ryokan*, dos três nos quais me hospedaria. Trabalho com viagens e meu parceiro local tentou me dissuadir da ideia: “Cinco noites consecutivas em *ryokans* é muito”. Confesso que, depois dessa experiência, saí achando pouco.

Mas entendo o ponto: parte do propósito de um *ryokan* é aproveitar a hospedagem em si. Muitos – como o Asadaya – funcionam com toque de recolhimento. Não é a melhor opção para cidades grandes ou lugares visitados pela primeira vez. Porém minha continuação de roteiro tinha muito bucolismo, e em Kaga-Onsen, uma estação de águas perto do Mar do Japão, e nas montanhas de Takayama, os *ryokans* faziam todo o sentido. Deixei o Asadaya sob a despedida típica: com baldes d’água jogados atrás de mim, uma tradição na partida dos hóspedes.

RELAX NA FLORESTA

Meu próximo destino seria a região termal da floresta de Kaga-Onsen, especificamente o *ryokan* Kayotei. Mais contemporâneo, tem dez quartos e está totalmente conectado à natureza, com banheiras privadas no terraço dos aposentos e piscinas de pedra para os banhos.

O gerente-geral me esperava na porta quando cheguei. O Kayotei tem um trabalho único de valorização do artesanato e do pequeno produtor, e ele estava ansioso para me contar tudo a respeito. Logo me apresentou aos lindos projetos, entre os quais escolhi conhecer um torneiro de madeira, um laqueador e uma fábrica familiar centenária de saquê como passeio do dia seguinte. Para aquela noite, havia outro banho memorável à minha espera! Diferentemente da primeira expe-



Muitos *ryokans* têm tradição secular e diversos deles ficam em estações termas, chamadas de *onsen*

riência, no Kayotei o banho não precisa de hora marcada e acontece em duas piscinas, divididas por gênero, que se alternam para que todos possam experimentar a vista da floresta ou o banho na gruta.

As banheiras se voltam para o verde do bosque que margeia a propriedade. Um riacho corre entre as árvores, reproduzindo a mais perfeita trilha sonora para o momento. A região de Kaga é famosa por suas águas, uma estação termal com mais de 1,3 mil anos. Suas *hot springs* atraem visitantes de todo o Japão em busca dos predicados de seus *onsens*, com águas que saem da fonte a até 47° C – e chegam às banheiras do Kayotei na mais perfeita temperatura, para um banho cercado de paz e natureza. Sem pressa, visto a minha nova *yukata*, aproveitando os produtos do vestiário, todos perfumados na medida certa para completar o ritual da noite.

Para o jantar, *steak frites à la japonaise*, servido em uma salinha privada, em vez de no quarto – uma das pequenas concessões que o Kayotei se permite em relação ao tradicional modelo de serviço. Na manhã seguinte, me esperavam as pequenas delícias do café da manhã local: *gohan*, peixe grelhado, um mingau salgado e ameixas avinagradas.

Depois de outro banho, do comvente tour pelos artesãos e de mais um magnífico *kaiseki*, continuei a viagem.

VIVÊNCIA RURAL

Estava ansiosa pela minha última descoberta nesse roteiro, o Wa-no-Sato, um *ryokan* rural que prometia novas surpresas. Nele, pequenos *cottages* de telhado de palha se espalham ao longo de um rio verdinho, aos pés dos alpes japoneses, perto da cidade de Takayama.

No lobby, uma cênica chaleira de ferro pendurada é aquecida por um fogo de chão ao longo do dia. A dona do Wa-no-Sato me recebe com um caderninho e uma dúzia de palavras em inglês, com perguntas decoradas e acenos nas respostas. Na hora do jantar (estamos numa região famosa pelo gado, então mais carne aqui), ela passa de mesa em mesa, lendo com dificuldade perguntas em inglês como “*where are you from?*”, “*how many days in Japan?*”. Ela não disfarça o espanto ao ouvir as respostas: “*Brazil*” e “*fifteen days*”. Muito pouco para vir de tão longe... Eu concordo e prometo voltar em breve. E assim o fiz.



Acima, o lobby típico do *ryokan* Wa-no-Sato e a piscina termal do Kurashiki. Na página ao lado, a sala de refeições do Kurashiki e uma das etapas do *kaiseki*, jantar servido no *ryokan* Asadaya



OUTRA VIAGEM, NOVOS RYOKANS

Voltei ao Japão para um novo roteiro, em outra época do ano, mas com uma condição: visitar mais *ryokans*. Nessa visita, o ambiente e os protocolos da hospedagem típica já me eram familiares. Por isso, usei mais.

Minha primeira parada foi o Tsurunoyu, um *onsen* em Akita, no norte da Ilha de Honshu, aos pés de um vulcão ativo, com pistas de esqui e lagos gelados – um famoso *snow country* da ilha central do Japão. Uma paisagem onírica, coberta de branco, com águas sulfurosas turquesa entre cabanas e pavilhões de madeira. A piscina a céu aberto é mista: homens, mulheres e crianças relaxam no banho quentinho, enquanto a neve cai.

O Tsurunoyu é um *ryokan* mais democrático e, até por isso, parece ainda mais autêntico. Quartos monasticamente simples, refeições que vêm em bandejinhas laqueadas em restaurantes coletivos e uma lojinha que vende um pouco de tudo para os visitantes. Como *welcome amenities*, um quimono grosso, uma capa de lã para aquecer por cima e galochas do seu tamanho para caminhar na neve. Vale dizer que a caminhada, nua, entre o vestiário (onde é feito o processo da lavagem) e as águas quentinhas, usando apenas uma toalhinha, parece longa. Mas a recompensa vem com a imersão naquele banho leitoso, em meio a um cenário único. O silêncio é absoluto. Dá para ouvir a neve cair e sentir os flocos se desfazendo ao tocar a pele, uma sensação de relaxamento total. Vai anoitecendo e é preciso sair do banho – o que fiz contra a minha vontade, confesso.

RÉVEILLON TÍPICO

É noite de Ano-Novo e para mim a “virada” aconteceria em outro *ryokan*, dessa vez no vilarejo de Kurashiki, na elegante hospedaria de mesmo nome, que ocupa um antigo armazém de algodão (*kura*), no centro histórico, idilicamente cortado por canais, por onde navegavam barcas de tecido cru.

O Kurashiki tem toques ocidentais bem-vindos, como camas um pouco mais altas e salas de jantar privativas, mas em cômodos com muita história, alguns com 250 anos. O *sense of place* está lá, definitivamente, e se fez ainda mais presente na ceia de Réveillon, que saboreei devidamente trajada com meu quimono de festa. Um banquete *kaiseki* com todas as especialidades invernais, como cítricos, mexilhões, castanhas e o imperdível *shabu-shabu*, um cozido de carnes e vegetais. A memorável ceia acabou cedo. Fui dormir, respeitando o *modus operandi* dos *ryokans*, mas coloquei o despertador para as 23 horas.

Passei a meia-noite na rua, ou melhor, no templo local, numa celebração singela e alegre, com árvores de desejos, 12 badaladas de sinos e *mochi balls*. As grudentas bolas de arroz glutinoso são consumidas no Ano-Novo desde o século VIII como uma superstição para fortalecer dentes e ossos. Lanternas ao céu, pedidos devidamente encaminhados para o ano novo e me despedi do Kurashiki com um café da manhã inesquecível. Nos potinhos, peixes grelhados e crus ganhavam a companhia de caldos, em pequenos fogareiros, e iguarias repletas



Acima, uma das banheiras termais do Kayotei e a fachada do Kurashiki. Na página ao lado, a cama com futons em um dos quartos do Kurashiki e a antessala do mesmo aposento

de sabores e significados para o ano que se iniciava. Mais um carinho para o corpo, dessa vez para o paladar, entre tantos outros que essa experiência de hospedagem, tão genuína e cheia de significados e cultura, é capaz de proporcionar.

Terminei a jornada observando o voo das garças no Parque Korakuen, em Okayama, outra tradição do primeiro dia do ano, e reforcei meu desejo: poder voltar muitas vezes ao que considero o país mais incrível do mundo – e sempre com hospedagem nos *ryokans* para os rituais de bem-estar. 📍



PROUDLY



O LADO MAIS DESCOLADO DE ZURIQUE

O District 5 tem aquela pegada moderna, legado do Williamsburg nova-iorquino para o mundo, e se tornou sinônimo de festa de segunda a segunda

POR ERIK SADAQ

A história é conhecida. Um antigo distrito industrial abandonado, localizado próximo aos trilhos de uma agitada estação de trem, é adotado por artistas, criativos e, claro, pela comunidade LGBTQIAPN+. Em pouco tempo, o que era um bairro sem graça, considerado pouco seguro, começa a dar espaço a clubes, restaurantes, bares, cafés, lojinhas e galerias de arte.

Se a descrição acima nos leva a bairros do mundo todo, o District 5, mais especificamente a longa via Langstrasse, em Zurique, se diferencia de pares como o Kreuzberg, em Berlim, o Canal de Saint Martin, em Paris, e o Leste de Londres, para citar alguns exemplos de gentrificação ocorridos nas últimas décadas, por emprestar uma pitada de folia incomum à principal cidade da Suíça alemã.

DIVERSIDADE COLETIVA

Em Zurique, estabelecimentos declaradamente LGBT são uma raridade. A cidade se orgulha de ser um dos lugares mais *gay friendly* do planeta, garantindo que qualquer casal, independentemente da orientação sexual e de gênero, possa demonstrar carinho em qualquer lugar.

Há, claro, bares, clubes e festas dedicados ao público LGBT. Mas o que se encontra

nas cercanias da Langstrasse são alguns dos estabelecimentos *queer friendly* mais charmosos da Europa, com vocação para atrair quem não abre mão de conviver em ambientes uber-diversos. Basta um brunch ou happy hour no Neni, um israeli sensação do bairro, localizado no hotel 25 Hours Langstrasse, para constatar o convívio harmonioso entre os executivos que elegeram o District 5 como endereço na cidade e o pessoal descolado, que habita e frequenta o bairro.

Um corredor comercial, com algumas das lojas mais legais da cidade, surge ao longo da moderna Europalle, a caminho da imponente Hautbahnhof, a maior estação de trens do país. Após renovações de mais de uma década, a área se tornou um ponto de observação da arquitetura contemporânea suíça.

Escritórios de unicórnios gigantes, como o Google, estão instalados em alguns dos edifícios que refletem o vidro e o concreto armado. Para equilibrar, hortas comunitárias, espalhadas ao longo de uma zona de pedestres, devolvem vida e tons verdes a uma paisagem destinada a ser árida. A Europalle é o endereço da Slow Food, uma feirinha só com hortas urbanas e pequenos produtores da região, responsável por transformar a zona em uma das mais bacanas de Zurique.

Abaixo, ambientes do restaurante Neni. Na página ao lado, a Langstrasse, a principal artéria do District 5





Uma curadoria muito bem-feita de marcas suíças e escandinavas, sustentáveis e com peças produzidas para todo tipo de situação, é encontrada na Kevin in the Wood. Na Opia, logo ao lado, queridinhas como a japonesa Comme des Garçons são encontradas junto de designers belgas de vanguarda.

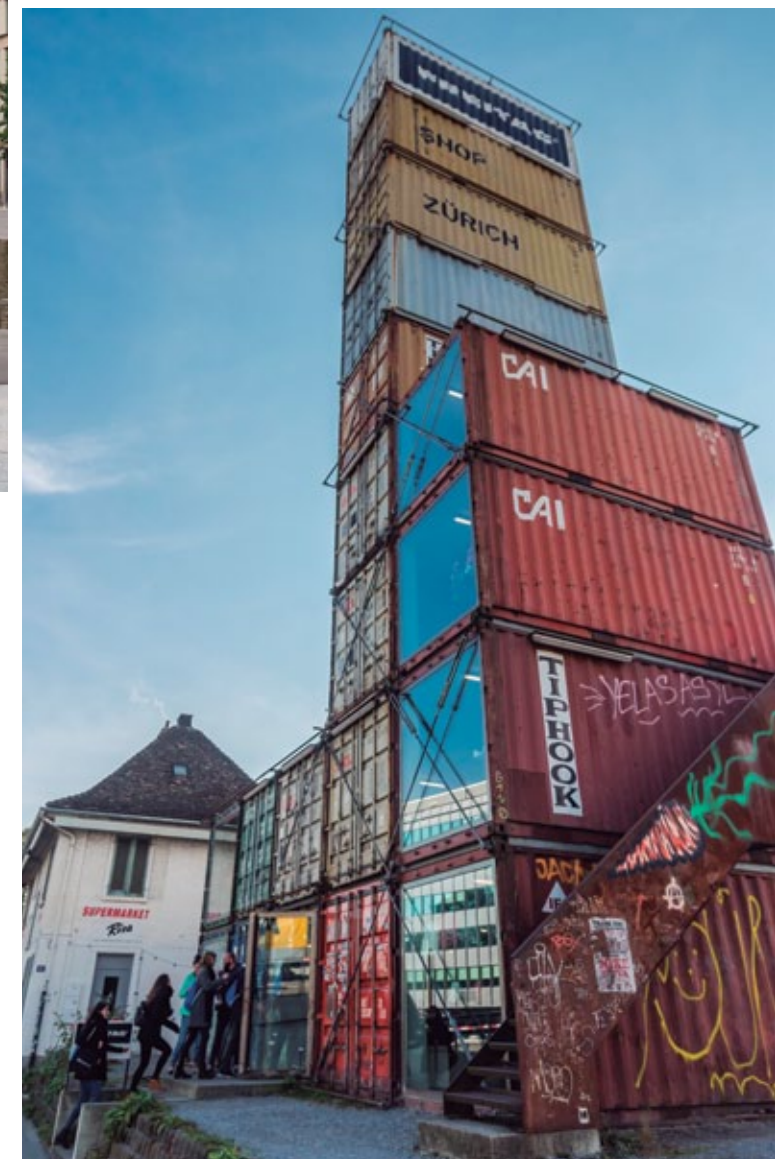
Para matar a fome, ótimas pedidas são o Bridge, uma espécie de Eataly suíço, com mercado, café e restaurantes variados. Na mesma calçada, o Kosmos reúne uma programação cultural, com um concorrido teatro, restaurante e café. Já a cozinha coreana, uma das estrelas da gastronomia atual, pode ser conferida no Miss Mii, um restaurante moderno com decoração inspirada nos bairros underground de Seul. O District 5 é um bairro repleto de restaurantes e cafés pequenos, perfeitos para quem adora descobrir novos sabores fora do circuito dos premiados.

Durante o verão, não muito longe dali, a Praça Kaserneraval recebe eventos e mostras abertas, e o

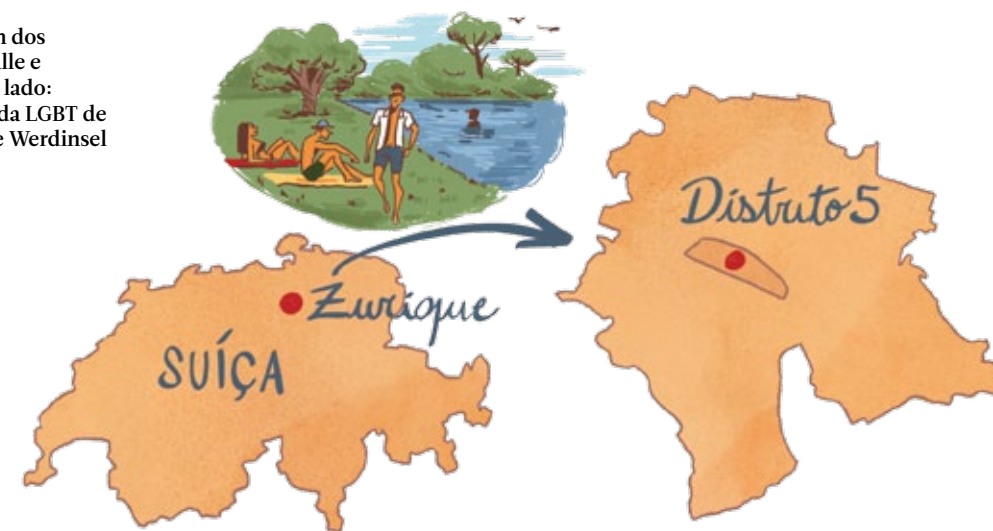
Zurique se orgulha de ser um dos lugares mais *gay friendly* do planeta

Parque Bäckeranlage, uma das inúmeras áreas verdes de Zurique, é o endereço de concertos ao pôr do sol, onde uma toalha e uma garrafa de vinho formam o kit essencial para experimentar a vida local. O mesmo acontece nos muitos parques espalhados ao longo dos rios e lagos de água cristalina da cidade. A Ilha de Werdinsel é um dos endereços mais concorridos e tem uma área dedicada ao público LGBT.

Tanto de dia quanto de noite, um giro pelo District 5 irá transformar para sempre a percepção que se tem da cidade, que se tornou um dos centros mais vibrantes da Europa, com altíssimos índices de qualidade de vida, refletidos na liberdade e no acolhimento de representantes de todas as letras da sigla LGBTQIAPN+. Ideal para fugir do comum em uma aventura solo, a dois ou com um grupo animado de amigos. 📍



Acima, a descontração em um dos edifícios do complexo Europalle e a Freitag Tower. Na página ao lado: animação e liberdade na Parada LGBT de Zurique e a concorrida Ilha de Werdinsel



ENSAIO

REFLEXOS DA VIDA COTIDIANA

*Dani Tranchesi percorre o mundo em busca de cenas do dia a dia
e transforma o que é comum em arte*



Galle, Sri Lanka



Salvador, Bahia



Haridwar, India



Isfahan, Iran





Belém, Pará

Ao transformar sua vocação em profissão, Dani Tranchesi descobriu também uma nova forma de olhar o mundo. Sem se lembrar ao certo de quando empunhou uma câmera fotográfica pela primeira vez, ganhou sua primeira máquina profissional aos 15 anos.

Nessa época, já apaixonada por fotografia, seu hobby era registrar tudo o que aparecia à sua volta. A paixão foi ganhando técnica e o olhar foi ficando mais apurado. Vieram os elogios dos amigos, o incentivo do reconhecimento, as primeiras vendas e, a cada nova imagem, a certeza de que fotografar a vida era a sua missão.

No início dos anos 2000, depois de cursar fotografia na Es-

cola Panamericana de Arte e Design, Dani se sentiu ainda mais segura para sair pelo mundo com uma câmera sempre à mão. “Eu me considero uma fotógrafa de rua. O que me alegra é estar no meio da confusão, participar do dia a dia, conversar com as pessoas, visitar as casas e, por meio desse contato tão rico e genuíno, obter as melhores imagens”, explica ela, que, em suas andanças, já registrou cenas cotidianas em lugares como Cuba, Índia, Islândia e África

do Sul e até se aventurou em uma caçada a tornados por Oklahoma, Kansas e Texas, quando pôs à prova também sua coragem para encarar desafios em prol da arte.

Mas, entre “a vida e a rotina do comum”, como ela diz, é no Brasil que Dani encontra uma grande fonte de inspiração para sua obra, com inúmeras viagens pelo país. Em 2021, lançou o livro e a exposição *3 É 5*, em que registra o dia a dia das feiras livres de São Paulo. 📍



GASTRONOMIA



OUSADIA & SABOR

Como uma festa para os sentidos, os melhores restaurantes de Bogotá exaltam a cultura colombiana com sua gastronomia surpreendente e, ao mesmo tempo, moderna e cosmopolita

POR ZECA CAMARGO



E

Se você vim mesmo para Bogotá para... experimentar sua gastronomia? Sei que a ideia parece improvável. Quando comecei a planejar a viagem, eu cheguei a duvidar de seu sucesso. Mas, quando provei a primeira garfada de uma arepa de sagu com chimichurri de figo, rosbife de carneiro e labneh, tive a certeza de que estava no lugar certo.

Sentado num canto do balcão do El Chato, restaurante que recentemente entrou para a lista dos 100 melhores do mundo (na digna 83ª posição), eu mal conseguia escolher entre as tantas tentações do cardápio. Só de ler o que eu poderia degustar, já ficava deslumbrado: espuma de truta com amoras e mostarda, lombo de porco com manteiga de missô e shitake, caldo de tamarindo com peras e alface-do-mar, tucupi com caracol... E esse era só o meu primeiro jantar na capital colombiana.

A primeira vez em que viajei a Bogotá foi quase uma escala. Mais de dez anos atrás, para uma reportagem sobre uma parte da coleção do Museu do Ouro que visitaria o Brasil, fui ver de perto as ricas vitrines com peças pré-colombianas – e, sim, todas de ouro! Fiquei pouco mais de 48 horas na cidade e registrei pouco. Atolado em gravações, não consegui explorar o lugar, que, como amigos haviam me contado, tinha uma vida urbana bem interessante e ativa. Lembro-me de tomar ótimos cafés (e tomei alguns ainda mais especiais dessa vez, como vou contar adiante), de ter um jantar excelente, no próprio hotel onde me hospedava, e de estar com gente muito simpática.

COMO SE FOSSE A PRIMEIRA VEZ

Eu dizia que conhecia Bogotá, mas estava trapaceando. Era talvez como se eu tivesse visto apenas um trailer de um filme muito interessante, que eu pus na cabeça que um dia conheceria melhor. E eis que então, numa das semanas mais chuvosas deste ano na Colômbia, lá estava eu, de volta. Faço questão de deixar claro que as águas caíram do céu todos os dias em que estive por lá e que a chuva, justamente um dos maiores obstáculos de todo viajante, não atrapalhou em nada minha visita. Eu realmente me apaixonei pela cidade.

Para começar, eu estava no aconchego do Four Seasons Casa Medina, um dos lugares mais espetaculares em que já me hospedei pelo mundo. Imagine uma casa construída em estilo colonial espanhol numa região em que, na década de 1940, quando foi erguida, ainda estava longe do centro. Em 80 anos, claro, Bogotá cresceu assustadoramente, e hoje as ruas em volta da Casa Medina abrigam não apenas o distrito financeiro da cidade, mas também a Zona G, como é batizada a vizinhança da melhor gastronomia local.

Apesar desse desenvolvimento desenfreado, essa unidade do Four Seasons (há mais um na capital, na *ultratrendy* Zona T) conserva a atmosfera e o aconchego de uma casa de campo. Quartos bastante espaçosos (alguns têm até uma lareira funcional ao lado da cama), uma cozinha que mistura sabores locais com o melhor hambúrguer da cidade e um staff que se desdobra para driblar os obstáculos que uma cidade grande como Bogotá apresenta – com a simpatia de uma antiga amizade – e se empenha para tornar a experiência um acontecimento.

La Candelaria,
bairro histórico
de Bogotá

Leonor Espinosa, do contemporâneo Leo, foi eleita a melhor chef do mundo em 2022

Eu sempre gosto de explorar os lugares que visito a pé. No entanto, mais de uma pessoa me aconselhou a ficar atento ao perigo nas ruas da capital – algo que quem mora entre Rio e São Paulo, como eu, exercita no dia a dia. Não houve, porém, um momento em que eu me sentisse longe da Casa Medina, mesmo quando estava mergulhado no labirinto dos museus do centro histórico, conhecido como La Candelaria. Com apenas uma mensagem de Whatsapp, alguém da recepção do hotel organizava um carro para me levar de volta ao conforto do quarto.

Guiado por essa equipe carinhosa, eu só baixava a guarda quando saía para comer por perto. Ir ao El Chato, por exemplo, significava apenas uma caminhada de menos de 15 minutos por ruas relativamente tranquilas. E foi o que eu fiz, até chegar às delícias inesperadas.

BOAS SURPRESAS À MESA

O restaurante El Chato ocupa dois andares de uma casa convencional. No térreo, pouca coisa chama a atenção, a não ser a alegria das pessoas à mesa. É lá em cima que tudo acontece, onde a cozinha vibra com sons e cores, que saem pelas prateleiras, repletas de grandes frascos translúcidos com etiquetas do tipo “kumbu limão kafir”, “salsa mostaza y garbanzo” (molho de mostarda e grão-de-bico) e “vinagre jamaicano”. Um movimento intenso de garçons, cozinheiros e clientes completavam a atmosfera elétrica da noite. E, insisto, isso era só o começo.

Eu até estava preparado para outras revelações. Afinal, é em Bogotá que fica o premiadíssimo Leo, da chef Leonor Espinosa, eleita recentemente como a melhor chef do mundo pela *The World's Best 50 Restaurants*. Com menus fechados de oito ou 13 pratos (“*ocho o trece tiempos*!”), esse é um restaurante que



Ao lado, o salão do restaurante Leo, da chef Leonor Espinosa (abaixo). Na página ao lado, um dos pratos inventivos do Leo, a bebida Território, do mesmo restaurante, e a truta do El Chato

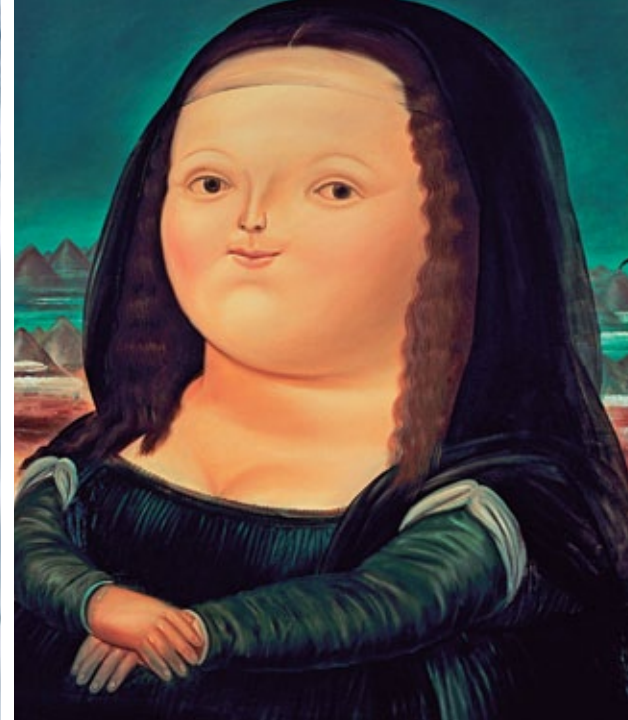
merece de verdade o título de cozinha contemporânea, desde as linhas arrojadas de sua arquitetura, no exterior e no interior, até o sistema de reservas, que pede seu cartão de crédito para garantir a mesa. Se jogue sem medo: as recompensas gastronômicas valem todo o (alto) investimento.

Há, porém, opções de vários orçamentos e sabores na cidade, que, como eu suspeitava desde a primeira visita, tem a diversidade de uma cidade grande da América Latina, como São Paulo e Buenos Aires.

Quer ver a família comendo uma carne num lugar típico, descontraído, mas que ao mesmo tempo leva a comida a sério? Vá ao Andrés Carne de Res. O restaurante fez sua fama fora da capital, num município chamado Chía – uma viagem de pouco menos de uma hora. Vale a pena se você tiver tempo, para experimentar o melhor da cultura colombiana de raiz. Suas arepas (pães de milho típicos), suas empanadas, seus patacones (feitos à base de bananas verdes) e seus chicharrones (uma espécie de torresmo local) estão também no cardápio da “*versión urbana del paraíso*” na capital. Sem falar nas carnes, que chegam ainda malpassadas e vão cozinhando na própria chapa quente em que são servidas. Tudo sob um teto coalhado de peças de artesanato coloridas. Uma festa em todos os sentidos.

Tão descontraído quanto o Andrés, mas um pouco mais contemporâneo, o Madre, no coração da Candelaria, é o lugar mais procurado para al-





moços de empresários digitais e de gente jovem a fim de um bom drinque com gim ainda de dia. Com um detalhe: o restaurante está instalado dentro de uma galeria do centro histórico cheia de lojas de esmeraldas, um souvenir obrigatório para quem passa pela Colômbia. O contraste entre o kitsch das joalherias populares e o aspecto industrial do Madre, com um pé na Vila Madalena e outro no Brooklyn nova-iorquino, funciona tão bem quanto um gole de negroni (com tangerina e sementes de coentro) entre um tomatinho ao forno e outro envoltos em mozzarella e manjeriço.

ARTE COLOMBIANA EM LA CANDELARIA

Bastou um almoço no Madre para eu me sentir como um local, com entusiasmo suficiente para explorar os museus de La Candelaria. Como o do Ouro não era

uma novidade, tampouco o consagrado Museo Botero, dedicado a um dos artistas colombianos de maior projeção internacional – e que eu já havia conferido na primeira viagem –, eu tinha tempo de sobra para explorar as novas galerias do Mamu, o Museu de Arte Miguel Urrutia. Artistas ultracontemporâneos dividem o espaço com exposições especiais, como a retrospectiva da chilena Cecilia Vicuña, que me emocionou demais. Bem como a visão de pelo menos uma das monjas coroadas, um conjunto inigualável de retratos dessas freiras em seu leito de morte, pintadas entre os séculos XVIII e XIX.

Visitei esses e outros espaços de arte na companhia agradabilíssima de Maria Duarte, uma das curadoras da ARTBO, uma das feiras de arte mais importantes da América Latina. Ela me abriu as portas também da riquíssima galeria El Museo, com

um acervo que inclui a nata da arte contemporânea brasileira, e da moderníssima Espacio Continuo, da estupenda exposição coletiva *Ires y Venires*, dentro da Biblioteca Luís Ángel Arango, onde conheci o trabalho de José Alejandro Restrepo (entre outros artistas incríveis). Mas sobretudo de um espaço chamado Fragmentos.

Idealizado por Doris Salcedo, outra importante artista contemporânea colombiana com projeção internacional, o centro cultural tem o nome oficial de Espaço de Arte e Memória. É o que Salcedo chama de um “antimonumento”. Convidada para imaginar uma instalação sobre o conflito armado na Colômbia, que marcou fortemente a história recente do país, ela pensou, de forma correta, que esse era um passado trágico demais para ser “celebrado” com um monumento. E partiu para criar um ambiente que leva o visitante a uma reflexão profunda sobre esse episódio.

Como? Em torno das ruínas de uma casa antiga, ali mesmo, na Candelaria, ela criou corredores e galeria apenas com vidro e metal. Enquanto se observa o esqueleto da construção original, o visitante caminha, muitas vezes sem saber, sobre um piso de metal feito com as armas recolhidas no conflito. E mais: as formas das lajotas foram moldadas por vítimas de estupro durante essa batalha. Sim, é um espaço solene, mas impecável nas ideias – e que ainda se abre para outros artistas. Na sala da entrada, por exemplo, encontrei uma mesa

A Mona Lisa de Botero, um dos ambientes do Mamu e a fachada do Museu do Ouro. Na página ao lado, o Santuario Nuestra Señora del Carmen, em La Candelaria



com milhares de cliques enferrujados, uma ode à burocracia chamada *Leviatã*, assinada por Pablo Mora, um trabalho que certamente fala com o imaginário de vários brasileiros.

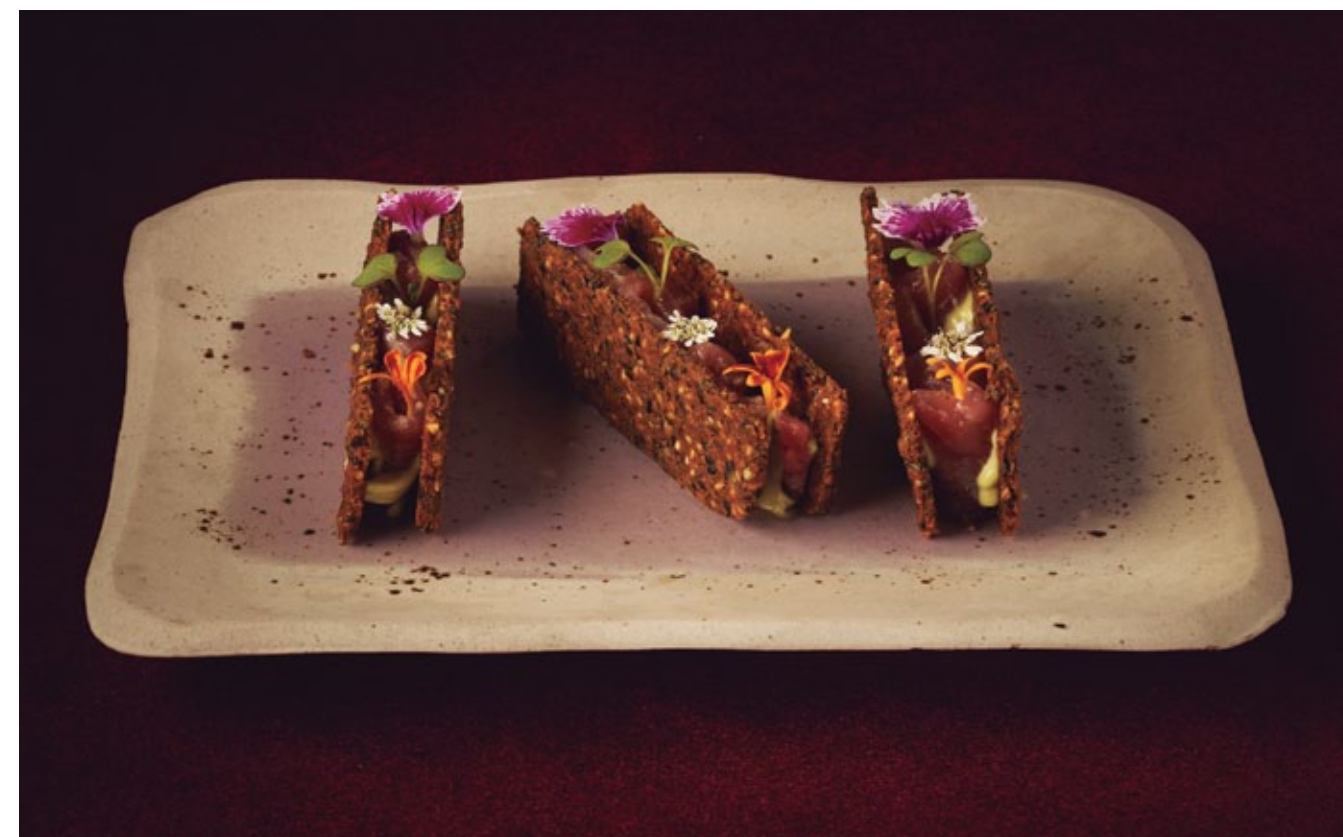
CAFÉS GOURMET

Embriagado de tanta arte, precisava de um café, o que não é exatamente um problema em Bogotá. A Colômbia é, com razão, bastante orgulhosa de sua produção. Muito além dos Juan Valdez Cafés espalhados em cada esquina – uma saudável alternativa aos onipresentes Starbucks, que, na primeira impressão, perdem numa competição quantitativa –, há os “cafés boutique”, que valem a pena ser explorados.

Novamente é a Zona G que reúne os mais simpáticos, como o Al Alma e o encantador Amor Perfecto. Como alguns outros endereços na cidade, esse último tem a mistura perfeita entre a simplicidade e a alta sofisticação, que se mostra, principalmente, no preparo dos cafés, mas também na qualidade e variedade dos grãos oferecidos. Do café com baunilha, pêssego e chocolate branco ao elaborado com canela e limão, prepare-se para sentir no Amor Perfecto sabores que você nunca tinha imaginado. Ao mesmo tempo, os métodos mais tradicionais, como o café coado ou o de “prensa



Acima, a tradição do café colombiano que, em Bogotá, pode chegar à mesa em várias versões. Na página ao lado, um prato à base de atum do restaurante Leo



francesa”, são opções que nunca fazem você se cansar de voltar. Em meus cinco dias em Bogotá, consumi cafeína equivalente à minha cota de um mês. E quem disse que eu me arrependo?

Foi toda essa cafeína que me fez, em uma noite, esbarrar na Tornamesa, a melhor livraria alternativa da capital colombiana, e que me aqueceu nos trajetos entre os restaurantes de Bogotá. Antes de ir embora, eu tinha planejado visitar mais dois deles, um também perto do Four Seasons Casa Medina, o Salvo Patria. A caminhada era longa, ainda mais na chuva. Então chamei um táxi, que fez com que eu chegasse ao local antes do horário da reserva. O que foi bom, pois, enquanto esperava, tomei um aperitivo com a desculpa de abrir o apetite. Como se isso fosse mesmo necessário.

Tive uma surpresa enorme ao dar o primeiro gole num licor artesanal chamado 472. A fruta no seu rótulo parecia um kiwi... ou um jiló. E o sabor era algo que eu realmente nunca havia experimentado antes, um misto de amargo e doce, com uma nota levemente apodrecida. Acredite, longe de ser repugnante, o gosto era quase hipnótico. Quando meu lugar no balcão ficou disponível, fui com meu olfato e paladar abertos, na expectativa de uma degustação suprema.

Não me decepcionei. Tanto quanto o ambiente do Salvo Patria, seus pratos são despreziosos: corvina confitada com palmito assado, miniagnoloti de espiga assada com formigas tanajura e manteiga de

cogumelos, uma couve-flor na frigideira com um creme de pesto de nozes, figos frescos com vinagrete de queijo de cabra. Como é possível, de ingredientes tão simples, sair tanta inventividade? Um dos segredos do restaurante é trabalhar com produtos rigorosamente orgânicos – a couve-flor, para citar um deles, tinha uma presença na minha boca que eu jamais poderia imaginar possível.

PROFUSÃO DE SABORES

Eu teria ido embora feliz de Bogotá com essa refeição, mas o domingo, o único dia em que o sol ensaiou sair (mas não saiu!), ainda me reservava uma descoberta... numa casa! Isso mesmo, um dos melhores restaurantes de Bogotá se chama simplesmente Casa, e é exatamente isso que você está pensando. Montado numa residência com sotaque modernista, você entra e logo sente que está num espaço diferente: pode escolher comer na sala, na biblioteca, na varanda ou até na sala de jantar. Nas paredes, há quadros como se estivessem enfeitando um lar – aliás, uma bela coleção. E, nas mesas, ou-sadia e sabor.

Eu posso até ter sido influenciado pelos aperitivos que tomei antes de escolher a comida. Não me lembro exatamente o que era, a não ser pelo fato de que tinha gim como um de seus principais ingredientes. O nome é inesquecível: Velvet Rosso. Foram três antes de o primeiro prato chegar. Pedi de entrada uns “bocados de pork belly” e fui agraciado



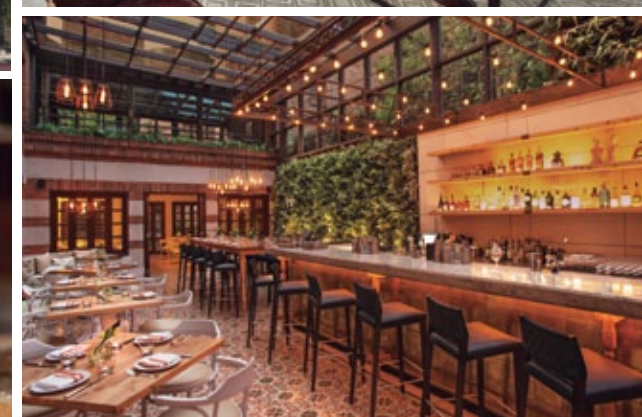
com a barriga de porco mais pururuca que já comi. E olha que eu sou mineiro! Depois, ainda de entrada, veio um polvo, que competia com a barriga de porco para ver quem estava mais crocante (e macio por dentro). Por último, um risoto de rabada que ficou impresso na minha memória.

Sem apostar no sol, que já tinha se escondido de vez quando terminei o almoço, dei dez passos até o outro Four Seasons de Bogotá e chamei um carro para me levar até o Casa Medina. No meio do trajeto, porém, mudei de ideia e pedi que ele me deixasse no Amor Perfecto da Zona G, e de lá eu iria para meu hotel. Queria aproveitar os últimos momentos na cidade para passear um pouco a pé. Mesmo sem o céu aberto, a chuva havia dado uma trégua e eu podia caminhar olhando não apenas para o chão.

Foi então que percebi que estava numa cidade que tinha cor de terra. Não aquele ocre que costumamos ver tanto quando viajamos para perto da natureza, mas um tom mais avermelhado. Claro que uma capital com as proporções de Bogotá, e com uma população de 7 milhões de habitantes, comporta mais de um estilo arquitetônico e certamente mais de uma coloração. Mas é esse vermelho dos tijolos que compõe a imensa maioria das casas e dos prédios que acabam ficando na lembrança. A paisagem de maneira alguma é monótona, e nem tinha como ser numa topografia tão irregular como aquela em que a cidade cresceu.

O tal vermelho acaba se tornando uma companhia para quem a visita. Se não para os seus habitantes, que cresceram acostumados a ver residências no estilo inglês no mesmo quarteirão de casarões espanhóis e construções de linha arrojadas, pelo menos para turistas que, como eu, chegam a Bogotá não apenas com apetite de novos sabores: do melhor filé na chapa a pizzas que quase nos fazem esquecer um domingo à noite em São Paulo, passando pelas delícias típicas da gastronomia colombiana, revisitadas ou originais (não posso me esquecer de recomendar os tamales de A Porta Falsa, preparados com a mesma receita desde o século XIX!). A cidade também conquista viajantes com a fome de quem quer novas vistas, novos olhares, novos horizontes.

Acima, a salada de polvo do restaurante Madre e o polvo com batatas e páprica do Casa. Na página ao lado, a fachada, uma das suítes, o bar e os pães do brunch do Four Seasons Casa Medina



RETIRO URBANO

Aberto em 2015, o Four Seasons Casa Medina é a perfeita tradução da nova face cosmopolita de Bogotá. Instalado em um casarão de estilo inglês erguido em 1946, ele foi declarado Monumento de Interesse Cultural pelo Ministério da Cultura da Colômbia. O edifício teve sua arquitetura mantida, ao mesmo tempo que novos traços de modernidade e sofisticação foram implementados para receber o hotel da rede canadense.

Na melhor localização da cidade, especialmente

para *foodies*, fica a poucas quadras de distância dos melhores restaurantes da Zona G, um polo gastronômico de fama internacional. Ainda assim, é um oásis de paz em meio ao fervilhante bairro, com um ar de *home away from home*, claro em cada detalhe. Isso porque a experiência no hotel transcende expectativas no que diz respeito às instalações (com apenas 62 apartamentos, decorados individualmente) e ao serviço (sempre atencioso e pronto para atender qualquer solicitação, de reservas em restaurantes a dicas culturais). 📍



AVENTURA

SO CO TRA

Com paisagens que beiram o surreal, passar uma semana nesse paraíso intocado, no encontro do Oceano Índico com o Mar da Arábia, entre o mar e o deserto e em contato com espécies únicas de fauna e flora, toca o coração

POR VICTOR COLLOR





Floresta das exóticas
dragon blood trees
no Platô de Diksam

A

braçado entre o Oceano Índico e o Mar da Arábia, o Arquipélago de Socotra é um daqueles lugares inóspitos em que as tecnologias do mundo moderno e as infraestruturas convencionais ainda não aterrissaram. Território do Iêmen, Socotra é a maior das ilhas que se estendem ao leste do Chifre da África, com uma população alegre, de aproximadamente 50 mil habitantes, espalhados em seus 3,7 mil km². O centro da ilha abriga as Montanhas Hajhir, com estreitas planícies costeiras ao norte e ao sul, que dão uma amplitude visual ao pouco turismo que chega à ilha e à abundância de biodiversidade e de espécies endêmicas, que você só vai encontrar aqui.

Os historiadores contam que até o século XVII, a religião predominante era o cristianismo e, entre 1507 e 1511, os portugueses tiveram uma rápida passagem por Socotra. O islamismo chegou à ilha no período do sultanato de Mahra, do sudeste do Iêmen, e se mantém até hoje como crença predominante.

Há relatos de que, em 1834, os britânicos tentaram, sem sucesso, comprar a ilha. Em 1886, o sultão aceitou a proteção britânica para todo o sultanato, que se estendia pelo continente até as ilhas do arquipélago, a 400 km da costa. Somente em 1967, com a partida dos britânicos e o fim do sultanato, Socotra se tornou parte do Iêmen.

BIODIVERSIDADE LATENTE

Considerada a Galápagos do Índico, a ilha abriga uma abundância de flora e fauna como em nenhum outro lugar no mundo. Ao buscar no Google por Socotra, a primeira imagem que aparecerá será algo relacionado às *dragon blood trees*, as “árvores de sangue do dragão”, uma espécie que só é encontrada aqui e é cartão-postal. Ela, inclusive, estampa as notas de 100 rials, a moeda local.

Os socotranos acreditam na lenda de que a primeira árvore nasceu da briga de dois irmãos, dois dragões que lutaram, se mataram e com a união de sangue, corpo sobre corpo, fez nascer a primeira árvore.

As *Dracaena cinnabari* (o nome científico dessa espécie) chegam a ultrapassar 600 anos de idade e têm valor na economia local dos habitantes do Platô de Diksam, a região de maior densidade da espécie. De abril a maio, os socotranos extraem a seiva da árvore, de coloração vermelha – o que justifica o nome popular –, para a utilização em cosméticos, pinturas e, sem nenhuma comprovação científica, como um remédio para as mulheres em período menstrual.

Quando o assunto é conservação, vale ressaltar que a espécie está ameaçada e alguns ativistas já preveem o futuro. Com as mudanças climáticas e com uma média menor de chuvas desde os anos 1990, Socotra vem sendo atingida por ciclones cada vez mais intensos. Em 2015, os ciclones Chapala e Megh causaram imensos estragos sociais e ambientais, com ventos que chegaram a 167 km/h.

Outro ponto crítico é a população de cabras (outra fonte de renda para os habitantes), que passaram a se alimentar de mudas das árvores, interrompendo a perpetuação natural da espécie. Há alguns anos, os socotranos criaram canteiros com pequenas mudas separadas de seus animais para replantá-las em idade mais avançada.

Em 2008, Socotra foi designada como Patrimônio Mundial pela Unesco devido a sua biodiversidade e quantidade impressionante de flora e fauna nativas, presentes apenas em seu território. A ilha abriga uma enorme diversidade de plantas, com 825 espécies (37% endêmicas), répteis, com 34 espécies (90% nativas), e 96 espécies de caracóis terrestres (95% deles encontrados somente aqui).

O extenso litoral da ilha, abraçada pelo Oceano Índico e pelo Mar da Arábia, é o lar de uma população de 192 espécies de aves terrestres e marinhas, e algumas ameaçadas de extinção. A vida marinha também é de grande riqueza, com 253 castas de corais, 730 espécies de peixes e 300 de caranguejos, lagostas e camarões.

DEPENDÊNCIA POLÍTICA E ECONÔMICA

Em cenários de guerra, a conservação da biodiversidade é algo que está longe na lista de prioridades de uma nação. Com o início da guerra civil do Iêmen, em 2014, e a falta de atenção por parte das autoridades locais, os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita estão de olhos abertos e hoje são peças-chave na vida local.

Com pouca produção própria e a pesca como subsistência, as nações têm suprido a ilha com mantimentos e infraestruturas básicas. Os sauditas estão doando embarcações, além de construir escolas em diferentes partes da ilha. Já os Emirados Árabes Unidos são ainda mais ativos: é possível avistar a bandeira e imagens dos sheiks por todos os lados. Hoje, a federação dos sete emirados fornece à ilha eletricidade, gás, combustível, alimentos e hospitais. Vale ressaltar que a internet ainda não é algo comum para os socotranos, as companhias telefônicas do Iêmen mal funcionam na região e a melhor recepção de sinal 3G é da Etisalat, uma companhia dos EAU. Não à toa, o único voo de acesso à ilha sai de Abu Dhabi em caráter humanitário – o mesmo que transporta viajantes com interesses turísticos pelo destino.

Os socotranos dizem que a vida melhorou após o suporte dos países vizinhos, resta saber o que o futuro reserva e quais interesses estão em jogo.

A DESCOBERTA DA ILHA

Com esse panorama, você já deve estar se perguntando como eu fui parar em Socotra. Vamos lá: foi preciso deixar de lado a zona de conforto e encarar o real desafio de “me perder” pelo mundo e embarcar rumo



O mar “azul-turmalina” da costa durante a navegação até a Praia de Shoab. Acima, uma estrela-do-mar *Linckia* e um abutre-do-egito, ambos encontrados na rica fauna da ilha

Considerada a Galápagos do Índico, Socotra é lar de centenas de espécies endêmicas

ao desconhecido, o que é fascinante pela certeza de que vamos nos surpreender a qualquer momento.

Há alguns anos, minha mãe e eu embarcamos em jornadas fotográficas com a ideia de registrar diferentes formas de vida e de natureza.

Inquieta e curiosa, Thereza conheceu o Iêmen em 2008, antes da guerra civil, por meio de seus estudos e pesquisas para a sua coleção de joias étnicas. Há mais de oito anos, ela cultiva um jardim de rosas-do-deserto na Reserva Pituba, em Alagoas, e foi ao longo de sua busca de conhecimento sobre *Adenium obesum* (o nome científico da rosa-do-deserto) que ela encontrou Socotra. A ilha é o berço nativo e endêmico dessas curiosas árvores, de tronco bojudo e flores rosa multicoloridas. Eis aqui o ponto de partida da jornada.

Com a reabertura do turismo em 2021, Thereza conheceu e fez contato com a Welcome to Socotra (www.welcometosocotra.com), uma das poucas agências de turismo na ilha.

A empresa é de Matheo e Nicolás, dois italianos que foram conhecer a região anos atrás e se encantaram com a beleza e o potencial turístico. Os dois se associaram a Abdullah, um autêntico socotrano, e criaram a agência para receber turistas com mais atenção. Hoje eles se dedicam ao turismo nos meses de outubro a março, guiando os inquietos que se dispõem a conhecer esse destino remoto e intocado.

Feitos os contatos e os acertos, fechamos a mala e embarcamos.

DIA 1 – LONGA JORNADA

A aventura começa antes de embarcar rumo ao Oriente Médio. Para chegar a Socotra, o governo do Iêmen exige um visto de turismo, que os viajantes só conseguem através de uma agência local. São eles também que organizam o voo charter de caráter humanitário da Air Arabia, que nem sequer consta no site da empresa, saindo de Abu Dhabi com destino a Hadibo, capital de Socotra.

Depois de um embarque confuso, logo avistei da janela do avião as nuances de azul do mar, antecipando um visual deslumbrante. Após duas horas, aterrissamos no pequeno aeroporto de Hadibo, no único voo semanal.

Na saída, a equipe da Welcome to Socotra já estava a postos para nos receber e nos juntar às dez pessoas do grupo. Thereza e eu ficamos em um dos 4x4 com um guia e um motorista. Pedimos para ficar no fim do comboio para termos tempo de fotografar.

Engana-se quem imagina que o carro tinha bastante espaço para as malas e os equipamentos fotográficos. Cada um deles transporta esteiras, barracas de camping, colchonetes, cobertores, travesseiros e galões de água, além de malas e objetos pessoais de Amar, o jovem e frenético guia de 18 anos, e Ahmed, o nosso ágil motorista.

No total, o grupo é composto de cinco carros, sendo um deles uma picape de apoio, que leva todos os equipamentos e ingredientes para preparar nossas três refeições diárias nos lugares mais remotos.

Após uma passagem rápida pela caótica Hadibo, a maior cidade da ilha – a segunda é Qualansiyah –, seguimos para o leste, onde o primeiro acampamento foi erguido, em Dihamri. Trata-se de uma praia de formação rochosa em uma área de proteção ambiental devido à enorme quantidade de arrecifes e corais, muitos deles vivos, submersos na água, e uma in-



finidade de outros, já mortos entre conchas brancas trazidas pelas marés.

Já passava das 17 horas e o Sol começava a se pôr, quando demos as boas-vindas à luz da Lua, que estava em sua fase mais cheia, no dia 20 de dezembro. Ponto positivo, afinal, energia elétrica não é algo que se encontra com facilidade.

O cardápio de nosso primeiro jantar, preparado por Ahmed, foi frango na brasa com batatas e tomates, com quantidades cavalares de curry e cominho, e arroz... sempre o arroz.

Após o jantar, ainda sentado em uma das simples cadeiras de plástico do acampamento, avistei os cinco motoristas deitados em uma esteira no chão, mascarando khat em cima de confortáveis almofadas e soltando nuvens de fumaça a cada baforada da shisha. Me juntei a eles, e a conversa engatava na base de gestos e sorrisos e algumas traduções dos dois únicos guias que falavam inglês e socotri. Entendi que essa seria a minha cena boêmia das noites em Socotra.

DIA 2 – EM BUSCA DAS ROSAS-DO-DESEERTO

O amanhecer é fascinante. Depois de um completo café da manhã, desmontamos o acampamento e seguimos para Kalissan, cânions de formação rochosa branca e abundante em água, que vem das montanhas por um vale com vista para o Oceano Índico, no sul da ilha. No caminho, avistamos a primeira grande concentração de rosas-do-deserto, também chamadas de *bottle tree* pelo fato de estocar água em seu tronco – e sobreviver aos meses secos.

A rosa-do-deserto, árvore de tronco bojudo e flores rosas multicoloridas, é endêmica de Socotra. Na página ao lado, detalhe da flor exótica





É impressionante a quantidade de árvores espalhadas pelas montanhas e o tamanho de raízes e troncos, que chegam a mais de 2 m de altura. Infelizmente a florada das rosas foi em outubro, e muito já tinha terminado. Eis um bom motivo para voltar.

De lá, chegamos ao topo da montanha que dava acesso à trilha íngreme de terra, pedregulhos e rosas-do-deserto até Kalissan. Depois da caminhada de uma hora, sob um sol escaldante, a chegada garantiu a recompensa, com um banho nas inúmeras piscinas de água doce.

Com um descanso após o almoço, que foi improvisado ali mesmo, voltamos pela mesma trilha para seguirmos viagem para o próximo acampamento, nas Dunas de Arher.

O trajeto de duas horas para o extremo leste da ilha, próximo à junção do Oceano Índico com o Mar da Arábia, mostra que as estradas mudam a cada ano e somente veículos 4x4 são capazes de atravessá-las. Os fortes ventos do norte sopram a areia para os imensos paredões rochosos, criando dunas de tamanhos colossais.

Chegamos no final da tarde, montamos as tendas e eu fui tomar um banho... de mar mesmo, porque não há banheiro nos acampamentos. Sem dúvida, o sono em um colchonete em cima da areia foi mais agradável do que o da noite anterior, em cima de corais e conchas.

DIA 3 – ENTRE DOIS MARES

Bem cedo, seguimos caminho até Homhil, onde foi possível enxergar as primeiras *dragon blood trees* de pouca idade. Na base da montanha, encontramos um guia local que mostraria o caminho. A trilha de uma hora nos apresentou com imensas rosas-do-deserto e a recompensa de mergulhar em uma “piscina de borda infinita”.

Antes do mergulho, Wagdi, nosso guia principal, sugeriu que subíssemos um pouco mais, seguindo o caminho das águas, para avistar as primeiras árvores sangue-do-dragão.

Subimos ainda mais para ver a vegetação rochosa ser trocada por uma planície verde e chegar à casa de nosso guia. Conhecemos seu pai e seu irmão e fomos convidados para um chá. Entre algumas risadas e sem uma língua em comum, foi ali que tivemos o primeiro con-

Acima, as Dunas de Arher. Na página ao lado, um cardume de golfinhos em migração entre o Oceano Índico e o Mar da Arábia

tato com o franquincenso, uma resina da árvore de mesmo nome, típica da região, que libera um cheiro muito agradável quando queimada. E com a famigerada resina vermelha das *dragon blood trees*.

Fora do plano, foi uma experiência única conhecer a forma genuína de vida, a arquitetura e o interior das casas, com paredes simples, janelas pequenas, esteiras coloridas no chão e nada mais. A cozinha fica na área externa, abraçada por uma mureta de pedras que protege contra a proximidade de cabras e do gado da região. Em Socotra, a vida é para fora.

À tarde, seguimos para ver o pôr do sol na junção do Oceano Índico e do Mar da Arábia.

Nessa região, o vento toma ainda mais força e muda a fotografia do mar com mais ondas e novas espécies de vida marinha. Ainda assim, deixei o medo de lado e subi o drone para fazer imagens aéreas e fui apresentado com um cardume de golfinhos, migrando de um mar ao outro, cheio de filhotes brincalhões.

Na volta, ao anoitecer, paramos em uma praia próxima, que tem a maior formação de casas de caranguejo na ilha. Nunca tinha visto nada parecido. Uma imensidão de “cones” na areia. Ao chegar perto da água para o banho no fim de tarde, vi que não estava sozinho. Os “habitantes” também estavam tomando banho no subir e baixar das

ondas. Busquei uma brecha e entrei.

De volta ao acampamento, jantamos sob uma lua laranja saindo do mar.

DIA 4 – PAISAGEM MUTANTE

Acordamos às 4h45 para ver o sol nascer em cima das dunas. Foram 50 minutos de caminhada em montanhas íngremes e de areia fofa, com a lua iluminando o caminho.

Chegamos ao topo, esperamos o sol aparecer tímido atrás de nuvens. Desapontado, o grupo começou a descida, mas resolvemos ficar e ter a recompensa de vê-lo banhando de dourado a imensidão de areia e seus contrastes. Do outro lado, o mar azul-turquesa gritava aos nossos olhos. A mistura da sensação de um deserto com vista para o mar é um espetáculo único de Socotra.

Partimos rumo à próxima parada: a Laguna de Deetwah. No caminho, paramos para conhecer o Socotra Folk Museum, único museu da ilha, com materiais de pesca, formas ancestrais de preservação de alimentos, adornos de prata e o artesanato local. Tudo apresentado de forma simplificada e com o chão de areia.

Os deslocamentos constantes me fizeram perceber o quão impressionante é a mudança da fotografia em poucos quilômetros percorridos. Em Socotra, é pos-



sível ter a vivência de um clima desértico, planícies verdes e férteis, montanhas rochosas, cachoeiras e praias paradisíacas em apenas um dia.

Em uma dessas mudanças, o relógio marcava 12h48 quando avistamos a imensa lagoa azul à beira-mar pela primeira vez, de cima da colina que separa Deetwah de Qualansiyah.

A hora do almoço nos levou ao encontro de Elia, também conhecido como Abdullah. Ele vive entre Hadibo, Qualansiyah e sua caverna, com vista para o mar. A formação dos imensos bancos de areia permite que a praia tenha uma lagoa de água salgada entre as ondas e as formações rochosas do continente. Elia conta que foi buscar abrigo na caverna para se proteger dos últimos ciclones que atingiram o arquipélago. Ele é, sem dúvida, um dos personagens mais emblemáticos de Socotra. Grande conhecedor de cada canto da vida marinha que o cerca, além da vida como ela é, ele sobrevive da pesca e apenas com o necessário. Tudo isso ao lado de seu filho.

O cardápio de Elia foi uma das melhores refeições na ilha. Peixe na brasa, sépia, mexilhões cozidos e um dos melhores caranguejos que já provei, acompanhados de arroz servido em conchas de vieiras gigantes.

Após o chá e com a maré mais baixa, Elia nos guiou por seu quintal marítimo. No caminho, uma infinidade de frutos do mar: ouriços em diferentes cores, sépias que brilhavam, ostras, vieiras em conchas triangulares, abalones, polvos, arraías, estrelas-do-mar, baiacus, algas multicoloridas. A lista é imensa, mas o que mais me marcou foi a relação de Elia com o polvo. O molusco não se desgrudava de suas pernas e parecia haver amizade entre eles.

A luz dourada do pôr do sol nos guiou até o acampamento, a alguns quilômetros dali, nas margens do imenso banco de areia.

DIA 5 – PARAÍSO ISOLADO

Nosso próximo destino seria a Praia de Shoab, que tem acesso apenas por mar no extremo oeste da ilha. Chegamos às 8 horas à Praia de Qualansiyah e os pescadores já voltavam do

Acima, o espetáculo da Laguna de Deetwah. Na página ao lado, Elia, emblemático personagem local, com seu “amigo” polvo, e os frutos do mar da região

mar. A compra e venda de peixes é na areia, logo no desembarque. A praticidade também é ter o pescado limpo ali mesmo – vale lembrar que a energia elétrica é escassa e a preservação de alimentos é complicada.

Embarcamos em um dos tradicionais barcos de madeira e fibra e seguimos viagem. As nuvens impediam que o Sol iluminasse e revelasse a verdadeira cor da água. Enquanto isso, fomos presenteados por um cardume imenso de golfinhos, que nos acompanhou por parte da navegação.

Minutos depois, os raios de sol se abriram e evidenciaram um azul-claro, forte e iluminado, que me lembrou o tom de uma turmalina paraíba. De tão saturada, cristalina e limpa, parecia que os olhos eram incapazes de processar a cor. Após 40 minutos de navegação, chegamos a Shoab.

O vilarejo é povoado por pouco mais de três famílias, que vivem isoladas no extremo da ilha e se mantêm com a pesca. A praia é sinônimo de paraíso, da arte de não fazer nada, de sentir o lugar sem ver o tempo passar e mergulhar na água mais límpida que já conheci.

Quem nos recebeu foi Abdullah, um rapaz simpático que está ligado em redes sociais e entende o turismo como um negócio – isso se dá pelo fato de ele estar perto de Qualansiyah, um dos poucos

lugares na ilha com a cobertura 3G.

Fomos recebidos em sua casa e tivemos mais um almoço memorável. O cardápio? Lagostas fresquinhas de verdade, arroz e uma salada de tomate com pepino.

Às 15h30, já estávamos em Qualansiyah e seguimos até a colina com vista para a Laguna de Deetwah para mais uma caminhada ao entardecer. Por ali, em meio à imensidão de areia branca e com a maré baixa, parei para ver jovens fãs de Mohamed Salah jogando bola. Fiz fotos, conversei, joguei e segui sem pressa até o acampamento. Era a noite do dia 24 de dezembro.

DIA 6 – ENCONTRO COM AS DRAGON BLOOD TREES

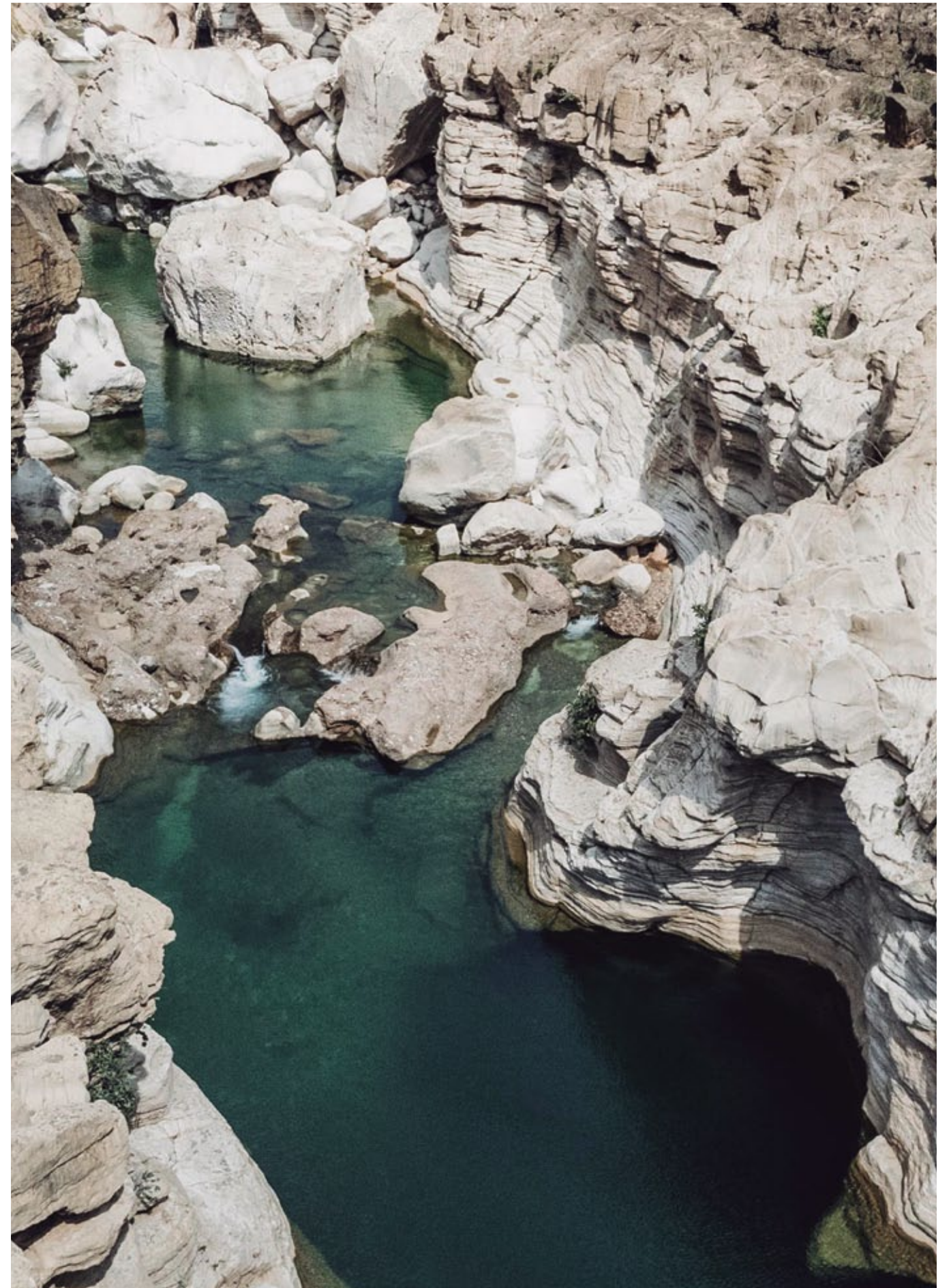
Era chegado o grande dia para qualquer viajante que vai a Socotra: a ida ao Platô de Diksam, o berço das *dragon blood trees*.

Nas três horas de estrada rumo ao coração da ilha, no alto das montanhas, paramos para ver as primeiras e majestosas árvores sangue-de-dragão, com mais de 500 anos de idade.

Chegar, parar, olhar, estranhar, observar. Ver essas árvores de perto me deu a sensação de estar em um mundo de ponta-cabeça, com as raízes para cima e talvez, quem sabe, a copa debaixo da terra. Estranhei a perfeição da natureza ao observar cada



Acima, o sorriso do garoto socotrano Abdullah, com vestes típicas do Oriente Médio. Na página ao lado, vista sobre Kalissan, os cânions brancos





detalhe oferecido. Para deixar tudo ainda mais enigmático, elas sangram uma seiva vermelha, da mesma cor do nosso sangue.

Um momento memorável foi desfrutar de um piquenique à sombra de uma das copas das inúmeras árvores que nos cercavam.

Seguimos rumo à floresta e à maior concentração de *dragon blood trees*. A cada quilômetro, a paisagem ia sendo preenchida pelas curiosas árvores, até alcançarmos mais uma trilha. Mais uma subida, mais uma impactante recompensa. Ao final do caminho, o olhar perde o foco na imensidão de um vale abraçado por montanhas. Foi de tirar o fôlego.

Isso tudo banhado com a luz dourada de um pôr do sol que iluminava a copa das árvores, fazendo parecer um imenso tapete de texturas arredondadas, como “cogumelos verdes”. É realmente surpreendente.

Foi difícil ir embora e, na hora que descemos, mal dava para enxergar a trilha. Ainda assim, consegui o retrato mais bonito que fiz em Socotra: o sorriso do menino Abdullah.

DIA 7 – MERGULHO INESQUECÍVEL

Os mil metros acima do nível do mar nos deram temperaturas mais frias e úmidas desde a noite anterior. Ainda estava escuro quando deixamos as ten-

das, molhadas pelo orvalho da madrugada, e saímos para caminhar. Sentado em uma pedra, olhando para o penhasco do imenso vale, a primeira fatia do Sol laranja apareceu no horizonte. Cada amanhecer, um presente.

Desde os preparativos da viagem, ainda no Brasil, falei com Mattheo que queria fazer mergulho com cilindro e conhecer o mundo submerso de Socotra. Como ninguém do grupo praticava *scuba diving*, foi só no último dia que consegui mergulhar em Dihamri, o local da nossa primeira e última noite acampando em Socotra.

Fui apresentado a Nassim, o único *dive master* do lugar. Em uma tradicional casa socotrana, ele guardava os equipamentos de mergulho. Tudo muito organizado, por sinal.

All check, a transparência da água nos dava 25 m de visibilidade. Abalones imensos, tubarões, estrelas-do-mar e corais multicoloridos e moreias com mais de 2 m de comprimento. Um mergulho difícil de esquecer.

De volta à terra firme, acendi o fogo enquanto Ahmed limpava um peixe de mais de 15 kg. Bati um vinagre à mão, com azeite, limão e sal em um copo de chá, e assei o peixe. Para os socotranos, foi um sabor completamente novo, ainda mais com o peixe no

ponto certo e não ressecado, como estão acostumados a preparar. Garantimos risadas e o nosso último jantar no paraíso.

O oitavo e último dia foi marcado pelo olhar de saudades antecipadas no caminho até o aeroporto de Hadibo. Com certeza, eu poderia ficar mais sete dias dormindo em barracas ao relento, tomando banho de mar e cachoeira. Tenho que voltar.

NATUREZA SUPREMA

Conhecer Socotra é uma experiência que vai além do turismo pelo turismo. É uma jornada para conhecer a si mesmo, para estar conectado integralmente à natureza e a você mesmo como um ecossistema único. Além disso, é um lugar que nos presenteia com o silêncio em um mundo surreal e novo para os nossos olhos, expandindo a consciência.

Acampar nesses lugares inóspitos, ao lado de socotranos, com infraestrutura mínima, me deu a sensação de pertencer e estar em sintonia com a mãe natureza em seu melhor estado. Obrigado, mãe! Ou melhor: *Lilabk allah!* (ilebek alá), que em socotri quer dizer “obrigado”. 📍

Acima, a encosta da Laguna de Deetwah. Na página ao lado, os incríveis tons e a visibilidade do Oceano Índico no caminho até a Praia de Shoab





ENTREVISTA

Tetê Etrusco

Nômade por natureza, a proprietária da Casa Turquesa encontrou seu porto seguro em Paraty (RJ), onde, além de gerenciar seu hotel, de fama irretocável, é responsável por projetos sociais, apoiadora dos pequenos produtores locais e uma anfitriã que faz dos hóspedes seus amigos

POR ERIK SADAQ
RETRATO TUCA REINÉS

Algumas pessoas se tornam a identidade de alguns lugares. Tetê Etrusco é uma delas. Conhecida em Paraty antes mesmo da abertura da sua Casa Turquesa, ícone da hotelaria de charme brasileira, já inspirou diversos empreendimentos e ações sustentáveis com foco no contato humano e na cultura do vilarejo colonial mais famoso do Brasil.

Nômade confessa, Tetê não pretendia se fixar em Paraty. A jornada que a levou até a cidade foi orgânica e cheia de percalços e golpes do destino.

Com a compra de um barco para navegar na região, iniciou uma agência de passeios que contavam com sua presença. Iniciada no universo do turismo, a Casa Turquesa foi um caminho natural. O nome Casa, aliás, não poderia ser mais apropriado. O hotel está instalado em uma área que se confunde com a sua própria residência. O hóspede sente o cuidado da fundadora em todos os momentos, a partir das dicas personalizadas aos cuidados e mimos pensados com carinho.

Basta conhecer Tetê pessoalmente para entender que a Casa nada mais é que a materialização de sua essência.

UNQUIET_ **Como veio parar em Paraty?**

Tetê Etrusco – A história é longa e começa em uma década longínqua. (*risos*) No começo dos anos 1990, eu e meu então marido morávamos em Cavallon, na Provence, sul da França. Como todo bom francês, ele é apaixonado pela costa brasileira. Tirávamos alguns meses de férias para explorar o litoral e, como sempre gostamos de Paraty, fomos naturalmente atraídos até a cidade. Acabamos comprando um barco e morando aqui seis meses do ano, durante o verão.

O processo de mudança foi um golpe do destino?

Não posso dizer que foi uma escolha. Entre nós, na época, eu nem queria deixar a Europa. Mas aconteceu. Ele tinha muita vontade de ter um negócio aqui. Estávamos navegando e o Jacques me dizia: pergunta quanto custa um barco. Um marinheiro nos mostrou um que estava à venda. O nome da embarcação me chamou a atenção: *Porto Seguro*. Nem imaginava que o compraríamos. Não era um investimento alto e pensei que o pior que poderia acontecer era ter um barco no Brasil.

Então o *Porto Seguro* foi o responsável por trazê-la ao universo do turismo?

Começamos a fazer passeios de escuna, já buscando o perfil dos clientes que hoje temos na Casa Turquesa. Gente que procurava uma experiência mais sofisticada, fugindo das praias e áreas mais lotadas da baía. Como conhecíamos a região muito bem, acabamos desenvolvendo rotas para cantos escondidos que acabavam surpreendendo mesmo quem já havia estado em Paraty.

Essa trajetória parece o sonho nômade atual.

Sim, nós vivemos esse sonho. Depois de alguns anos, acabamos nos separando. Continuei morando lá e cá, mas a vida foi me trazendo de

volta. Como não trabalhava mais na Europa, comecei a diminuir meu tempo por lá. De seis meses, passei a ficar cinco, depois quatro. O negócio começou a crescer e, como já passava mais tempo aqui do que na França, quando vi, tinha voltado de vez. Eu tenho alma nômade. É muito difícil para mim enraizar nos lugares.

Como uma nômade acabou ficando raízes na Casa Turquesa?

Quando voltei de vez, não tinha nenhum plano. Adorava estar sozinha no barco, cuidando dos negócios. Foi um período muito bom para aprender. Percebi que, apesar de não fazer passeios, algumas pessoas ficavam sabendo do “barco da Tetê”, como o *Porto Seguro* ficou conhecido, para tomar um drinque e conversar, assim como acontece hoje na Casa Turquesa. Eu não aguentava mais sair de barco e meus amigos sempre me diziam para comprar uma casa e abrir uma pousada. Eles diziam que tudo na cidade cheirava a mofo. (*risos*)

Eram outros tempos...

Era 1992. Nem de longe tínhamos o tipo de hotel que encontramos hoje no Brasil. Por coincidência, o barco pertencia ao Renato Tavolaro, o arquiteto responsável pela Casa Turquesa. Parece que estava escrito. Tivemos uma conexão ótima e somos amigos até hoje. Eu disse para ele que, assim que tivesse uma casa na cidade, ele seria o responsável, e assim foi. Renato tinha morado na cidade por muitos anos e resolveu ir embora após ficar viúvo. A Casa foi um retorno para ele. Além do hotel, ele é responsável pelo restauro de mais de 40 casas de Paraty.

O conceito da Casa Turquesa sempre esteve definido?

Olha, eu tenho que fazer tudo com a alma. Quando cuidava do barco, tudo funcionava muito em torno da minha presença. Eu queria que

A preocupação com a natureza e em apoiar a comunidade sempre foi uma prioridade minha como hoteleira

fosse uma casa sofisticada, de bom gosto, mas sem frescuras. Com alma e personalidade. A Casa tinha que ter um pouco a minha cara, com foco nos detalhes e atenção individual a cada hóspede.

A Casa é uma tradução dessa atenção?

Sim, eu gosto muito de me envolver em tudo. Dar dicas para os hóspedes, fazer com que todos se sintam em casa. Mas tudo aconteceu muito rápido. Sem nenhuma mídia, crescemos e ganhamos prêmios. Quando olho para trás, parece que tudo caiu do céu. Só começamos a promover a Casa Turquesa depois de quatro anos de funcionamento. Sempre achei que o projeto de abrir um hotel seria algo legal, mas não imaginava que ficaríamos conhecidos internacionalmente.

Você parece bastante integrada, em projetos sociais e de sustentabilidade na cidade.

Pois é. Sempre me preocupei com a natureza e seus recursos. Desde antes de morar na França, já tinha como costume evitar o desperdício de água e de energia, separar o lixo e evitar o plástico. Já há alguns anos, a Casa retirou todos os plásticos de uso único. Há algo interessante que aprendi nos vilarejos



Acima, concerto da Orquestra Sinfônica de Paraty e duas jovens tenistas do projeto PPT



do sul da França. Lá todos evitam compras em grandes mercados para fortalecer o pequeno produtor local. Aqui procuro fazer isso empregando e utilizando os serviços de pessoas da cidade. E procuro conscientizar o time que cuida da Casa sobre a importância disso.

Pode nos contar um pouco sobre os projetos sociais apoiados pela Casa?

Há dois projetos que apoio pessoalmente. O PPT (*Associação Pro Rio-Projeto Paraty Tênis*) é um dos meus preferidos, porque dá a oportunidade de crianças das comunidades do entorno de Paraty de acessar um esporte considerado elitista. As crianças começam a jogar cedo, já com 7 anos, e têm a oportunidade de viajar para competir. Ver jovens das comunidades com a raquete de tênis na mão é emocionante. Para algumas que começaram há alguns anos, estamos patrocinando a entrada na faculdade. O outro projeto que apoiamos é a Orquestra Sinfônica de Paraty.

Acredito que, melhorando as condições e dando esperança às crianças, contribuimos para o futuro e as incentivamos a assumir papéis no mundo. O esporte e a cultura cumprem isso.

Paraty é uma das capitais culturais do Brasil.

Sim. É incrível como projetos assim mudam a vida das crianças. Um dos meus afilhados no Paraty Tênis tinha o sonho de tocar violino. Hoje ele participa dos dois projetos. Além de ótimo tenista, toca violino bastante bem. Conseguimos oferecer a ele o acesso a duas atividades que, em nosso país, infelizmente, são considerados elitistas.

Os hóspedes da Casa Turquesa podem apoiar os projetos?

Nós temos um grupo forte de apoio, com moradores e proprietários de casas na cidade. Nos comunicamos constantemente para organizar ações e apoios de emergência, como recentemente, após as enchentes que enfrentamos no começo do ano. Os

hóspedes podem visitar o Paraty Tênis, que é aberto e conta com um reforço escolar. Os visitantes podem até jogar. Os ensaios da orquestra também são abertos e, claro, sempre que possível, conferir as apresentações que os meninos fazem durante o ano.

Sua empolgação dá sinais de que Paraty conseguiu conquistar uma nômade confessa.

Me encontrei na hotelaria. Toda a jornada da Casa Turquesa foi muito orgânica desde antes da fundação. Estar integrada à comunidade de moradores da cidade é gratificante, mas não sei o que o futuro me reserva. Tanta coisa se passou desde que cheguei por aqui. Recentemente, com a “descoberta do Brasil pelos brasileiros”, vivi uma nova alegria ao poder mostrar um dos litorais mais bonitos do planeta para muita gente que viaja o mundo, conhece outras culturas, mas, muitas vezes, não explora as nossas próprias belezas. Espero que a tendência se mantenha. 📍

Uma alerta para cuidarmos do nosso planeta!

Até 2025, Kivalina, no Alasca, se tornará o primeiro lugar a desaparecer em consequência do aquecimento global

POR RENATA CERIBELLI ILUSTRAÇÃO ALINE BISPO

A ideia de viajar para lugares distantes e isolados sempre me fascinou. E, por sorte, a profissão de jornalista já me levou para alguns cantos do mundo aonde pouquíssimas pessoas um dia pensaram em ir. É o caso de Kivalina, uma das vilas mais isoladas do estado norte-americano do Alasca, a cerca de 100 km do Círculo Polar Ártico e com um catastrófico destino traçado: nos próximos três anos, ou seja, até 2025, ela será coberta pelo mar e se tornará o primeiro lugar a desaparecer em consequência do aquecimento global.

Eu estive em Kivalina oito anos atrás e os moradores já sabiam que teriam que abandonar suas casas. O governo tentava realocar as famílias, mas elas resistiam – e resistem até hoje.

Meu voo até a vila aconteceu em janeiro de 2014. Confesso que eu estava apreensiva, ansiosa e curiosa sobre a experiência que viveria por lá. A aventura começou no avião, que eu não indico para quem tem medo de voar. Do lado de dentro, a aeronave, entre oito e dez lugares, tinha uma aparência descuidada, com todas as poltronas danificadas de alguma forma. Do lado de fora, no lugar das rodas do trem de pouso, estavam dois esquis enormes, pois não teríamos exatamente uma pista, e sim um enorme volume de neve como única opção para pousar.

E lá estava eu, sobrevoando a região ártica, no topo do mundo. Pela janela, se viam imagens da tragédia anunciada: na camada de gelo, sobre o oceano, que deveria estar totalmente congelado, muitas rachaduras e buracos profundos.

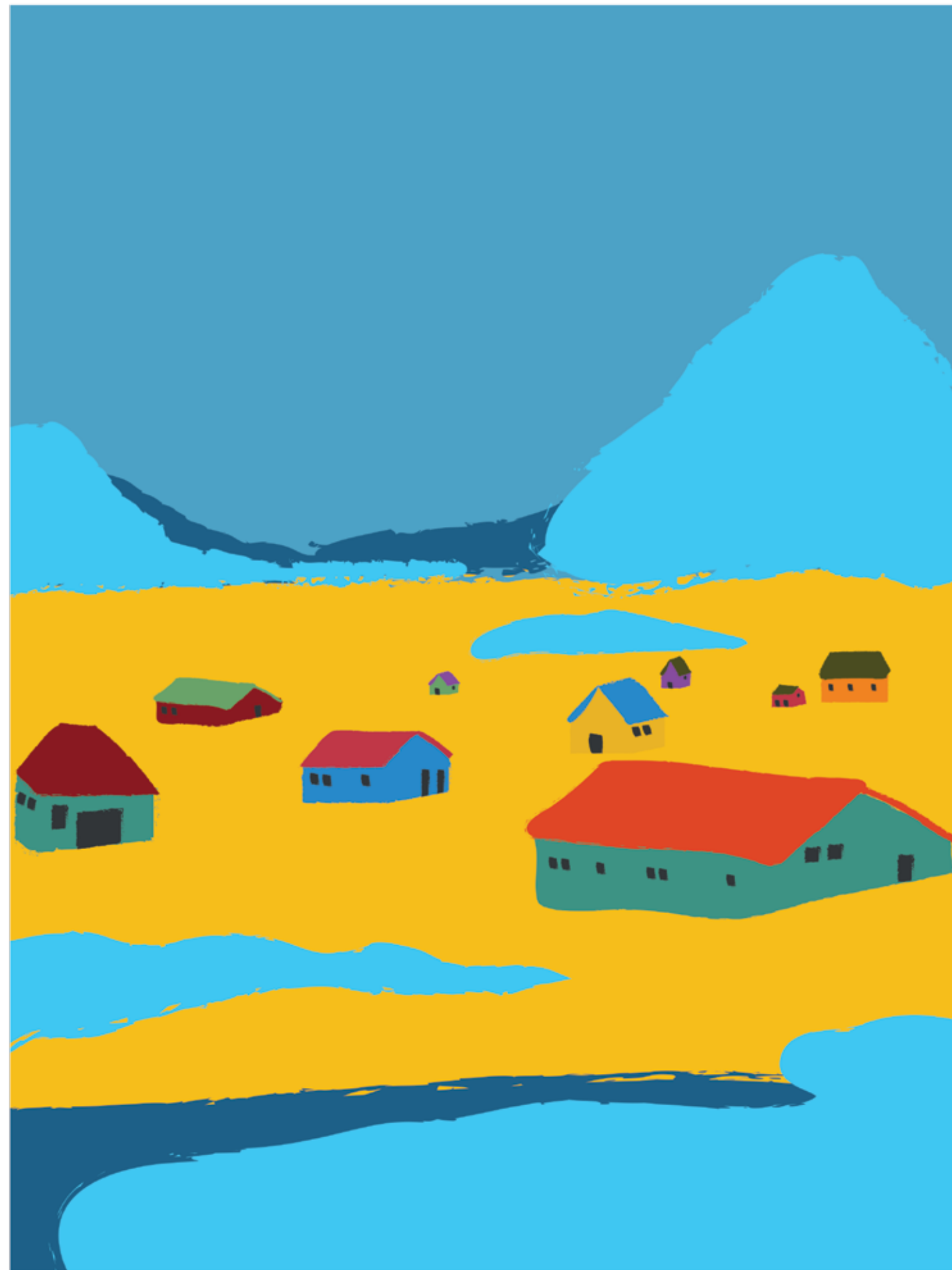
Logo após o pouso, tive meu primeiro contato com os inuítes, moradores de Kivalina, pertencentes a uma comunidade indígena de esquimós.

A temperatura estava em -2° C, com a sensação térmica de -10 . O normal seria -30 , -40° C. E eles riam de me ver muito agasalhada, mas muito mesmo. Afinal, se sentiam na temperatura de primavera. Mais uma mostra do quanto os termômetros na região estão subindo.

Saio pela vila e é impossível não ficar angustiada sabendo que tudo está fadado a desaparecer. Um enorme muro foi construído pelos próprios moradores para tentar segurar as ondas, cada vez mais intensas. É que o degelo provocado pelas temperaturas mais altas está deixando a camada de gelo que cobre o mar cada vez mais fina. O solo, já frágil na região, sofre cada vez mais erosão. E vai chegar um momento, dizem os especialistas, em que não será mais possível conter o avanço das águas, que levarão Kivalina para o fundo do oceano.

O dia só dura três horas nessa época. Amanhece ao meio-dia e, às 3 da tarde, está escuro novamente. Eu olho as crianças aproveitando cada segundo da luz solar para brincar ao ar livre, pensando que nem de longe imaginam a ameaça que paira sobre todos. O aquecimento da região altera cada vez mais os hábitos dos animais, dificultando a sobrevivência da maioria dos moradores, que dependem da caça e da pesca para viver. Quem continuar ali, além da ameaça de a vila ser invadida pelas águas, vai passar fome e não terá emprego.

Os pesquisadores não param de alertar: se Kivalina desaparecer, o planeta inteiro sofrerá as consequências. A história dessa vila vai se repetir em outros lugares? Será que um dia ficaremos todos sem ter para onde fugir? Do que podemos ter certeza é que o problema de Kivalina não é só de seus habitantes. É de todos nós. 📍



Inspiradores



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

JESSE KOZ (1993-2022)

Um garoto sonhador, o cão mais companheiro do mundo e um fusca branco, ano 1978. Os três viajando pelo mundo ao sabor do vento, da chuva, das paisagens e de sua própria sorte. Viajando muito: oito anos América a fora, encontrando pessoas, lagos e paisagens. A essência de viajar, de vivenciar novas culturas e de se juntar a elas sem amarras, apenas pelo prazer de experimentar novas sensações, lugares e sorrisos. Tudo documentado e dividido, em tempo real, com fiéis espectadores, que, com ele, almejavam viver tamanha aventura.

A simples sinopse da história de Jesse Koz e de seu golden retriever Shurastey (verso da música "Should I Stay?...", do The Clash), a bordo de um alquebrado fusquinha apelidado de Dodongo, certamente teria uma recepção de gala no fechado mundo dos roteiristas de Hollywood.

Homem, cão, máquina e viagem longa serão sempre o projeto de *easy riders* do mundo todo. Koz foi acompanhado, dia a dia, por 400 mil seguidores

(assim como o personagem de Tom Hanks, em seu maior sucesso no cinema, foi uma espécie de *Forrest Gump*, que atravessou a América correndo, no filme homônimo). Inspirou jovens, despertou sonhos e até hoje continua povoando as estradas de outros viajantes felizes como ele.

O projeto de Jesse teve início em Balneário Camboriú, seguiu até Ushuaia, na Argentina, e, da cidade mais austral do planeta, ele decidiu fazer do Alasca, a última fronteira da América do Norte, o ponto final de sua expedição. Milhares de pessoas esperavam vê-lo, ao lado de Shurastey, se aquecendo na fogueira, em um projeto realizado após 16 países e um sem-fim de aventuras.

Quis o destino, porém, que o "pé na estrada" do trio acabasse em tragédia, e cujos detalhes não interessam. Um releve acidentado de trânsito. Pelos três personagens que hoje vivem em nosso coração, fica uma dor muda feita em migalhas. Pelo sonho de continuar na estrada, sem lenço e sem documento, fica a certeza de que viajar é um sonho que sempre vale a pena. 📍

VIVO FIBRA

Contrate **Vivo Fibra + TV** pelo WhatsApp e conte com técnicos especializados para garantir o sinal Wi-Fi em todos os cômodos da casa.

600 | **TV**
MEGA



Fale com um consultor Prime pelo WhatsApp

 (11) 99915-9648

Quem sabe ser eficiente na vida financeira, não quer um banco pela metade.

QUEM SABE, SAFRA.

Uma conta completa com um mundo de serviços do Safra. Cartão de crédito com experiências exclusivas, empréstimos, assessoria pra investir e acesso à Safra Corretora.



ABRA UMA CONTA COMPLETA PELO APP.

180 ANOS



Safra

